

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

NAYURE MIRELLE MARQUES RIBEIRO

**SUBSTITUIÇÃO LEXICAL NO CONTEXTO DAS DISCUSSÕES SOCIAIS
SOBRE PROTAGONISMO FEMININO: RESSIGNIFICAÇÃO E *REFRAMES* EM
PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA**

GOIÂNIA

2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Nayure Mirelle Marques Ribeiro

3. Título do trabalho

SUBSTITUIÇÃO LEXICAL NO CONTEXTO DAS DISCUSSÕES SOCIAIS SOBRE
PROTAGONISMO FEMININO: RESSIGNIFICAÇÃO E REFRAMES EM PERSPECTIVA
SOCIOCOGNITIVA

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Nayure Mirelle Marques Ribeiro**, **Discente**, em 16/03/2026, às 19:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leosmar Aparecido Da Silva**, Professor do Magistério Superior, em 17/03/2026, às 09:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6059347** e o código CRC **FDE8EAFD**.

Referência: Processo nº 23070.003644/2026-79

SEI nº 6059347

NAYURE MIRELLE MARQUES RIBEIRO

**SUBSTITUIÇÃO LEXICAL NO CONTEXTO DAS DISCUSSÕES SOCIAIS
SOBRE PROTAGONISMO FEMININO: RESSIGNIFICAÇÃO E REFRAMES EM
PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do título de Mestra em Letras e Linguística.

Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Linha de Pesquisa: LP4 - Forma e funcionamento de línguas indígenas, línguas de sinais, língua portuguesa e outras línguas.

Orientador: Prof. Dr. Leosmar Aparecido da Silva

GOIÂNIA

2026

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Ribeiro, Nayure Mirelle Marques
SUBSTITUIÇÃO LEXICAL NO CONTEXTO DAS DISCUSSÕES SOCIAIS
SOBRE PROTAGONISMO FEMININO [manuscrito]: RESSIGNIFICAÇÃO E
REFRAMES EM PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA / Nayure Mirelle Marques
Ribeiro. - 2026.
CXXII, 122 f.: il. 2026

Orientador: Prof. Dr. Leosmar Aparecido da Silva
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de
Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2026.
Ilustrações.
Inclui: siglas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Linguística Cognitiva. 2. Semântica de Frames. 3. Substituição
Lexical.

I. Silva, Leosmar Aparecido da, orient. II. Título.

CDU 81



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE LETRAS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 4 da sessão de Defesa de Dissertação de Nayure Mirelle Marques Ribeiro, que confere o título de Mestre em Letras e Linguística, na área de concentração em Estudos Linguísticos.

Aos vinte e seis dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e seis, a partir das 14h, via Google Meet, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “SUBSTITUIÇÃO LEXICAL NO CONTEXTO DAS DISCUSSÕES SOCIAIS SOBRE PROTAGONISMO FEMININO: RESSIGNIFICAÇÃO E REFRAMES EM PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA”. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor Leosmar Aparecido da Silva (PPGLL/FL/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Izabel Larissa Lucena Silva (PPLin/UNILAB), membro titular externo e Professora Doutora Edna Silva Faria (PPGLL/FL/UFG), membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata aprovada pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor Leosmar Aparecido da Silva, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos vinte e seis dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e seis.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Leosmar Aparecido Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 26/02/2026, às 16:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Edna Silva Faria, Professora do Magistério Superior**, em 26/02/2026, às 16:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flavio Pereira Camargo, Coordenador de Pós-Graduação**, em 27/02/2026, às 09:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5941994** e o código CRC **B206B44C**.

“Nós mulheres ficamos dois mil anos caladas e queremos ter o
direito de falar”

Ministra Cármen Lúcia, 2025.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão, antes de tudo, a Deus e a Nossa Senhora, que estiveram e permanecem comigo em cada etapa desta caminhada. Nos momentos de choro e também de alegria, foi na fé que encontrei força para seguir firme.

Aos meus pais, minha eterna gratidão por nunca deixarem faltar nada, por me proporcionarem a oportunidade de estudar e por me apoiarem nos meus sonhos. Em especial, deixo meu mais profundo agradecimento à minha mãe, Leyliane que sempre fez de tudo para que eu pudesse chegar até aqui e nunca me deixou esquecer que, por meio dos estudos, é possível ir longe. Sua história me inspira diariamente e este trabalho carrega muito do que aprendi ao observá-la a enfrentar a vida. Uma mulher guerreira, dona de casa, trabalhadora incansável, mãe presente, esposa e filha dedicada que me ensinou na prática o significado de coragem, responsabilidade e amor.

Ao meu irmão Nathan, sempre presente, me apoiando, me fortalecendo e acreditando em mim, inclusive nos momentos em que eu mesma duvidei do meu potencial.

Um carinho especial para a minha cadelinha Radija (*in memoriam*), que, mesmo dormindo ou latindo, esteve sempre ao meu lado, ouvindo minhas ideias e participando, silenciosamente, dos ensaios das apresentações.

Agradeço à minha família, que, mesmo quando nem todos compreendiam a importância e as exigências de um mestrado, nunca deixou de apoiar. À minha avó Mariinha, que esteve sempre rezando por mim, bem como a minha avó Maria Cleuza (*in memoriam*), minha gratidão pelas orações e pelo cuidado comigo, mesmo após sua partida. Ao meu tio Gui, grande inspiração para seguir essa trajetória e constante incentivador; às minhas tias que me ajudaram a ingressar na Universidade Pública e me apoiaram; às minhas primas, que ouviram bastante, mas também vibraram comigo e estiveram presentes.

Aos meus amigos, minha sincera gratidão. Em especial, à Milena, amiga que a faculdade me deu e que, desde então, permanece presente em cada etapa acadêmica. Assim como os demais amigos que fiz ao longo da trajetória da Pós-Graduação, que contribuíram de diferentes formas para que este trabalho se concretizasse. Vocês também fazem parte dele.

Meu agradecimento mais profundo ao meu orientador, professor Leosmar, que desde o início, ainda no primeiro período da graduação, me acolheu, acreditou em mim e me apresentou ao mundo da pesquisa. Se hoje sou pesquisadora, devo a ele cada ensinamento,

cada oportunidade e cada gesto de confiança. Sou imensamente grata e feliz por ter me apresentado à pesquisa.

Agradeço à Universidade Federal de Goiás, de modo especial à Faculdade de Letras, minha segunda casa e espaço onde vivi grande parte da minha trajetória acadêmica. Às professoras, pelos ensinamentos e pela troca de ideias que contribuíram significativamente para este trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, pelo suporte ao longo dessa trajetória. Ao coordenador, às secretárias e secretário da Pós, pelo esclarecimento de dúvidas, pela produção de documentos, pela gentileza de sempre.

Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos, que possibilitou minha dedicação integral à pesquisa e foi fundamental para a realização deste trabalho.

Por fim, eu me parablenizo por ter trabalhado tanto e seguido firme ao longo desta trajetória, por não ter desistido diante dos desafios e por ter acreditado, mesmo nos momentos de dúvida, que seria possível chegar até aqui enquanto mulher. Reconheço o esforço diário, a disciplina e a coragem que me sustentaram ao longo do caminho. Carrego comigo o lema que “Todo esforço tem sua recompensa” e este trabalho é a concretização dessa verdade. Sou mulher, sou pesquisadora e sigo com gratidão por tudo o que fui capaz de construir até aqui.

RIBEIRO, Nayure Mirelle Marques. *Substituição lexical no contexto das discussões sociais sobre protagonismo feminino: ressignificação e reframes em perspectiva sociocognitiva*. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em letras e linguística. Goiânia: UFG. 122 p.

RESUMO

Este trabalho analisa, por meio da rede social *X* (antigo Twitter), propostas de substituição de palavras, frases e expressões convencionais por outras consideradas inovadoras ao papel da mulher na sociedade contemporânea. Expressões como *lugar de mulher é na cozinha* são ressignificadas por alternativas como *lugar de mulher é onde ela quiser*, revelando um processo de mudança linguística pautado por transformações cognitivas e culturais. A metodologia adota uma abordagem qualitativa, com procedimento técnico de pesquisa documental, dividida em quatro etapas. A primeira etapa compreende estudos teóricos sobre o protagonismo feminino e a importância da linguagem na luta contra a estrutura patriarcal (Pinto, 2010; Fontes, 2023), além de fundamentos da Linguística Cognitiva, como *construto*, *frames*, *reframe* e relexicalização (Langacker, 2008; Fillmore, 2009; Lakoff, 2006). A segunda etapa dedica-se à geração dos dados, com o auxílio do ChatGPT para buscas específicas na web em geral e na rede *X* em específico. Na terceira etapa, foram coletados quinze *posts* e organizados em três categorias: (1) oito *posts* que sugerem mudanças linguísticas relacionadas à mulher; (2) três *posts* de com diferentes usuários discutindo a mesma palavra; (3) quatro *posts* com questionamentos sobre expressões específicas, acompanhados de três comentários com sugestões de substituição. A quarta etapa consiste na análise dos comentários e justificativas dos internautas, considerando os aspectos teóricos mencionados. Os resultados, indicam que há demandas sociais pela substituição de palavras/expressões que objetificam, desqualificam ou inferiorizam a mulher. As propostas visam à construção de uma linguagem cujos *frames ativados* apontam para sentidos respeitosos e não patriarcais. Um exemplo é a substituição de *mãe solteira* por *mãe solo*. Enquanto o primeiro ativa um *frame* baseado no estado civil, com conotações negativas, o segundo destaca a função materna autônoma, promovendo um olhar mais empático sobre essa configuração familiar. As Redes sociais, como o *X*, atuam como espaços de circulação, visibilidade e amplitude de debates metalinguísticos que fazem parte do cotidiano dos usuários.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva. Semântica de *frames*. Substituição lexical.

RIBEIRO, Nayure Mirelle Marques. *Lexical replacement in the context of social discussions about female protagonism: resignification and reframes in a sociocognitive perspective*. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em letras e linguística. Goiânia: UFG. 122 p.

ABSTRACT

This study analyzes, through the social network X (formerly Twitter), proposals for replacing conventional words, phrases, and expressions with alternatives considered more innovative in relation to the role of women in contemporary society. Expressions such as “*lugar de mulher é na cozinha*” are resignified through alternatives like “*lugar de mulher é onde ela quiser*”, revealing a process of linguistic change grounded in cognitive and cultural transformations. The methodology adopts a qualitative approach, using documentary research as the technical procedure, and is divided into four stages. The first stage comprises theoretical studies on female protagonism and the importance of language in the struggle against patriarchal structures (Pinto, 2010; Fontes, 2023), as well as key concepts from Cognitive Linguistics, such as constructs, frames, reframing, and relexicalization (Langacker, 2008; Fillmore, 2009; Lakoff, 2006). The second stage is dedicated to data generation, with the support of ChatGPT for specific searches on the web in general and on the X platform in particular. In the third stage, fifteen posts were collected and organized into three categories: (1) eight posts suggesting linguistic changes related to women; (2) three posts by different users discussing the same word; and (3) four posts containing questions about specific expressions, accompanied by three comments with substitution suggestions. The fourth stage consists of analyzing the users’ comments and justifications, considering the aforementioned theoretical frameworks. The results indicate the existence of social demands for the replacement of words and expressions that objectify, disqualify, or subordinate women. These proposals aim at constructing a language whose activated frames point to respectful and non-patriarchal meanings. One example is the substitution of “*mãe solteira*” by “*mãe solo*”. While the former activates a frame based on marital status, often carrying negative connotations, the latter highlights autonomous motherhood, promoting a more empathetic view of this family configuration. Social networks such as X function as spaces for the circulation, visibility, and amplification of metalinguistic debates that are part of users’ everyday interactions.

Keywords: Cognitive Linguistics. Frame Semantics. Lexical substitution.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

FIGURAS	PÁG.
Figura 1: <i>Fac-símile</i> da Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã	26
Figura 2: Inserção da mulher na Revolução Industrial	27
Figura 3: <i>Folders</i> do Dia Internacional da Mulher	28
Figura 4: Mulheres manifestando pelo direito ao voto	28
Figura 5: <i>Fac-símile</i> retirado da Cartilha “Não a discriminação: uma linguagem adequada e inclusiva”	42
Figura 6: <i>Fac-símile</i> da capa do Manual publicado pela Associação Mulheres pela Paz	44
Figura 7: <i>Fac-símile</i> do sumário do Manual	45
Figura 8: Exemplo de composição <i>fabricante de batom</i> , por Langacker (2008)	54
Figura 9: Concepção Linguística	56
Figura 10: Concepção Linguística de <i>mãe solteira</i>	57
Figura 11: Concepção Linguística de <i>mãe solo</i>	58
Figura 12: Exemplo do acionamento da palavra <i>avião</i>	60
Figura 13: <i>Fac-símile</i> retirado da página inicial da plataforma <i>X</i>	72
Figura 14: <i>Fac-símile</i> aba explorar do <i>X</i>	72
Figura 15: <i>Fac-símile</i> de geração de dados a partir da busca <i>mudança-mulher-palavra</i>	74
Figura 16: <i>Fac-símile</i> do ChatGPT explicando sobre a fonte da geração de dados	76
Figura 17: <i>Fac-símile post</i> de um único internauta, sem comentários	78
Figura 18: <i>Fac-símile post</i> que faz proposta de substituição lexical ou ressignificação de uma mesma unidade linguística, sem comentários	79
Figura 19: <i>Fac-símile posts</i> com questionamento sobre determinada palavra, com comentários	80
Figura 20: Imagem de uma peça chamada <i>fêmea fácil</i>	87
Figura 21: Resultado da busca no Google por <i>Débora-sexy</i>	92
Figura 22: Concepção Linguística da expressão <i>bela, recatada e do lar</i>	98
Figura 23: Concepção Linguística da expressão <i>bela, empoderada e do lar</i>	99

Figura 24: Representação da expressão <i>atrás de um grande homem há sempre uma grande mulher</i>	101
Figura 25: Representação da expressão <i>ao lado de uma grande mulher há sempre outras grandes mulheres</i>	102
Figura 26: Estampa de camiseta com a expressão <i>lute como uma garota</i>	104
Figura 27: alteração de <i>frames</i> de <i>dona de casa</i> e <i>dona</i>	104

QUADRO	PÁG.
Quadro 1: Frases e expressões e propostas de substituição feitas pela Cartilha, como forma de desativar expressões preconceituosas	43
Quadro 2: Elementos do construto com os produtos <i>mãe solteira</i> e <i>mãe solo</i>	56
Quadro 3: Tipos de <i>frames</i> e exemplos	62
Quadro 4: Lista de palavras, frases e expressões e sugestão de mudança feitas pelo ChatGPT num experimento-teste	76
Quadro 5: Lista de expressões compostas pela palavra <i>mulher</i>	84
Quadro 6: Lista de expressões compostas pela palavra <i>fêmea</i>	86
Quadro 7: Lista de usos de nomes próprios para se referir a mulher	89
Quadro 8: Lista de expressões com o uso do nome <i>Maria</i>	93
Quadro 9: Lista de expressões compostas pela palavra <i>mãe</i>	95
Quadro 10: Dado 22 com <i>posts</i> sobre a expressão <i>mulher de fulano</i>	105
Quadro 11: Dado 23 com <i>posts</i> sobre as expressões <i>machorra</i> , <i>maria homem</i> , <i>homenzinho</i> , <i>sapatão</i> , <i>lésbica masculina</i> e <i>machinho</i>	107
Quadro 12: Dado 24 com <i>posts</i> sobre a expressão <i>mais macho que muito homem</i>	108
Quadro 13: Dado 25 discussões sobre as expressões <i>mãe solteira</i> e <i>mãe solo</i>	109
Quadro 14: Dado 26 discussão sobre a palavra <i>presidente</i> e <i>presidenta</i>	111
Quadro 15: Dado 27 discussões sobre a mudança da expressão <i>tomara que caia</i> para <i>blusa sem alça</i>	112
Quadro 16: Dado 28 sobre a palavra <i>periguete</i>	113

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT- Associação Brasileira de Normas Técnicas
Cfemea- Centro Feminista de Estudos e Assessoria
CNDM - Conselho Nacional da Condição da Mulher
EI - Escopo Imediato da Concepção
EM - Escopo Máximo da Concepção
EP - Escopo Potencial da Concepção
F - Foco da atenção
IA - Inteligência Artificial
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LC - Linguística Cognitiva
MCI - Modelo Cognitivo Idealizado
NBR- Norma Brasileira
ONU - Organização das Nações Unidas
PPGLL - Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística
Repem - Rede de Educação Popular entre Mulheres da América Latina
S - Conceitualizador
TRT15 - Tribunal Regional do Trabalho da 15ª da Região
UFG - Universidade Federal de Goiás
Unicamp - Universidade Estadual de Campinas
Unifem - United Nations Development Fund for Women

SUMÁRIO

SEÇÃO I	
INTRODUÇÃO	17
SEÇÃO II	
O PROTAGONISMO FEMININO AO LONGO DA HISTÓRIA	24
2.1 Breve histórico da luta da mulher pela igualdade de direitos	24
2.2 O protagonismo da mulher na sociedade contemporânea	33
2.3 A participação da língua no processo de luta contra a sociedade patriarcal	38
2.4 Material empírico das instituições que recomendam mudança no uso de determinadas expressões	41
SEÇÃO III	
LINGÜÍSTICA COGNITIVA: CONSTRUTOS, <i>FRAMES</i> E <i>REFRAMES</i>	46
3.1 A perspectiva teórica da Linguística Cognitiva	46
3.2 A significação para a Linguística Cognitiva	48
3.3 A noção de construto	52
3.4 A semântica de <i>frames</i>	59
3.5 A relexicalização e o <i>reframe</i>	63
SEÇÃO IV	
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	70

4.1 Tipo de pesquisa	70
4.2 O <i>corpus</i> da pesquisa	70
4.3 As etapas da pesquisa	81
4.4 Critérios de análise	81
SEÇÃO V	
ANÁLISE DOS DADOS	83
5.1 A gramática da língua e os usos gerais de expressões representativas da perspectiva patriarcal	83
5.2 A manifestação de <i>frames</i> nas expressões convencionais e nas expressões inovadoras	97
SEÇÃO VI	
CONCLUSÃO	115
REFERÊNCIAS	119

SEÇÃO I

INTRODUÇÃO

A linguagem é uma ferramenta fundamental nas interações humanas e exerce papel central na forma como percebemos, organizamos e interpretamos o mundo. Em especial, palavras, frases, expressões e ditos populares estão profundamente enraizados na cultura e no cotidiano, sendo utilizados muitas vezes de forma automática, sem a devida reflexão sobre seus significados ou origens. Expressões como *denegrir*, *humor negro*, *mercado negro* e *feito nas coxas*¹ ilustram como certos enunciados, embora naturalizados, podem carregar traços de preconceito ou estigmatização histórica. O uso da expressão *denegrir*, por exemplo, tem sido orientada por cartilhas de instituições legislativas e judiciárias, *sites* da internet e por grupos sociais em substituir por *difamar*, *rebaixar* ou *menosprezar*, uma vez que a palavra antiga, do latim *denigrare* (supostamente *tornar negro*), passou a carregar uma carga semântica negativa e racista. Da mesma forma, a expressão *feito nas coxas*, associada atualmente a uma visão pejorativa da produção artesanal, tem sido revista por estudiosos da linguagem e por falantes atentos às suas implicações históricas, orientando a substituição por *improvisado* ou *sem padrão*².

Em diversos contextos comunicativos, essas palavras e expressões circulam, reforçando estruturas culturais e sociais. No entanto, com o avanço das discussões sobre linguagem inclusiva cresce também a atenção crítica em relação a esses usos. Nesse cenário, surge o objetivo desta dissertação que é fazer uma análise léxico-semântica da proposta (que emerge das redes sociais) de substituição de palavras, expressões e frases relacionadas às mulheres por outras expressões supostamente mais atuais e alinhadas às demandas sociais. A proposta de uso de expressões alternativas nas redes sociais surge quando alguns usuários consideram que determinada palavra é desatual, pejorativa, preconceituosa ou reforçadora da cultura patriarcal. A rede social *X* (antigo *Twitter*) é popular por apresentar discussões, questionamentos e propostas desse tipo, feitas principalmente por não linguistas, uma vez que a plataforma permite que os usuários compartilhem informações, escrevam, interajam e comentem em outras publicações.

¹ O uso do *itálico* durante todo o trabalho será para dar ênfase, segundo a ABNT NBR 14724. 2024.

² 10 expressões pejorativas disfarçadas no ambiente de trabalho. Disponível em: <<https://www.primecursos.com.br/blog/expressoes-pejorativas-disfarçadas-no-ambiente-de-trabalho/>>. Acesso em: 26 de julho de 2025.

Para mais, essa dissertação tem como uma das finalidades descrever e explicar a funcionalidade dos elementos léxico-linguísticos que problematizam os usos linguísticos e contribuir para que haja trabalhos científicos que tratam daquilo que, para alguns, constitui substituição *politicamente correta*³ e que, para outros, constitui necessidade de *desconstrução das bases estruturais do patriarcado* e que, para outros ainda, constitui uma *discussão vazia*.

Em vista dessas considerações, este trabalho partiu do seguinte problema: que formas lexicais têm sido propostas como alternativas para formas tradicionalmente usadas no contexto do papel da mulher na sociedade contemporânea?

Desse problema, emergiram algumas perguntas de pesquisa:

- 1) que palavras e expressões são questionadas, nas redes sociais, de serem usadas no cotidiano no que se refere à mulher?
- 2) que causas são apontadas para justificar o questionamento?
- 3) que formas alternativas são propostas no lugar das palavras questionadas?
- 4) que *frames* evocam o primeiro e o segundo tipo de palavras?
- 5) como a relexicalização e o reenquadramento *frâmico* podem contribuir para a alteração de *frames* cognitivos construídos ao longo da história dos indivíduos?

A hipótese básica é de que o uso de determinadas palavras ou expressões é justificado pelo fato de elas perpetuarem a cultura patriarcal, já que evocam *frames* que minimizam a mulher e supervalorizam os homens. A proposta de substituição, por sua vez, problematiza os *frames* patriarcais e evoca outros, com valores mais ou menos ‘igualitários’.

O interesse pelo estudo da substituição lexical foi motivada inicialmente por meio de uma consulta inicial à base de dados da Capes e do Google Acadêmico⁴ que mostrou como resultado poucos estudos na área da linguística que abordasse sobre o processo de alteração lexical nos estudos sobre gênero, apesar de a temática do protagonismo feminino estar em evidência sob outros enfoques.

³Em trabalhos acadêmicos sobre mudanças lexicais e discursivas, a expressão *politicamente correta* é normalmente utilizada para designar formas substitutivas, embora essa denominação implique um viés normativo ao sugerir uma forma “correta”. Por essa razão, trago de algumas sugestões, como: *forma inovadora*, *forma alternativa* ou *expressão substitutiva*, a fim de reduzir esse efeito normativo.

⁴Busca realizada nas bases Google Acadêmico e Capes Periódicos em setembro de 2025 utilizando os termos ‘substituição lexical mulher protagonismo feminino’. Google Acadêmico. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=substitui%C3%A7%C3%A3o+lexical+mulher+protagonismo+feminino&btnG=>>. Acesso em: 26 de set. de 2025. Capes Periódicos. Disponível em: <<https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaador.html?q=all%3Acontains%28substitui%C3%A7%C3%A3o+lexical+mulher%29&mode=advanced&source=all>>>. Acesso em: 26 de set. de 2025.

Um dos achados foi uma dissertação de Mestrado intitulada “Lexias sexistas e violência política de gênero no *Twitter*”⁵, que aborda o estudo linguístico em que o léxico manifesta nuances de violência contra as mulheres. A autora analisa postagens e interações da rede social *Twitter* direcionadas às quatro candidatas ao cargo de Presidente da República do Brasil no ano de 2022 (Simone Tebet, Soraya Thronicke, Sofia Manzano e Vera Lúcia). O trabalho oferece um produto lexicográfico (glossário) de difemismos contra mulheres. Esse trabalho foi de grande valia para complementar os estudos para a realização desta dissertação.

Outros trabalhos também contribuíram para a construção desta dissertação. Em geral, eles apresentavam a temática feminista, o protagonismo feminino e as discussões de gênero em outras áreas como a antropologia, a história, a sociologia, a publicidade e a propaganda.

No que diz respeito à ressignificação, trabalhos na área do discurso contribuíram para embasamento teórico, apesar desta dissertação se concentrar no campo da Linguística Cognitiva. O artigo de Baronas, Costa e Conti (2021) intitulado “Ressignificação discursiva em diferentes contextos: linguística popular e ludolinguistas”, foi relevante para esta dissertação ao aprofundar discussões sobre ressignificação discursiva a partir de reflexões de Marie-Anne-Paveau, no que se refere à dimensão ética e política dos usos da linguagem. Em seu trabalho, Baronas (2021) tem como objetivo principal apresentar, testar e ampliar a proposta teórica de Paveau em diferentes dados, analisando práticas de ressignificação que ocorrem tanto sobre o branqueamento da imagem de Machado de Assis quanto falas de insulto de Jair Bolsonaro direcionadas a diferentes atores sociais. O resultado apresentado pelo autor é que a ressignificação pode operar como uma ferramenta discursiva eficaz de resistência e combate aos discursos de ódio, ao desestabilizar sentidos convencionais e expor relações de poder naturalizadas no espaço público.

O artigo “Uma análise construcional das (de) formações lexicais com os nomes do atual chefe do executivo” de Gonçalves (2020) contribuiu para a elaboração desta dissertação. Ao investigar processos de manipulação lexical aplicados ao nome próprio do ex-presidente da república (Jair Bolsonaro), mostrando o caráter avaliativo e expressivo dessas construções. O autor fez um mapeamento e uma descrição dos mecanismos morfológicos envolvidos em cerca de 150 cunhagens derivadas do antropônimo *Bolsonaro*, analisando a

⁵ Disponível no repositório da Universidade Federal do Ceará (UFC): <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/75738>>. Acesso em 25 de set. de 2025.

emergência de estratégias como o uso de *splinters*, a decomposição sublexical e o falso cruzamento vocabular. Como resultado, o estudo demonstrou que tais formações não são aleatórias, mas estruturadas por princípios cognitivos e construcionais, funcionando como recursos de avaliação opinativa e produção de sentidos críticos.

A metodologia desta dissertação está dividida em quatro etapas. Na primeira, foram realizados estudos teóricos sobre o protagonismo feminino na sociedade contemporânea (Pinto, 2010; Berth, 2019), a importância da língua no processo de luta contra a sociedade patriarcal (Fontes, 2023), os estudos a luz da Linguística Cognitiva sobre significação, construto, semântica de *frames*, relexicalização e ressignificação (Langacker, 2008; Fillmore, 2009; Chiavegatto, 2009). Na segunda etapa, foi realizada a coleta de dados da rede social X, a partir de palavras-chave gerais e, posteriormente, de uma lista de expressões apontadas como machistas e suas propostas de substituição, gerada com auxílio de inteligência artificial e atestada em usos reais. A terceira etapa focou na análise das propostas de substituição linguística presentes nos *posts* coletados. Por fim, a quarta e última etapa concentrou-se na análise dos comentários avaliativos dos internautas considerando coerência, atualizações e validade dos argumentos, com apoio em referenciais teóricos da LC.

O desejo de investigar sobre a alteração de uma palavra por outra no contexto das lutas feministas têm sua motivação de pesquisas passadas, em especial, da última Iniciação Científica (IC), em que, no ano de 2023, trabalhei com a substituição lexical. Nas pesquisas passadas, não havia sido contemplado o tema *mulher*, num momento histórico em que há uma arena de valores sociais contraditórios (Bakhtin, 1999) no que diz respeito às lutas [também verbais] empreendidas pelas mulheres. A instigação da temática *mulher* parte também de uma questão pessoal⁶. Ser mulher e pesquisadora em uma sociedade que frequentemente julga e questiona o lugar de fala e de produção não é tarefa fácil. Muitas vezes não somos reconhecidas, temos nossa competência desvalorizada e enfrentamos expectativas sociais que ainda nos associam, em grande medida, ao espaço doméstico e ao papel de cuidadoras. Esse julgamento constante atravessa não apenas a vida pessoal, mas também a profissional e acadêmica, reforçando a necessidade de pensar e discutir como a língua e os discursos perpetuam essas desigualdades.

⁶ Informo ao leitor que, nesta dissertação, em alguns momentos haverá alternância de pessoa verbal. Usaremos a primeira do plural, a primeira do singular e a terceira do singular. Isso porque o percurso de uma pesquisa supõe momentos mais próximos e mais distantes do objeto de estudo.

Durante as Iniciações Científicas e em outros trabalhos que realizei, percebi que essa discussão ainda é pouco visibilizada, especialmente em comparação com pautas relacionadas à comunidade de *Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não binários* e outros (LGBTQIAPN+) ou à comunidade negra. Ambas as discussões são igualmente relevantes e foram discutidas por mim em pesquisas anteriores sobre substituição lexical e questões raciais. Diante disso, reconheci a necessidade de apresentar esse olhar, destacando a importância de compreender por que tais mudanças lexicais ocorrem e quais efeitos produzem.

Em vista disso, em termos de relevância, este trabalho poderá contribuir para aprofundar a compreensão das motivações para a substituição de palavras e para aprofundar as reflexões sobre os exercícios linguístico-semântico-discursivos realizados no processo na rede social X. Para além da dimensão teórica, o trabalho também favorece a compreensão social dessas substituições, uma vez que as escolhas lexicais não ocorrem de forma isolada, mas refletem valores, disputas e ressignificações que atravessam a sociedade.

Este trabalho, justifica-se também pelo fato de que as discussões linguísticas que ocorrem nas redes sociais, na maior parte das vezes, por não linguistas, constituem fenômenos de língua em uso e que, por isso, carecem de tratamento científico. Assim, uma pesquisa sobre tal temática é fundamental tanto para a análise do fenômeno empírico em si quanto para a abertura para a formulação de novos conceitos para a teoria. Nesse sentido, a fundamentação teórica que subsidia este trabalho apoia-se em estudos que discutem os processos de substituição lexical e nas ressignificações que atravessam o tema mulher sob a perspectiva da linguística cognitiva, a partir de um olhar mais antropológico do que discursivo. A expressão *mãe solteira*, por exemplo, tem sido gradativamente orientada nas redes sociais a ser substituída por *mãe solo*. A justificativa para a mudança está relacionada aos sentidos do que *mãe solteira* evoca, posto que seu significado está ligado não só à função social de *mãe*, mas também e principalmente ao seu estado civil, que a associa à dependência de um genitor masculino. *Mãe solo*, por outro lado, expressa o sentido de mulher que assume a responsabilidade e afetividade monoparental pelo filho, desvinculada ao seu estado civil⁷. Em ambas as expressões, há efeitos ideológicos, uma vez que tais efeitos as vinculam ou não

⁷ Conforme o disposto no sítio da Academia Brasileira de Letras: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/mae-solo>>. Acesso: 22 ago. 2023.

a determinados modos de se pensar as relações sociais⁸. Isso está diretamente ligado à noção de *frames* cognitivos, propostos inicialmente por Fillmore (2009). Para o autor, os *frames* são entendidos como sistema de conceitos relacionados de tal modo que, para entender qualquer um deles, é preciso entender toda a estrutura na qual se enquadram (Fillmore, 2009, p. 25). Os *frames* cognitivos, portanto, são redes de conhecimentos armazenados na memória. Não por acaso, então, esta dissertação se filia, como já dito, à perspectiva teórica da Linguística Cognitiva, mais especificamente, aos estudos da semântica cognitiva na qual se inserem os estudos sobre *frames*.

A análise da substituição lexical é um campo de estudo ainda em desenvolvimento. Fillmore (2009), por exemplo, trata do tema em basicamente uma página de sua teoria sobre *frames*. Em seus estudos, porém, não há motivação político-ideológica.

A dissertação tem relevância social, científica e acadêmica. A **relevância social** está no fato de que ela poderá contribuir para o avanço da reflexão de cientistas e da sociedade sobre a dinamicidade da língua e das demandas sociais. A **relevância científica** está no fato de que um tema político-ideológico será tratado com parâmetros científicos, com rigor metodológico, o que contribuirá para alicerçar objetivamente algumas discussões. A **relevância acadêmica** está no fato de que ela poderá se tornar uma referência para outras pesquisas e pesquisadores.

A investigação se vincula à linha de pesquisa 4 do Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística (PPGLL) da Universidade Federal de Goiás (UFG), em que se propõe documentar, descrever, analisar a ‘forma e funcionamento de línguas indígenas, línguas de sinais, língua portuguesa e outras línguas’ (<https://pos.letras.ufg.br/p/18768-areas-e-linhas>). No caso específico deste trabalho, a proposta, no capítulo V, em que será realizada as análises dos dados, é descrever e documentar expressões linguísticas tradicionais, motivadas pelo uso cultural da língua, e descrever e documentar expressões linguísticas alternativas, motivadas por lutas político-sociais das mulheres. A questão discursiva e ideológica, por mais que seja fundamental, será tratada como interface, já que o destaque são os aspectos descritivo, documental e antropológico do fenômeno, como visa a linha de pesquisa à qual a investigação se relaciona.

⁸ A proposta de substituição de uma pela outra já permeia até nos textos do Senado Federal e seus veículos de comunicação, como se verifica na manchete a seguir: *Senado aprova projeto que prevê lei específica com direitos para a mãe solo* (Grifo nosso).

A dissertação está estruturada em seis seções⁹(em NBR anteriores eram chamadas “capítulos”). A **primeira seção** é a introdução, que de forma breve e sucinta faz as primeiras considerações sobre o trabalho. A **segunda seção**, intitulada ‘O protagonismo feminino ao longo da história’, discute as lutas feministas ao longo da história e na contemporaneidade, abordando também o papel da linguagem nesse percurso.

A **terceira seção** apresenta as discussões teóricas fundamentadas na Linguística Cognitiva, tratando de conceitos como a perspectiva teórica dessa ciência, a significação, *construal*, semântica de *frames*, relexicalização e *reframe*.

A **quarta seção** descreve a metodologia do trabalho, detalhando as etapas do estudo, a escolha da rede social analisada e os critérios de seleção dos dados.

A **quinta seção** é dedicada à análise dos dados, em que são descritas e analisadas palavras e expressões marcadas pela cultura patriarcal, abordando os processos de reenquadramento e substituição lexical a partir de postagens coletadas na plataforma X. A **sexta seção** trata da conclusão do trabalho e as seguintes, são as referências e anexos.

⁹ Essa dissertação segue os padrões da nova norma ABNT NBR 14724. 2024. Pode parecer estranho, mas a introdução e a conclusão serão numeradas e consideradas seções, haja vista que essa nova ABNT considera tais partes como elementos textuais.

SEÇÃO II

O PROTAGONISMO FEMININO AO LONGO DA HISTÓRIA

Este capítulo tem o objetivo de fazer uma contextualização sobre as lutas feministas no passado e no presente, considerando como a mulher foi conquistando espaço, inclusive no nível da palavra e do significado.

2.1. Breve histórico da luta da mulher pela igualdade de direitos

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” essa célebre frase da autora Simone Beauvoir (1967, p. 9) é um marco para o movimento e para os estudos feministas. Lucena (2008, p. 4), ao discorrer sobre essa frase, afirma que

[...] ser mulher e ser homem é cultural, não se nasce homem e mulher, mesmo o biológico tendo sua importância, pois antes de tudo **o gênero é uma construção e as relações de poder transformam homens e mulheres em sujeitos**, e esses sujeitos são construídos discursivamente. (**Grifo nosso**).

Isso mostra que, o gênero, enquanto prática social que organiza a vida cotidiana, é amplamente moldado por discursos históricos e culturais (Connel, 1995). Embora frequentemente vinculado aos processos reprodutivos, esse vínculo é ele mesmo construído e dado o significado por meio das relações de poder que atravessam a rede de relações sociais. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que o gênero é construído discursivamente, essa construção não ocorre de forma neutra: ela está atravessada por assimetrias de poder que sustentam desigualdades históricas entre homens e mulheres. Os discursos sociais e culturais frequentemente reiteram uma percepção machista, na qual a mulher é posicionada em lugares de subordinação ou de menor prestígio, legitimando práticas discriminatórias e naturalizando hierarquias de gênero. Na língua, por exemplo, naturalizou-se dizer *o homem e a mulher*, em que o homem aparece na primeira posição sintática, ou, quando se faz referência ao gênero gramatical da palavra, normalmente se coloca o gênero feminino entre parênteses: *prezados (as), senhores (as), alunos (as), professores (as)*, dando-se a entender que o feminino é uma informação adicional na hierarquia de ideias. Assim, compreender o gênero como prática social implica também reconhecer que tais discursos produzem e reproduzem desigualdades, reforçando o patriarcado e a marginalização das mulheres nos mais diversos âmbitos da vida cotidiana.

Palma e Sá (2011), ao discutirem sobre a construção do feminino e as mudanças na sociedade moderna, em uma periodização, observam sobre como ao longo da história

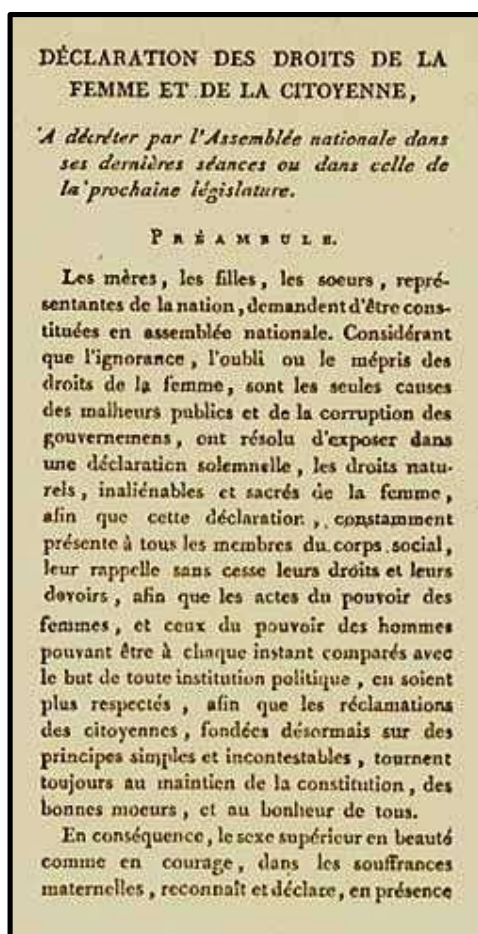
diferentes sociedades desenvolveram valores e crenças que relacionam homens e mulheres de maneiras distintas. Com base em Priore (2007), as autoras explicam que no Ocidente, assim como em muitas culturas, os homens historicamente detiveram o poder de definir os papéis femininos por meio da força ou de instrumentos simbólicos como leis, tradições, costumes, linguagem e divisão do trabalho.

Mendes, Vaz e Carvalho (2015), fundamentados em Pinto (2010), explicam que a mulher, ao longo da história, foi representada como um ser frágil, submisso e limitado ao papel de reprodutora. Essa visão já estava presente desde a Grécia Antiga, onde pensadores como Aristóteles, como exemplo, afirmam que: “todo ser masculino é superior ao feminino, existindo no lar a submissão da mulher a seu esposo.”(Aristóteles, 2009, p.15).

Essa formação histórica constitui o que podemos chamar de cultura patriarcal, entendida como um conjunto de valores, normas e representações que naturalizam a hierarquia de gênero e legitimam a subordinação da mulher em diferentes esferas da vida social, como a família, a economia e a política. Mesmo nos dias atuais, apesar das lutas e debates, essa cultura permanece presente nas representações midiáticas, na educação, no campo religioso e no cotidiano, o que ‘naturaliza’ e reforça a desigualdade de gênero e que dificulta a percepção e a discussão social sobre sua existência, inclusive quando mulheres reproduzem comportamentos machistas e criticam ou atacam outras mulheres. A partir dessa perspectiva, as instituições e o meio social contribuíram para a consolidação de um modelo patriarcal, no qual a sociedade passou a enxergar a mulher, cada vez mais como pertencente exclusivamente ao espaço doméstico, sendo vista como símbolo do lar.

Durante as Guerras Mundiais, as mulheres precisaram assumir trabalhos antes exercidos por homens, saindo do ambiente doméstico para ocupar o espaço público. A Revolução Francesa também teve um papel marcante, ao introduzir o debate sobre os direitos femininos como parte dos direitos humanos. O *Fac-símile*, a seguir, mostra uma foto da Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, publicada em 1791, durante a Revolução Francesa:

Figura 1: *Fac-símile* da Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã



Fonte:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Declara%C3%A7%C3%A3o_dos_Direitos_da_Mulher_e_da_Cidad%C3%A3>. Acesso: 08 maio 2025.

Dentre outros direitos, a Declaração prevê em seu artigo IV que “a liberdade e a justiça consistem em restituir tudo aquilo que pertence a outros; assim, o único limite ao exercício dos direitos naturais da mulher, isto é, a perpétua tirania do homem, deve ser reformado pelas leis da natureza e da razão”.¹⁰ (Rocha *et al.*, 2020, p. 185).

No século XIX, surgiram movimentos que exigiam igualdade no trabalho, direito ao voto e acesso à educação. Embora enfrentassem resistência, as mulheres começaram a se alfabetizar e a participar da vida cultural e profissional, lutando por acesso a empregos qualificados. A Revolução Industrial marcou a transição do trabalho feminino para as fábricas, o que gerou conflitos com os homens que se sentiam ameaçados por essa presença.

¹⁰ROCHA, D. et al. Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, de Olympe de Gouges. Translation: revista do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva, Porto Alegre, RS. N. 17 (jun. 2020), p. 182-189, 2020.

Figura 2: Inserção da mulher na Revolução Industrial



Fonte: <<https://medium.com/@anaffvianna/1-8-como-vem-sendo-a-participa%C3%A7%C3%A3o-da-mulher-no-mercado-de-trabalho-e2fa3af054aa>>. Acesso: 08 maio 2025.

A partir de sua inserção no mercado de trabalho, as mulheres passaram a reivindicar não apenas melhores condições de trabalho, mas também serviços sociais, como creches e escolas, que viabilizassem sua permanência fora de casa. Assim, surgiram, no contexto da Revolução Industrial, movimentos sociais, entre eles o movimento das mulheres, que lutavam pelo reconhecimento da cidadania feminina e por participação nas decisões políticas (Priore, 2007 *apud* Palma e Sá, 2011 p. 87).

O Dia Internacional da Mulher, comemorado no dia 8 de março, tem origem em uma das lutas históricas das mulheres por melhores condições de trabalho, igualdade e direitos civis. Um dos marcos foi a greve de operárias têxteis em Nova York, em 8 de março de 1857, que protestavam por melhores salários e redução da jornada de trabalho.

Outro evento importante foi o incêndio na fábrica *Triangle Shirtwaist*, também em Nova York, em 1911, que matou mais de 100 operárias e evidenciou as precárias condições de trabalho. Em 1910, durante a II Conferência Internacional de Mulheres Socialistas, na Dinamarca, a militante *Clara Zetkin* propôs a criação de um Dia internacional de luta pelos direitos das mulheres, o que foi aprovado por unanimidade. Em 1975, a Organização das Nações Unidas (ONU) oficializou o dia 8 de março como o Dia Internacional da Mulher, reconhecendo a importância histórica da data e promovendo a reflexão sobre os avanços e os desafios na luta por igualdade de gênero em todo o mundo. Na atualidade, porém, o 8 de março tem sido uma data, muitas vezes, romantizada, na qual as mulheres ganham flores como se a data fosse semelhante a um *dia dos namorados*, e não uma data significativamente

política de conquista de direitos civis para as mulheres. Boa parte dos que romantizam a data o faz por falta de conhecimento das circunstâncias históricas em que a comemoração surgiu. Na Figura 3, a seguir, observam-se duas imagens sobre o 8 de março:

Figura 3: Folders do Dia Internacional da Mulher



Fonte: Imagens retiradas do Google.

Na imagem da esquerda, assinada por *defrenteparaomar.com*, percebe-se uma visão romântica sobre a data, em que há flores, menção à função da mulher como esposa ou companheira. Na imagem da direita, assinada pelo Tribunal Regional Eleitoral de Sergipe, evoca-se a relevância política da data, ao mostrar o braço empunhado, um símbolo das lutas sociais, e também a referência à comemoração da conquista do voto feminino.

Pinto (2010), ao explicar sobre o surgimento do feminismo, revela que a primeira onda aconteceu na Inglaterra a partir das últimas décadas do século XIX com as *sufragetes* que faziam manifestações por direitos, sendo o primeiro deles marcado e popularizado como o direito ao voto feminino, ilustrado na Figura 4, a seguir:

Figura 4: Mulheres manifestando pelo direito ao voto



Fonte: <<https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/historia-direito-da-mulher-ao-voto.phtml>>. Acesso em: 6 de jun. de 2025.

No Brasil, a primeira onda do movimento feminista teve como marco central a luta

pelo direito ao voto feminino, que foi conquistado em 24 de fevereiro de 1932. Nessa data, o presidente Getúlio Vargas, à frente do governo provisório desde a Revolução de 1930, promulgou o Decreto nº 21.076, que instituiu o novo Código Eleitoral e reconheceu o direito de voto às mulheres. O artigo 2º do decreto afirmava: "É eleitor o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo, alistado na forma deste Código."¹¹ Essa medida atendeu a uma das principais reivindicações das reformas políticas propostas pelo movimento revolucionário de 1930, especialmente no que se refere à ampliação da participação cidadã. Em 1933, as mulheres brasileiras exerceram pela primeira vez o direito de votar e de serem votadas nas eleições para a Assembleia Nacional Constituinte. Esse processo culminou na promulgação da Constituição de 1934, que consolidou o direito ao voto feminino no ordenamento jurídico brasileiro. Tal conquista representou um marco histórico para o movimento feminista no país, refletindo os avanços obtidos por meio da mobilização social e da atuação política das mulheres na década de 1930 (Silva, 2019).

Com base nessa conquista, o movimento feminista passa a se caracterizar como um movimento social e político que luta pela garantia de igualdade de gênero. No entanto, em 1930, assim como nos Estados Unidos, no Brasil, este movimento perde a força e só ressurge depois de trinta anos nomeado como a nova onda do movimento feminista em 1960 (Pinto, 2010).

Mais à frente, em 1964, com o regime militar instaurado no Brasil não havia possibilidade de movimentos libertários fazerem suas manifestações, posto que, durante esse tempo, os movimentos sociais, os opositores e até a sociedade enfrentaram grandes dificuldades pelas condições que o país vivia na época. Durante o regime militar no Brasil, conforme Pinto (2010), o movimento feminista era fortemente reprimido, visto com desconfiança pelas autoridades, que o consideravam politicamente e moralmente perigoso. Apesar disso, no campo literário, algumas mulheres promoveram protagonismo, até mesmo distante dos grandes centros urbanos, como o eixo Rio-São Paulo. Em Goiás, Cora Coralina publica em 1965 a primeira edição do livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, no qual há o poema *Todas as vidas*, em que ela retrata os diferentes tipos de mulheres e os acolhe em sua existência:

¹¹ Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/internet/agencia/infograficos-htm15/a-conquista-do-voto-feminino/index.html>>. Acesso em: 6 de out. de 2025. Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21076-24-fevereiro-1932-507583-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 6 de out. de 2025.

Todas as vidas

Vive dentro de mim
uma **cabocla velha**
de mau-olhado,
acocorada ao pé do borrarho,
olhando pra o fogo.
Benze quebranto.
Bota feitiço...
Ogum. Orixá.
Macumba, terreiro.
Ogã, pai-de-santo...

Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho.
Seu cheiro gostoso
d'água e sabão.
Rodilha de pano.
Trouxa de roupa,
pedra de anil.
Sua coroa verde de são-caetano.

Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitute bem feito.
Panela de barro.
Taipa de lenha.
Cozinha antiga
toda pretinha.
Bem cacheada de picumã.
Pedra pontuda.
Cumbuco de coco.
Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim
a mulher do povo.
Bem proletária.
Bem linguaruda,
desabusada, sem preconceitos,
de casca-grossa,
de chinelinha,
e filharada.

Vive dentro de mim
a mulher roceira.
– Enxerto da terra,
meio casmurra.
Trabalhadeira.
Madrugadeira.
Analfabeta.
De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira.
Seus doze filhos,
Seus vinte netos.

Vive dentro de mim

a mulher da vida.

Minha irmãzinha...
tão desprezada,
tão murmurada...

Fingindo alegre seu triste fado.

Todas as vidas dentro de mim:

Na minha vida –
a vida mera das obscuras.

CORALINA, Cora. Todas as vidas. In: CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo. 2012. p. 18-20. (Grifo nosso).

Como demonstrado, Cora acolhe no interior de seu poema mulheres invisibilizadas pela sociedade, como a cabocla velha, a lavadeira do rio Vermelho, a mulher cozinheira, a mulher do povo, a mulher roceira e a mulher da vida, fazendo uma representação plural e humanizada da mulher, desafiando os estereótipos tradicionais impostos pela sociedade patriarcal e valorizando as mulheres invisibilizadas. Nesse contexto, o poema de Cora Coralina adquire um valor significativo no campo discursivo e lexical, porque emerge de um período histórico em que a linguagem era controlada e censurada, especialmente as femininas. O regime militar impunha não apenas restrições políticas, mas também discursivas, delimitando o que podia ou não ser dito, e quem tinha a legitimidade em dizer. Assim, o texto de Cora constitui uma forma de resistência simbólica, na medida em que, por meio do léxico, muda a figura da mulher por meio de palavras que antes ativavam a subalternidade, como: *lavadeira*, *cozinheira*, *roceira* ou *mulher da vida*. Assim, neste contexto, Cora opera um processo de reconstrução de sentidos, produzindo novas associações e valores para o léxico que nomeia a mulher.

Com a redemocratização no Brasil na década de 1980, o feminismo entra em uma fase com a formação de inúmeros grupos e coletivos em todo o país, que passaram a abordar uma ampla gama de temas: violência contra a mulher, sexualidade, igualdade no casamento, direito ao trabalho, acesso à terra, saúde materno-infantil, combate ao racismo e à discriminação sexual. Esses grupos frequentemente se articulavam com movimentos populares de mulheres nas periferias e favelas, que lutavam por direitos básicos como saneamento, habitação, saúde e educação, muitas vezes com influência das Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica. Essa interação gerou trocas significativas e ampliou o alcance e a diversidade do movimento feminista, conforme considerações de Pinto (2010).

Uma das principais conquistas, conforme Pinto (2010), foi a criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher (CNDM), em 1984, com *status* ministerial. O CNDM, junto ao Centro Feminista de Estudos e Assessoria (Cfemea, liderou uma campanha nacional

para garantir a inclusão dos direitos das mulheres na Constituição. Esse esforço resultou em uma das constituições mais avançadas do mundo em relação aos direitos femininos, promulgada em 1988.

Ainda segundo Pinto (2010), nos anos 1990, o movimento feminista passou por um processo de profissionalização com a criação de ONGs que atuavam junto ao Estado para aprovar medidas protetoras e ampliar a participação política das mulheres. A luta contra a violência, especialmente a doméstica, tornou-se prioridade, com a criação das Delegacias Especiais da Mulher e, em 2006, a aprovação da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340), que estabeleceu mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar. Também são marcos importantes as Conferências Nacionais para a Política da Mulher, realizadas em 2005 e 2007, que mobilizaram mais de 3 mil mulheres e resultaram em importantes análises sobre a condição feminina no Brasil.

Essas informações, ditas desse modo, parecem ser políticas de surgimento espontâneo, mas cada uma das conquistas das mulheres, tais como as delegacias especializadas, a Lei Maria da Penha e outras, surgiram depois de muitas lutas, de muitos embates, de muita violência e de muitas mortes. Maria da Penha, por exemplo, foi uma mulher que sofreu constantes atos de violência doméstica a ponto de ter se tornado paraplégica em decorrência de tal violência.

Tanto no Brasil quanto no mundo, o movimento feminista foi marcado por intensas lutas e importantes conquistas em prol da igualdade de gênero. Essa igualdade refere-se a construções sociais que historicamente atribuíram papéis distintos a homens e mulheres, geralmente baseados em hierarquias que colocavam um gênero em posição de superioridade sobre o outro. No entanto, tais papéis têm sido constantemente redefinidos, reconstruídos e ressignificados em resposta às demandas sociais e à atuação dos movimentos feministas. Atualmente, o papel da mulher tem conquistado maior visibilidade, especialmente por meio da mídia e de outras formas de representação que contribuem para moldar a percepção social. Boa parte das mulheres passou a ocupar posições de protagonismo na linguagem, na música, na arte e em diversos outros campos, rompendo parcialmente com estereótipo restritivo de dona de casa ou de mera reprodutora. Essa ampliação de espaços e possibilidades é fruto direto das lutas históricas e da persistência do movimento feminista na busca por reconhecimento, liberdade e equidade. Embora haja todas essas conquistas, os direitos das mulheres ainda constituem um desafio. Há ainda cerca de 3,7 milhões de mulheres que sofrem violência doméstica, segundo dados do Senado e do IBGE. Há ainda muitas mulheres

que estão restritas à prática da profissão ‘do lar’ e sujeitas ao patriarcado. É nesse sentido que esta pesquisa é necessária, porque será mais um trabalho desenvolvido cientificamente que poderá contribuir para o avanço das lutas feministas, neste caso, no campo da linguagem. Na próxima subseção (2.2), este tema será tratado e haverá exemplos de como a mulher tem ganhado visibilidade, apesar de pouca ainda, em diversos contextos e áreas.

2.2 O protagonismo da mulher na sociedade contemporânea

Ao longo da história, o papel da mulher na sociedade foi se modificando. O público feminino tem se qualificado e conquistado grandes espaços, saindo de um passado em que a mulher era vista apenas como dona de casa e alcançando diversas áreas em que tem se visto a mulher como protagonista.

Essa transformação tem ocorrido devido a uma série de fatores históricos e sociais. Um dos principais fatores foi a luta das próprias mulheres por seus direitos, por meio de movimentos feministas que, desde o final do século XIX, passaram a reivindicar igualdade de gênero, direito ao voto, acesso à educação e ao mercado de trabalho (Pinto, 2010). Mudanças econômicas e culturais, como a Revolução Industrial e as grandes guerras, impulsionaram a entrada da mulher no mercado de trabalho e contribuíram para uma nova percepção sobre seu papel na sociedade.

A maior oferta de educação para mulheres também foi essencial nesse processo. Ao se qualificarem acadêmica e profissionalmente, muitas passaram a ocupar posições de destaque na ciência, na política, na economia e em tantas outras áreas. Aos poucos, a mulher deixou de ser apenas coadjuvante na história e passou a ser protagonista de suas próprias conquistas.

Apesar dos avanços, ainda persiste a violência contra a mulher. Muitas mulheres ainda enfrentam desigualdade salarial, preconceito no ambiente de trabalho, sobrecarga com tarefas domésticas e violência de todas as espécies. Isso mostra que, embora a sociedade tenha evoluído, os desafios para a plena igualdade ainda existem e exigem atenção contínua.

A trajetória da mulher, portanto, é marcada por lutas, conquistas e também por resistências. Reconhecer o quanto já foi alcançado é importante, mas não se pode esquecer que ainda há muito a ser feito para que o passado de exclusão e submissão não continue influenciando o presente.

Azevedo e Sousa (2019), ao tratarem sobre o assunto mulher, afirmam que, nos últimos anos, em debates sobre o protagonismo feminino, uma expressão que chegou com

muita força foi o *empoderamento feminino*, que é conceituado pelos autores como uma “consciência coletiva dada por ações para fortalecer as mulheres e desenvolver a equidade de gênero”. O empoderamento feminino perpassa vários caminhos na sociedade sendo eles o conhecimento dos direitos da mulher, por sua inclusão social, instrução, profissionalização, consciência de cidadania e uma transformação no conceito (Azevedo e Sousa, 2019, p. 176).

Berth (2019) conceitua a expressão *empoderamento* a partir de vários autores e filósofos, mas antes de apresentar a visão de cada um, ela faz uma análise. A autora começa a introduzir sobre o conceito de *power* do inglês que, em essência, significa “habilidade ou permissão para realizar algo, podendo também indicar autoridade ou força”. Já *empower*, de acordo com um dicionário conceituado, segundo a autora, significa literalmente “conceder poder ou habilidade a alguém ou algo”. No português, segundo Berth, o termo correspondente, *empoderamento*, é um neologismo. A autora menciona a definição da palavra por meio da professora feminista norte-americana Nelly Stromquist, que entende o empoderamento como composto por quatro dimensões interdependentes, que, embora todas fundamentais, não são eficazes isoladamente. São elas: a *dimensão cognitiva* (desenvolvimento de uma visão crítica da realidade), a *dimensão psicológica* (fortalecimento da autoestima), a *dimensão política* (compreensão das desigualdades de poder e capacidade de organização e mobilização) e a *dimensão econômica* (autonomia financeira por meio da geração de renda). O empoderamento, para Berth, ocorre de forma efetiva se essas quatro dimensões ocorrerem de maneira articulada. Uma mulher, por exemplo, que compreende sua realidade (dimensão cognitiva), acredita em sua capacidade de mudança (dimensão psicológica), participa ativamente da vida social e política (dimensão política) e tem autonomia financeira (dimensão econômica), está empoderada em todas as dimensões e todas as frentes de sua vida.

Com as discussões cada vez mais amplas sobre empoderamento feminino, compreende-se que esse conceito vai muito além de uma simples expressão ou de um modismo passageiro. Trata-se, na verdade, de um movimento social de transformação, que busca valorizar a força, a autonomia e a luta das mulheres por direitos, espaço e voz. Por meio de reivindicações históricas e manifestações sociais, o estigma da mulher como sexo frágil, inferior, dependente do homem e do lar, vem sendo desconstruído e ressignificado. Hoje, fala-se em liberdade, igualdade e equidade, tanto de direitos quanto de oportunidades. O empoderamento feminino, portanto, como visto em Berth (2019) não está contido apenas na expressão, mas se reflete na forma como a mulher tem conquistado um papel ativo e

transformador em diversas esferas da sociedade contemporânea.

Na mídia, esse papel ressignificado é notório. As mulheres passaram de coadjuvantes a protagonistas, com narrativas que abordam suas vivências, dilemas e conquistas. É importante, no entanto, reconhecer que essa mudança parcial de postura por parte das emissoras não ocorre apenas por um compromisso ético ou social. A televisão, como qualquer empresa, vive da audiência e do apoio de anunciantes. Com a crescente conscientização do público e as críticas voltadas à falta de diversidade, somadas à pressão nas redes sociais, muitas marcas passaram a se posicionar e até se retirar de programações que não refletem certos valores. Assim, ao apostar em protagonistas pretos e em temáticas progressistas, as emissoras também respondem a interesses econômicos, buscando manter sua relevância, evitar perdas financeiras e atrair anunciantes alinhados às pautas atuais e público consumidor. Segundo dados do IBGE Educa¹², em 2022, 51,48% da população Brasileira era composta por mulheres contra 48,52% de homens. É um potencial e efetivo público consumidor, logo, conforme os interesses das mídias, é um público que não pode ficar de fora das propagandas, tanto de sua produção quanto de seu consumo. A transformação do papel da mulher na mídia, portanto, é fruto de lutas históricas, da pressão social e também de interesses financeiros das mídias. Ainda que envolva interesses diversos, essa mudança tem contribuído para uma representação mais plural, crítica e justa da sociedade brasileira.

Ainda no campo midiático, a publicidade, similarmente, passou por mudanças significativas. Em propagandas, por exemplo, em que antes a mulher era vista apenas sob a ótica sexual, materna ou como dona de casa, especialmente em comerciais de cerveja, produtos de limpeza ou beleza. Atualmente, essa representação tem sido revista: a mulher vem ganhando um novo protagonismo, marcado pelo empoderamento e pela quebra de estigmas. Além disso, essas campanhas publicitárias passaram a incluir outros grupos sociais, contribuindo para desconstruir a associação exclusiva da mulher a ideologias ultrapassadas e papéis tradicionais (Frazão, 2017).

Essas transformações foram impulsionadas por diversos movimentos sociais e culturais. O feminismo, em suas diferentes ondas, desempenhou papel central ao denunciar a objetificação da mulher na publicidade e exigir representações mais respeitadas e reais. A ascensão das redes sociais também foi decisiva: consumidores passaram a ter voz ativa para

¹² Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>>. Acesso em: 16 de jan. de 2026.

criticar campanhas ofensivas, promover boicotes e pressionar marcas por mais responsabilidade social. Campanhas como *Reposter* da cerveja Skol é exemplo disso. A propaganda é tida como a primeira publicidade da marca voltada para o público feminino. Para essa campanha, a empresa convidou mulheres engajadas em pautas feministas para *ressignificar* cartazes antigos da cerveja que, de forma sexista, expunha mulheres. Além de fazerem a releitura das imagens, o *slogan desce redondo* foi alterado para *redondo é sair do seu passado*.

A chamada *diversidade de fachada*, cunhado por Goffman (1985) e tratado por Cotta e Freitas (2025), entendida como a exploração de pautas sociais pelas empresas apenas como forma de atrair consumidores, sem transformar suas práticas internas, tem sido alvo de críticas. Afinal, não basta colocar mulheres diversas em comerciais se, nos bastidores dessas campanhas, as lideranças continuam sendo majoritariamente masculinas e brancas, ou se as condições de trabalho não refletem os valores exibidos na propaganda.

Dessa forma, embora as mudanças na publicidade representem um avanço em termos de visibilidade e representatividade, elas também exigem uma análise crítica. É fundamental que a transformação vá além da imagem e se traduza em práticas reais de inclusão e respeito dentro das próprias estruturas das empresas. Só assim será possível afirmar que a publicidade contribui verdadeiramente para uma sociedade mais justa e igualitária e não apenas para a manutenção da boa imagem de uma marca.

Um exemplo marcante dessa mudança na publicidade foi o filme *Barbie* (2023), que, além de ressignificar a imagem da boneca, historicamente associada a um padrão inatingível de beleza e uma estética americanizada, propôs uma narrativa poderosa sobre o direito da mulher de ser quem ela quiser, livre de imposições sociais. A produção também foi destaque por seu discurso de igualdade e valorização da mulher, reverberando em campanhas publicitárias da marca que reforçam esse novo olhar. Embora a boneca ainda apresente um padrão específico, a mensagem do filme está fundamentada em temas como empoderamento e diversidade de papéis sociais, evidenciando que as mulheres podem ocupar múltiplos espaços. No enredo, são apresentadas diferentes representações femininas, como a *Barbie presidenta*, a *Barbie jardineira*, *Barbie socorrista* e outras Barbies que simbolizam a presença feminina em áreas tradicionalmente associadas aos homens.

Na **música**, o empoderamento feminino também é encontrado, com cantoras como Elza Soares, com sua trajetória marcada por resistência e inovação, desafiou padrões e denunciou as dores da mulher na sociedade, com a música *Mulher do fim do mundo*, por

exemplo, Elza passa a mensagem da mulher que em muitos momentos cansada, ela é força, resiliência e transforma a dor em alegria e festividade (lágrima que se transforma em samba). Já Marília Mendonça revolucionou o sertanejo, tradicionalmente dominado por homens, liderando o *feminejo* uma vertente que deu voz às experiências femininas no amor, na dor e na superação, trazendo a mulher para o espaço que normalmente é ocupado por homens.

Na **ciência**, a conquista de espaços por mulheres foi fruto de muitas lutas por educação e oportunidades. Um dos nomes mais famosos é Marie Curie, destaque como primeira mulher a ganhar o Prêmio Nobel e única pessoa a vencê-lo em duas categorias distintas (Física e Química), cujo trabalho foi fundamental para os avanços da radioatividade. No cenário atual, destaca-se a cientista brasileira Jaqueline Goes de Jesus, que ganhou reconhecimento internacional ao liderar a equipe que mapeou, em apenas 48 horas, o genoma do coronavírus durante a pandemia, contribuindo significativamente para os estudos e combate à COVID-19¹³. Mais recentemente, em 2025, a professora da UFRJ Tatiana Coelho de Sampaio apresentou resultados sobre o medicamento da polilaminina, capaz de reverter lesões na medula e contribuir para que paraplégicos possam voltar a andar.

No **esporte**, a presença feminina também tem ganhado força, superando séculos de exclusão e preconceito. O futebol, por exemplo, historicamente considerado um esporte dedicado ao público masculino vem rompendo barreiras e dando espaço para as mulheres. A jogadora Marta, por exemplo, tornou-se um símbolo mundial de empoderamento no esporte.

Na **arte**, temos Frida Kahlo, considerada um símbolo do feminismo e da resistência. Sua obra expressa a dor, a identidade e a experiência da mulher, desafiando os padrões de gênero e a opressão social. Frida é celebrada por representar a vivência feminina de maneira visceral e autêntica, sendo inspiração para gerações de mulheres que buscam se afirmar e se expressar.

Na **literatura** e na **filosofia**, muitas autoras também deixaram e deixam sua marca na luta pelo empoderamento. Escritoras como Simone de Beauvoir, com o clássico “O Segundo Sexo”, foi fundamental na construção do pensamento feminista.

Outras figuras como Cora Coralina, vista anteriormente com o poema “Todas as vidas”, Leodegária de Jesus, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Adélia Prado

¹³Informações com base no Conselho Nacional de Saúde. Disponível em: <<https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/assuntos/noticias/2021/dezembro/jaqueline-goes-de-jesus-cientista-que-mapeou-o-genoma-do-coronavirus-e-homenageada-pelo-cns>>. Acesso em: 16 de jan. de 2026.

que contribuem para a valorização da voz feminina na literatura. É importante destacar que, no passado, muitas autoras femininas precisam usar pseudônimos masculinos para conseguirem publicar. É o caso da autora britânica Emily Brontë, que escreveu o livro “O Morro dos Ventos Uivantes”. Ela usou o pseudônimo masculino de Ellis Bell. Sobre as mulheres na literatura, há ainda contrastes numéricos sobre autoras mulheres brancas e negras, o que ainda precisa ser equalizado.

Assim, o empoderamento feminino se manifesta em múltiplas áreas, da mídia à ciência, do esporte à literatura, e continua a ressignificar o papel da mulher na sociedade.

Além dessas áreas, na atualidade, as **redes sociais** têm sido palco para debates e manifestações no que diz respeito a certas palavras, frases, expressões e discursos que têm sido apontados como machistas e pertencentes à cultura patriarcal. Sobre isso, trata a subseção a seguir.

2.3 A participação da língua no processo de luta contra a sociedade patriarcal

A língua, numa perspectiva enunciativa, é tida como um organismo vivo. Nesse sentido, é comum que haja a criação de novas palavras (neologismo lexical), ampliação de sentidos, especialização de sentidos, substituição de uma palavra por outra, empréstimo linguístico, esquecimento de certas expressões ou palavras, modificação gramatical dentre outros processos de variação e mudança.

A língua(gem), em sua manifestação verbal (oral e escrita) e não verbal, está ambientada em diversos lugares e situações e é por meio dela que o ser humano se expressa, realiza atos e influencia o seu entorno.

O léxico, entendido como o inventário de palavras e expressões de uma dada língua, expressa vivências, memórias, histórias e cultura. O léxico pode manifestar o pensamento, o sentimento, o desejo e a opinião do falante, uma vez que as palavras são os meios que ligam o ser humano a esses elementos (Fontes, 2023). Biderman (1998, p. 88) afirma que é por meio do acervo lexical que o ser humano organiza o mundo sensorial, representando-o com a linguagem conciliada ao tempo e a realidade sociocultural presente.

Fontes (2023) explica que o léxico é uma parte constituinte inserida na história e na cultura de dada comunidade, em que por meio destes elementos é possível observar a forma como determinado grupo se expressa com o mundo. Essa dimensão da língua é relevante na formação cultural e identitária de um grupo social, posto que é por meio da cultura representada por meios linguísticos expostos no acervo lexical de uma região que destaca e

que se cria a identidade.

A língua não deve ser analisada de forma isolada, pois há vários aspectos linguísticos e sócio-históricos englobados que podem ser estudados com base no contexto social dos falantes e de suas interações. Deste modo, a língua funciona como um elemento importante para a relação do indivíduo com o mundo à sua volta.

O dicionário, como um meio escrito de reunir o léxico de uma língua, tem como uma de suas funções registrar a gama de palavras e significados que vão surgindo em diferentes tempos e localidades, não sendo visto apenas como um acervo de palavras com significados neutros, conforme Hintze (2024). É uma fonte de significação e ressignificação do mundo. Hintze (2024) aponta que o dicionário pode ser uma ferramenta de poder, uma vez que o conhecimento de mundo do falante, é de certa forma, influenciada por aquilo que é exposto no dicionário.

De acordo com Biderman (2003), o dicionário pode ser compreendido como um produto linguístico que reflete práticas verbais historicamente acumuladas. Conforme reportagem da Folha de S. Paulo¹⁴, a pandemia da Covid-19, por exemplo, acrescentou aos dicionários alemães mais de 1.000 novos verbetes. Ele representa uma consolidação de inúmeros enunciados que, ao se desprender de seus emissores originais no contexto social, passam a integrar o repertório cultural coletivo especialmente aqueles considerados expressivos ou relevantes para a sociedade em questão. Dessa forma, o dicionário, em suas diferentes manifestações (geral, etimológico, de sinônimos, de antônimos, analógico, especializados e outros) espelha os usos sociais da língua, ainda que o faça privilegiando um modelo idealizado: a norma culta, escrita e institucionalizada. Os registros de variantes linguísticas como dialetos, gírias ou formas populares aparecem apenas de forma marginal e eventual. Assim, o dicionário não apenas descreve, mas também legitima e difunde a língua socialmente valorizada. O dicionário, portanto, é uma forma de registro que procura representar os usos linguísticos e pode ser usado também para encontrar formas alternativas (sinônimos) para determinadas palavras, em substituição a outras.

Com a globalização e o avanço da tecnologia, especialmente nas últimas décadas, surgiram dicionários *online* e informais que auxiliam os usuários de uma língua na compreensão de vocábulos antigos e contemporâneos. Isso reflete o caráter dinâmico da língua, que está em constante transformação. O aumento do uso das redes sociais como meio

¹⁴ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/04/alemaes-criam-mais-de-mil-palavras-para-expressar-situacoes-da-pandemia.shtml>>. Acesso em: 16 de jan. de 2026.

de comunicação ágil e acessível tem contribuído significativamente para o surgimento de novas palavras, expressões e frases, acompanhando as mudanças culturais e sociais. Tanto os dicionários informais (aqueles produzidos por usuários, normalmente especialistas, na internet) quanto os tradicionais (os consagrados, tais como *Houaiss*, *Aurélio* e outros) têm se adaptado a essas transformações, incorporando novos vocábulos ao seu repertório, como *uberização*, *mocumentário* e *metaverso*¹⁵. Isso evidencia que os dicionários não estão presos a um conjunto fixo de palavras, mas acompanham o movimento vivo e em expansão da língua.

Assim, mais do que simples repositórios de definições, os dicionários, sejam eles formais ou informais, tornaram-se reflexos das práticas linguísticas de uma sociedade em constante mutação.

As redes sociais têm se tornado espaços privilegiados para a circulação, debate e disputa em torno de dada palavra e o significado que ela evoca, principalmente discutidas por não linguistas. A rapidez com que determinadas expressões ganham visibilidade, muitas vezes impulsionados por *hashtags* (#)¹⁶, memes, campanhas, cartilhas ou movimentos sociais (Zenha, 2018) revelam como essas plataformas influenciam diretamente as mudanças semânticas e lexicais em curso na língua. Em meio a esse processo, assim como ocorre na interação face-a-face, observa-se uma crescente participação dos falantes na (re)construção dos sentidos, o que desafia visões mais tradicionais sobre autoridade linguística e legitimação vocabular. Esse é o poder do uso, tão caro à linguística funcional e cognitiva.

Fazendo uso das *hashtags*, diversos grupos sociais no Brasil e no mundo têm promovido discussões em torno de determinadas palavras, frases e expressões, tornando a língua um recurso de transformação e adaptação aos contextos socioculturais também nas redes sociais. A língua, ao acompanhar mudanças históricas, culturais e identitárias, permite que certas palavras sejam questionadas, rejeitadas ou reinterpretadas, conforme os sentidos que passam a carregar ao longo do tempo.

A comunidade negra, por exemplo, tem discutido expressões como *mulato*, *criado-mudo*, *preto de alma branca* dentre outras, apontando os contextos históricos e os sentidos atribuídos a essas palavras e expressões, considerados por muitos como racialmente

¹⁵Exemplos retirados do *site* Dicio Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/palavras-novas-do-portugues/>>. Acesso em: 07 de maio de 2025.

¹⁶*Hashtags* são meios utilizados pelas redes sociais e ambientes digitais para designar palavras ou expressões (antecedidas pelo símbolo “#”), empregado para identificar, classificar e facilitar a busca por conteúdos relacionados a um mesmo tema ou assunto.

marcados e problemáticos. Tais discussões se concentram na análise de como essas palavras foram construídas historicamente e como ainda podem refletir estigmas ou uma visão racista (Ribeiro e Silva, 2024).

Além disso, grupos ligados à comunidade *LGBTQIAPN+* também têm promovido debates sobre palavras que, tradicionalmente utilizadas com conotação pejorativa, passam por processos de resignificação. É o caso, por exemplo, das palavras *bicha* e *sapatão* que, em alguns contextos, têm sido apropriadas como formas de identificação e resistência simbólica. Nesses casos, a transformação semântica decorre do uso reiterado em novos contextos, nos quais os sentidos depreciativos são substituídos por outros de afirmação identitária feitas pelo próprio grupo.

No campo do feminismo, expressões como *lugar de mulher é na cozinha*, *mulher tem que se dar ao respeito* ou *comporte-se como uma moça* também têm sido analisadas por seu conteúdo ideológico e pela forma como contribuem para a manutenção de estruturas sociais marcadas pelas desigualdades de gênero. Sobre tais expressões, observa-se uma reflexão crescente sobre os efeitos de sentido que produzem e sobre como a linguagem pode reforçar papéis sociais tradicionalmente atribuídos às mulheres.

Esses processos evidenciam como a língua está em constante construção, sendo moldada pelo uso que dela fazem diferentes grupos sociais. A circulação dessas discussões nas redes sociais tem contribuído para a ampliação do debate sobre os significados das palavras, possibilitando a emergência de novos usos e sentidos (Ribeiro e Silva, 2024). Assim sendo, tem crescido o número de iniciativas institucionais que buscam orientar a sociedade sobre o uso não ofensivo de certas palavras. Cartilhas educativas, materiais informativos produzidos por universidades, órgãos públicos e entidades da sociedade civil têm desempenhado um papel importante na divulgação dessas reflexões, reforçando a ideia de que a escolha das palavras importa e que a língua pode ser um instrumento de conscientização e transformação social.

Feitas essas considerações sobre língua, dicionário e uso, passamos a tratar de uma breve consideração sobre materiais publicados por instituições públicas sobre a substituição no uso de palavras e expressões.

2.4 Material empírico das instituições que recomendam mudança no uso de determinadas expressões

Além das redes sociais, instituições públicas e ONGs, por meio de cartilhas e

manuais eletrônicos, têm realizado e recomendado a mudança de palavras, frases e expressões que não condizem com o atual contexto das demandas sociais em determinadas situações. Assim, discussões de expressões relacionadas à raça, ao gênero, a acessibilidade e a mulher estão presentes nesses materiais. A Figura 5, a seguir, apresenta um exemplo de como esses manuais e cartilhas têm apresentado essas discussões sobre determinados usos e orientando sobre a expressão que deve deixar de ser usada e uma proposta inovadora de substituição.

Figura 5: Fac-símile retirado da Cartilha “Não à discriminação: uma linguagem adequada e inclusiva”



Fonte: <<https://trt15.jus.br/sites/portal/files/roles/institucional/estrutura-do-tribunal/Comites-Comissoes/CartilhaLinguagemAdequada-Final.pdf>>. Acesso em: 04 de junho de 2025.

O Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região, com o apoio Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), criou a Cartilha *Não à discriminação: uma linguagem adequada e inclusiva* (figura 4), como foco para promover a igualdade e respeito entre os brasileiros por meio de uma linguagem acessível, respeitosa e inclusiva. A Cartilha contém inúmeras orientações, desde a linguagem inclusiva, que é exposta pelo material como aquela antirracista, não sexista, anticapacitista e não violenta, até a explicação de determinadas expressões. No que diz respeito à mulher, a Cartilha, no tópico sobre dicas úteis para melhorar a comunicação, expõe alguns enunciados e expressões que são direcionadas à mulher e apontadas como pertencentes à cultura patriarcal. Vejamos, no Quadro 1, a seguir, o que a Cartilha mostra:

Quadro 1: Frases e expressões e propostas de substituição feitas pela Cartilha, como forma de desativar expressões preconceituosas

Frase/Expressão	Proposta de substituição
“Que mulher mal amada”	Não há proposta de substituição, mas é dito que deve ser banida do vocabulário.
“Lugar de mulher é na cozinha”	Apontada como pertencente à cultura patriarcal e é avisado que deve ser banida do vocabulário.
“Mulherzinha ou coisa de menininha”	Não há proposta de substituição, porém é explicado que é usada para ferir a masculinidade dos homens e advertido para respeitar a opinião do outro.
“Já sabe cozinhar, então, já pode casar”	“Parabéns! Você cozinha muito bem” ou “Nossa! Como você preparou essa comida tão deliciosa?”
“Nem parece, mas é bonita e inteligente”	Substitua por “Que pessoa bonita e inteligente”.
“Toda loira é burra e toda preta é pobre”	Não há proposta de substituição, é sugerido que deixe de usar essa expressão.
“Não cuidou, virou mãe solteira”	Mãe solteira por mãe solo para se referir à mãe que cuida do filho sem o progenitor.

Fonte: organizado em quadro pela autora, com base em dados da Cartilha do TRT.

O Quadro 1 contém expressões linguísticas marcadas por estereótipos de gênero, machismo e preconceito racial e social. Ele apresenta enunciados comuns que reforçam o patriarcado e a desvalorização das mulheres, propondo a reflexão sobre o uso dessas expressões e, em alguns casos, oferecendo formas mais respeitosas e conscientes de se expressar. Algumas expressões não há sugestão de substituição, mas a Cartilha enfatiza que o leitor deve deixar de usá-las. É o caso, por exemplo, de *toda loira é burra e toda preta é pobre*. Essa expressão, além de ser machista e de inferiorizar a mulher, é também preconceituosa, pois cria um modelo que generaliza e reduz as mulheres loiras e pretas a estereótipos negativos.

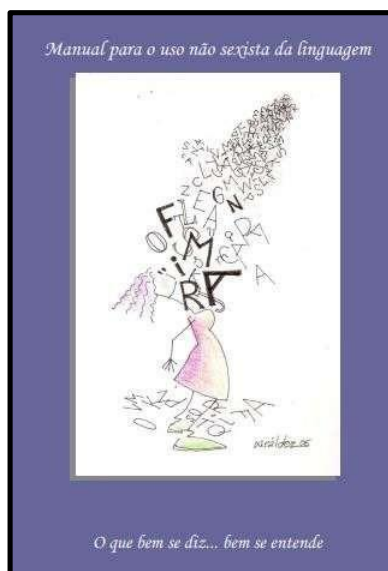
Além das orientações sobre determinados usos linguísticos e suas propostas de substituição, observa-se, ao consultar as referências da Cartilha, uma predominância de fontes institucionais legislativas e judiciárias. Isso indica que tais propostas estão ancoradas em diretrizes oficiais. Muitas dessas orientações, inclusive, baseiam-se em leis e decretos, como é o caso da Lei n.º 14.402/2022¹⁷, que institui o *Dia dos Povos Indígenas*, substituindo a antiga designação *Dia do Índio*, criada em 1943, durante a Era Vargas. Essa mudança não

¹⁷ Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2022/lei/L14402.htm>. Acesso em: 16 de jan. de 2026.

se restringe apenas à palavra, de *índio* para *indígena*, mas também envolve o uso de letras maiúsculas na expressão “Povos Indígenas”, conferindo-lhe maior relevância e reconhecimento.

Entre os materiais institucionais que propõem a revisão crítica do uso linguístico, destaca-se o “Manual para o uso não sexista da linguagem”¹⁸, produzido pela Associação Mulheres pela Paz, com o apoio de organizações como *United Nations Development Fund for Women*¹⁹ (UNIFEM) e Rede de Educação Popular entre Mulheres da América Latina (REPEM), que foi elaborado por colaboradoras mulheres (Julia Pérez Cervera, Paki Venegas Franco e Julia Pérez Cervera Mendoza) com o intuito de promover a equidade através da linguagem para a sociedade. A seguir, a reprodução da capa do Manual.

Figura 6: Fac-símile da capa do Manual publicado pela Associação Mulheres pela Paz



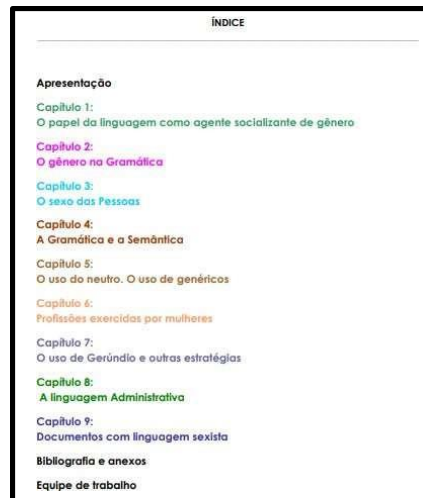
Fonte: <<https://mulherespaz.org.br/>>. Acesso: 16 jan. 2026.

O material se fundamenta na necessidade de transformar práticas linguísticas que perpetuam desigualdades de gênero, especialmente no âmbito institucional e administrativo. O manual é composto por nove capítulos, tal como se verifica na Figura 7 a seguir:

¹⁸ Disponível em: <<https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/manual-para-o-uso-nao-sexista-da-linguagem.pdf>>. Acesso em: 27 de julho de 2025.

¹⁹ Tradução livre: Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher.

Figura 7: Fac-símile do sumário do Manual



ÍNDICE

Apresentação

Capítulo 1:
O papel da linguagem como agente socializante de gênero

Capítulo 2:
O gênero na Gramática

Capítulo 3:
O sexo das Pessoas

Capítulo 4:
A Gramática e a Semântica

Capítulo 5:
O uso do neutro. O uso de genéricos

Capítulo 6:
Profissões exercidas por mulheres

Capítulo 7:
O uso de Gerúndio e outras estratégias

Capítulo 8:
A linguagem Administrativa

Capítulo 9:
Documentos com linguagem sexista

Bibliografia e anexos

Equipe de trabalho

Fonte: <<https://mulherespaz.org.br/>>. Acesso: 16 jan. 2026.

Essas cartilhas e manuais, criados por instituições e ONGs, refletem que não é apenas uma opinião pessoal ou “mimimi”, como dizem alguns, em relação a determinadas palavras, frases e expressões depreciativas, mas uma estrutura de poder que se esconde por trás da cultura patriarcal. Esses materiais reforçam a necessidade de mudanças e trazem referências à sociedade (instituição) com base em Leis e Diretrizes e desempenham um papel fundamental na promoção de práticas linguísticas mais justas e representativas. Respondem à necessidade de um determinado grupo, como o das mulheres, que dá voz e direito a elas, por meio desses materiais, promovendo uma visibilidade e rompendo com discursos patriarcais e silenciamentos simbólicos marcados pela língua. Nesse sentido, a orientação sobre o uso não sexista da linguagem vai além de uma proposta normativa: trata-se de uma ação política e pedagógica que reconhece a linguagem como instrumento de poder e busca promover, por meio dela, relações mais horizontais e democráticas na sociedade.

Feitas essas considerações, passamos para a próxima seção, em que tratamos da Linguística Cognitiva e dos conceitos pertinentes para esta dissertação.

SEÇÃO III

LINGUÍSTICA COGNITIVA: CONSTRUTOS, *FRAMES* E *REFRAMES*

Esta seção tem como objetivo apresentar os principais aspectos teóricos que fundamentam nossa compreensão sobre os estudos da Linguística Cognitiva (LC), com abordagens teóricas destinadas a explicar como essa ciência contribui para a análise do significado em sua criação, alteração e interpretação, considerando o papel da mente humana, o contexto e as interações sociais.

3.1 A perspectiva teórica da Linguística Cognitiva

O surgimento da Linguística Cognitiva remonta às décadas de 1970 e 1980, induzida, por parte, em interesse pelo fenômeno da significação. Inspirada por avanços em áreas como a psicologia cognitiva, a neurociência e a filosofia da mente, essa vertente começou a se consolidar com trabalhos de autores como George Lakoff (Lakoff e Johnson, 1980; Lakoff, 1987), Ronald Langacker (1987, 1990, 1991), Leonard Talmy (1983, 1988), Charles Fillmore (1982) e Fauconnier e Turner (2002). Esses estudiosos defendem que **a linguagem está profundamente enraizada nos processos mentais e na experiência corpórea, sendo moldada pela interação contínua entre o pensamento, a percepção e o ambiente sociocultural (grifos nossos)**. Desde então, a LC expandiu-se significativamente, adquirindo interesse em campos como: a categorização nas línguas naturais (prototipicalidade, polissemia sistemática, modelos cognitivos, imagética mental e metáfora); os princípios funcionais da organização linguística (iconicidade e naturalidade); interface conceptual entre sintaxe e semântica (Gramática Cognitiva e Gramática de Construções); base experiencial e pragmática da língua em uso e a relação entre linguagem e pensamento (questões sobre relativismo e universais conceptuais), abordados por Mascarello (2012) e Ferrari (2023).

A cognição é definida como a nossa capacidade de processar as informações e adaptá-las a variadas situações em um curto espaço de tempo. Esse processo engloba a linguagem, a memória, o raciocínio lógico, as emoções e a motivação (Abreu, 2010).

No livro “Introdução à Linguística Cognitiva”, Lilian Ferrari (2023, p. 14), ao relatar sobre a história desta ciência, mostra ao leitor a definição da LC como uma “ciência que prevê a atuação de princípios cognitivos gerais compartilhados por meio da linguagem e cognição, mais especificamente, entre estrutura linguística e conteúdo conceptual”.

Silva (1997) caracteriza este estudo como um componente integrado aos processos de conhecimento humano, estando intrinsecamente relacionada à experiência que os indivíduos têm do mundo. Diferentemente de abordagens que analisam as unidades e estruturas linguísticas de maneira isolada, essa corrente teórica considera expressões diretas das capacidades cognitivas gerais, incluindo a organização conceptual, os princípios de categorização, os mecanismos de processamento e as influências culturais, sociais e individuais. Desse modo, a LC propõe que a linguagem não é uma entidade autônoma, mas um reflexo da forma como os seres humanos estruturam e interpretam a realidade (Silva, 1997).

Nos estudos gramaticais, essa ciência não se restringe a regras formais da língua. Chiavegatto (2009, p. 81) reforça essa ideia ao destacar que as estruturas linguísticas não são fixas, mas flexíveis, adaptando-se às demandas específicas de expressão e comunicação. Para isso, ela considera três fatores:

- a) É guiado pelas formas linguísticas, ou seja, pelas palavras e estruturas usadas na comunicação;
- b) É uma construção mental que resulta da interação entre o conhecimento e a linguagem;
- c) É validado no contexto comunicativo, o que significa que o sentido de uma expressão depende do ambiente em que ela é usada e das intenções dos interlocutores.

Com base nessas premissas, a LC propõe uma nova maneira de entender a gramática. Em vez de ser vista como um conjunto fixo de regras que organiza palavras e sentenças, a gramática é entendida como um sistema flexível de princípios que opera sobre a base do conhecimento e das experiências dos falantes. Então, a língua não é apenas um código, mas um instrumento essencial para expressar pensamentos, categorizar o mundo e, principalmente, interagir na sociedade.

Abreu (2010), sobre a LC, afirma que este estudo não se preocupa com questões formais da língua, mas com a conceptualização, ou seja, a forma como vemos e recortamos o mundo, como criamos categorias e estabelecemos semelhanças e analogias entre as coisas. Um exemplo, baseado nos processos conceptuais e na ideia de conceptualização, é o estudo das metáforas conceptuais. Diferente da visão tradicional que entende a metáfora como uma figura de linguagem meramente ornamental, a LC a compreende como um mecanismo fundamental de pensamento e categorização do mundo. Um caso é a metáfora TEMPO É DINHEIRO, proposta por George Lakoff e Mark Johnson em seu livro *Metáforas da Vida Cotidiana* (2002). Nessa metáfora, o tempo (algo abstrato) é conceptualizado como um

recurso valioso e limitado, semelhante ao dinheiro (algo concreto). Essa conceptualização se reflete em expressões cotidianas como:

- "Você está desperdiçando meu tempo. Você está me fazendo perder tempo. (*You are wasting my time*)."
- "Eu não tenho tempo para te dar./ Eu não tenho tempo para você. (*I don't have the time to give you.*)"
- "Eu não tenho tempo para perder com isso. (*I don't have enough time to spare with this.*)". (Lakoff e Johnson, 2002. p. 50)

Essas expressões mostram como a linguagem reflete a maneira como categorizamos e entendemos o tempo, atribuindo-lhe características de um bem material. Isso evidencia que a conceptualização não é apenas um processo linguístico, como também cognitivo, pois está enraizada na nossa experiência concreta do mundo (como lidar com dinheiro) e na forma como projetamos essa experiência para compreender conceitos abstratos (como o tempo).

Rodrigues (2022), baseada em Silva (1997), ao explicar sobre esse estudo, considera que conceitos como a metáfora dada de exemplo, surgem de interconexões que o ser humano estabelece com o ambiente por meio de suas experiências, rejeitando a separação entre diferentes tipos de conhecimento. Considerando isso, os estudos da LC se fundamentam em uma semântica baseada tanto no conhecimento de mundo quanto no conhecimento dicionarizado, os quais, interligados, estruturam categorias e conceitos que refletem as construções mentais humanas.

Esse exemplo da metáfora TEMPO É DINHEIRO ilustra como a LC se afasta das regras formais da língua e se concentra na maneira como os falantes recortam e organizam o mundo por meio de processos mentais, criando analogias e categorias que refletem sua interação com o ambiente físico, social e cultural. A metáfora conceptual, portanto, não é apenas um recurso linguístico, mas uma ferramenta cognitiva que estrutura nosso pensamento e nossa ação.

Apesar de ser um campo vasto, para este trabalho, o foco está nos estudos de *frames* que será abordado no subtópico 3.4. Mas antes de tratar especificamente deste estudo, é importante explicar sobre a significação para os estudos cognitivos e a complementação para este trabalho, posto que o *significado* é visto como uma construção cognitiva em que o mundo é apreendido e experienciado (Ferrari, 2023).

3.2 A significação para a Linguística Cognitiva

Como tratado anteriormente, a LC defende que os conceitos que usamos na linguagem são construídos com base nas conexões que fazemos com o nosso entorno, por

meio das nossas experiências. Sendo assim, o significado nasce da combinação entre o conhecimento do mundo e o conhecimento linguístico, refletindo as formas como organizamos e categorizamos mentalmente a realidade. A categorização, geralmente, é realizada de forma inconsciente e possibilita aos seres humanos reunir experiências semelhantes, identificar e distinguir situações, além de estruturar mentalmente os elementos que compõem tanto os seres vivos quanto os objetos inanimados. Esse processo é fundamental para que possamos compreender e atribuir significados no mundo ao nosso redor (Rodrigues, 2022).

Segundo Ferrari (2023), no campo da Linguística Cognitiva, as palavras não contêm significados por si mesmas, os sentidos são construídos a partir da interação e da cognição, dependendo, portanto, de diversos aspectos, como o contexto, a experiência prévia e o conhecimento do falante. É como um processo mental dinâmico, que envolve a constante categorização e reorganização do mundo com base na interação entre estruturas cognitivas individuais e modelos de crenças compartilhadas culturalmente. Sendo assim, propõe-se uma abordagem de semântica cognitiva, que distingue o significado linguístico de forma enciclopédica, ou seja, como um conhecimento amplo e interligado em contraste da perspectiva tradicional de dicionário com definições fixas usadas nos estudos semânticos convencionais.

Silva (1997), ao argumentar sobre os conceitos centrais desse estudo, que se diferencia de outras abordagens por enfatizar a importância da significação e sua relação com o conhecimento do mundo, menciona três princípios propostos por Geeraerts (1995): a primazia da semântica na análise linguística, a natureza enciclopédica do significado e a perspectiva do significado linguístico.

O primeiro princípio, a *primazia da semântica*, decorre da visão cognitiva da linguagem. Se entendemos que a função principal da linguagem é a categorização do mundo, então, o significado passa a ser o aspecto central da análise linguística. Isso significa que, para compreender como a linguagem funciona, é essencial entender como os significados são construídos e utilizados. A palavra *fruta* agrupa elementos como *banana*, *maçã* e *laranja*. Quando usamos essa palavra, estamos fazendo uma categorização, ou seja, organizando mentalmente um grupo de objetos com características semelhantes.

Os outros dois princípios detalham a forma como o significado é concebido. A *natureza enciclopédica do significado* defende que o conhecimento linguístico está profundamente interligado ao conhecimento de mundo. Em outras palavras, o significado de

uma palavra ou expressão não pode ser separado das experiências, contextos e informações que temos sobre o mundo. Logo, a LC rejeita a ideia de que existe um nível puramente estrutural ou sistêmico de significação que possa ser analisado isoladamente, sem considerar o contexto e o conhecimento extralinguístico.

A palavra *mãe*, por exemplo, é um conceito baseado em um modelo complexo no qual diversos modelos cognitivos individuais se combinam, formando um *modelo de cluster*²⁰ e que não se limita a apenas um significado (Lakoff, 2008), ela pode carregar uma cadeia de significados que variam conforme o contexto cultural, histórico e social de cada pessoa. As experiências de vida, o ambiente social e os valores culturais que moldam a forma como as pessoas entendem e usam essa palavra.

Lakoff (2008) apresenta alguns modelos cognitivos individuais que se combinam e tornam-se um modelo complexo em prol da palavra *mãe*, são eles:

- O modelo do nascimento: a pessoa que dá à luz é a mãe.
- O modelo genético: a mulher que fornece o material genético é a mãe.
- O modelo da nutrição/cuidado: a mulher adulta que cria e cuida de uma criança é a mãe dessa criança.
- O modelo matrimonial: a esposa do pai é a mãe.
- O modelo genealógico: a ancestral feminina mais próxima é a mãe.
(Tradução livre. Lakoff, 2008, p. 74).

Fora desses modelos propostos pelo autor, com base em aspectos culturais e conhecimento de mundo, temos outros entendimentos sobre a palavra *mãe*, como exemplo:

- **Maria mãe de Jesus:** considerada uma mãe para os cristãos e vista além de uma figura biológica, é uma representação religiosa ligada aos valores de pureza, proteção e devoção.
- **Maria Quitéria:** militar baiana conhecida como a mãe da pátria dando a ideia de mãe ser um significado de liderança, origem e cuidado com uma nação.
- **Célula-mãe:** usada para descrever a célula original da qual outras se desenvolvem, fazendo o significado transcender o do uso cotidiano.

O significado de *mãe* não é apenas um conceito fixo dentro da linguagem, mas está ligado ao nosso conhecimento de mundo. Isso exemplifica a natureza enciclopédica da significação, pois as palavras carregam não apenas definições, como também experiências, emoções e valores culturais que se constroem com base em uma série de conhecimentos enciclopédicos, como dado os exemplos, que influenciam a forma como o falante interpreta e usa a palavra.

O terceiro princípio, *a perspectiva do significado linguístico*, reforça que a

²⁰ É formado por um modelo complexo em que vários outros modelos cognitivos individuais vão combinando. Lakoff (2008, p. 74).

linguagem é vista como um fenômeno dinâmico, moldado pelas interações sociais e pelas experiências individuais. As estruturas linguísticas não são fixas ou rígidas, contudo, se adaptam continuamente às necessidades comunicativas dos falantes. Como apresentado anteriormente, a palavra *mãe* não se dá apenas um único significado fixo e definido, com base nas interações sociais e contato entre falantes, essa palavra se estende a uma rede de significados que dependem do contexto, do conhecimento, do aspecto cultural e social do falante.

Na língua portuguesa, a palavra *mãe* tem como significado, principalmente, aquela que gera ou cuida de um filho, carregando o símbolo da maternidade²¹. Em algumas línguas indígenas, como o Nheengatu, o conceito de mãe se expande, à semelhança do português. Nessa língua, diferentes significados podem ser atribuídos à palavra, como a elementos da natureza e entidades espirituais que são atribuídas às funções maternas. A título de exemplo, pode haver palavras específicas para a *mãe do dia*, a *mãe da chuva*, a *mãe d'água* ou a *mãe deste dia (o sol)* (*aracy*, *amanacy*, *Y-iára* e *coaracy*) demonstrando uma visão de mundo na qual a maternidade é um princípio fundamental que rege a relação entre os seres humanos e a natureza. Dessa forma, no português e nas línguas indígenas o conceito de *mãe* é ampliado, incorporando dimensões espirituais, ambientais e culturais, o que reflete uma maneira distinta de perceber e categorizar o mundo.

Chiavegatto (2009, p.83), ao mencionar Silva (2004), acrescenta que cada um desses três princípios têm aspectos importantes a serem considerados no trato da linguagem, a saber:

1. o significado das formas linguísticas é construído a partir do conhecimento enciclopédico, ou seja, ele organiza e reflete a visão de mundo de uma determinada sociedade e cultura. Dessa forma, a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também uma forma de conhecimento.
2. que filosófica e epistemologicamente, a LC adota uma perspectiva experiencialista, o que significa que seus estudos se baseiam em contextos reais de uso da língua. Assim, a linguagem é vista como algo incorporado ao sujeito, não podendo ser dissociada de sua experiência concreta de comunicação e interação.
3. a categorização do conhecimento feita pela linguagem se baseia em experiências compartilhadas entre os indivíduos. Essas experiências podem ser representadas de formas variadas, desde as mais concretas até as mais abstratas, permitindo que as construções linguísticas sejam compreendidas e que a comunicação ocorra de maneira eficaz. Chiavegatto (2009, p.83).

Voltando ao ponto de que a LC parte do princípio de que o significado das palavras

²¹ Com base no dicionário Michaelis On-line. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/m%C3%A3e/>>. Acesso em 3 de julho de 2025.

e expressões não é fixo, mas construído de forma dinâmica, no momento da interação, a partir das relações entre a mente, o corpo e o ambiente (que inclui fatores físicos, sociais, históricos e culturais), compreende que o sentido surge tanto da experiência individual quanto da experiência coletiva dos seres humanos. Turner (1996) *apud* Chiavegatto (2009) explica que, frequentemente, tratamos os conceitos como conjuntos fixos de significados, atribuindo-lhes rótulos como casamento, nascimento, morte, força, eletricidade, tempo e amanhã. No entanto, o significado não é algo estático ou armazenado de forma permanente, pelo contrário, ele é dinâmico e está em constante transformação. Pode ser construído e reconstruído conforme as necessidades comunicativas e expressivas de cada situação.

Chiavegatto (2009) ainda destaca que, para compreender a comunicação de forma produtiva, é essencial considerar conceitos como perspectiva e foco e enquadramento (*frame*). O mundo não é apenas percebido e conceituado de maneira estática, como também faz parte do processo interpretativo. A linguagem, o contexto e a realidade estão interligados, funcionando como uma continuidade. O significado de algo não é simplesmente reduzido a palavras ou frases isoladas; ele se adapta conforme as necessidades da interação humana.

Para finalizar, a autora enfatiza que é o contexto que determina o significado das construções linguísticas. O sentido das palavras ou expressões depende da situação em que são usadas, da perspectiva sobre a qual se fala, do enquadramento adotado e dos elementos externos envolvidos na comunicação.

3.3 A noção de construto

Embora os estudos da LC considerem que o princípio da linguagem parte da interação social, esta é dependente da conceitualização (Langacker, 2000 *apud* Lima, Silva e Souza, 2024). Langacker (2008) argumenta que o significado de uma expressão não é apenas o conteúdo que ela evoca, mas a forma como esse conteúdo é estruturado ou construído. Em uma metáfora visual, por exemplo, há um conteúdo sendo visto por diversos espectadores que com base no conhecimento de mundo, é construída e vista de diferentes formas. Para Langacker, isso é chamado de *construto* ou *perspectivação conceitual*. Uma determinada cena envolve: especificidade, focalização, proeminência e perspectiva. A noção de construto e também as noções de especificidade, focalização, proeminência e perspectiva são relevantes para este trabalho, porque permitem compreender que a linguagem não tem apenas a função de nomear elementos, mas também de selecionar, organizar e perfilar aspectos específicos da experiência, estruturando a forma como os conceitos são

representados e interpretados. Por meio do *construto* de Langacker (2008), é possível analisar como diferentes expressões, neste caso direcionadas à mulher, configuram pontos de vista distintos sobre a identidade feminina.

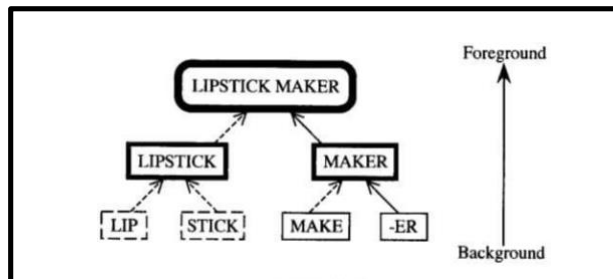
A especificidade corresponde ao nível de detalhamento em que dada cena é retratada. Segundo Lima, Silva e Souza (2024), esse fenômeno se manifesta tanto no léxico como também em construções mais complexas, indo do mais esquemático ou genérico para mais específico. Langacker (2008 p. 55) fornece exemplos como o de temperatura em que pode descrevê-la dizendo: *Hoje está quente*, ou com um maior grau de especificidade, *Hoje está na casa dos 32°, cerca de 35°, ou exatamente 35°*. As afirmações contêm similaridade, porém, a primeira informação revela apenas uma informação geral, enquanto a segunda é mais específica. A primeira é mais esquemática e a segunda é mais específica. Do mesmo modo que *tia* é um termo mais específico do que *parente*, a expressão *rato marrom grande* é mais específica do que *roedor*. A partir desses exemplos, é possível observar o grau de detalhamento que o autor nomeia de granularidade e resolução. Langacker (2008) assinala que uma expressão com alto nível de especificidade apresenta a cena com riqueza de detalhes, em alta resolução, permitindo uma visualização mais precisa da situação descrita. Em contraste, expressões menos específicas *hoje está quente; parente e roedor*, produzem descrições de baixa resolução, oferecendo apenas contornos gerais e uma organização mais global do evento. Em relação às demandas feministas, dizer *feminicídio* é uma palavra mais específica do que *crime passionnal*. *Crime passionnal* não coloca em foco a mulher, já *feminicídio* especifica crimes cometidos por homens contra mulheres.

Ao dizer *batom*, ativamos vários domínios (cosméticos, estética, formato de bastão, cor, lábios etc.) com base em nosso conhecimento de mundo. No entanto, a depender da cena, utiliza-se apenas o domínio que for relevante para aquele contexto específico. Tal como exemplo, alguém pode dizer: *Fulano, a filha da vizinha está usando um batom de cor vermelha*. Nessa fala, o interlocutor está se referindo ao batom como um item de uso estético. Diferentemente, se disser: *Fulano, a filha da vizinha comprou aquele batom de dupla cor da Avon que tem o formato de morango*, a ativação recai sobre domínios mais específicos, a marca e formato do objeto físico, evocando especialmente para brasileiros, um batom conhecido por essas características. Com esses exemplos (uso estético ou formato do objeto), é explícito o que está em foco durante uma conversa e que para Langacker (2008) é denominado focalização.

Como parte da focalização, Langacker (2008) apresenta a composição que tem

como característica a criação de significados maiores a partir de partes menores. Essas combinações são organizadas de forma hierárquica, revelando o grau de foco. Ao dizer, por exemplo, fabricante de batom, temos uma expressão composta por duas palavras com significados distintos, no entanto ao se unirem, geram um único significado: alguém que fabrica batom. Na Figura 8, a seguir, podemos visualizar a esquematização do autor:

Figura 8: Exemplo de composição *fabricante de batom*, por Langacker (2008)



Fonte: Langacker (2008, p. 60).

Em *fabricante de batom (lipstick maker)*, o foco não está em *batom* nem em *fábrica* separadamente, posto que essas palavras pertencem ao segundo plano. O foco primordial está na pessoa ou empresa que fabrica o batom, ativando, assim, o plano de frente (*foreground*) em detrimento do plano de fundo (*background*), que são os significados composicionais em relação ao todo.

Ao tratar do conceito de escopo, parte da focalização, Langacker (2008) apresenta o exemplo da palavra *cotovelo*. Quando evocada, ela acessa um domínio mais amplo: o corpo humano, mas seu escopo imediato é a articulação entre o braço e o antebraço. Embora o corpo inteiro seja o domínio cognitivo acessado, o escopo da palavra *cotovelo* se delimita àquela região específica. Da mesma forma, ao dizermos que *duas cidades estão próximas*, ativamos o domínio da localização espacial, o nosso escopo visual ou conceitual se ajusta à distância entre essas duas cidades, ignorando todas as demais informações espaciais possíveis. Dessa forma, o escopo é sempre limitado: ele seleciona, dentro de um todo maior, apenas a parcela relevante para o sentido que se deseja construir, funcionando como uma espécie de *quadro de visão* que destaca o que está em primeiro plano e relega o restante ao segundo plano.

O terceiro elemento que faz parte do construto é a proeminência, entendida como a saliência conceitual, isto é, o destaque que damos a certos elementos em nossa mente quando usamos ou interpretamos uma expressão linguística. Ela se manifesta de duas formas

principais: perfilamento e alinhamento. Lima, Silva e Souza (2024) explicam que o perfilamento acontece quando uma parte específica de uma estrutura é destacada. Voltemos ao exemplo das palavras *cotovelo* e *braço*. Ambos possuem o mesmo escopo, o corpo humano, porém, perfilam partes diferentes. O *cotovelo* é uma parte específica enquanto que o *braço* se refere a toda a estrutura do membro. Já o alinhamento, segundo os autores, é compreendido como diferentes participantes de uma cena ou evento são apresentados e organizados mentalmente. Os autores dão exemplo dos arranjos *marido* e *mulher*, em que ambos compartilham o mesmo escopo imediato, o *casamento*, mas cada arranjo perfila um papel diferente dentro dessa estrutura a depender do foco na expressão. *Marido* perfila o par masculino e *mulher* o par feminino.

Por fim, Lima, Silva e Souza (2024) explicam que a perspectiva, na visão de Langacker (2008), diz respeito ao ponto de vista a partir do qual um evento é apreendido e descrito linguisticamente, influenciando o foco, a interpretação e a estrutura do enunciado. Em uma mesma situação, diferentes perspectivas podem gerar construções linguísticas distintas, revelando o posicionamento do enunciador. Como ilustração, em uma cena de casamento, o enunciado *A noiva entrou na igreja emocionada* adota a perspectiva de um observador que foca na figura feminina e em sua emoção. Já a frase *O noivo aguardava no altar com lágrimas nos olhos* focaliza a mesma cena a partir do ponto de vista do noivo, destacando suas emoções e sua posição no espaço. Ambos os enunciados representam o mesmo evento, no entanto, o que é salientado e como é narrado depende da perspectiva adotada.

Com base nos estudos de Langacker (2008) sobre *construto* e seus elementos, imaginemos uma construção linguística com as expressões *mãe solteira* e *mãe solo*, em que a primeira ativa o estado civil da mulher e o julgamento do patriarcalismo enquanto que a segunda ativa a autonomia e o valor monoparental. Analisemos o quadro a seguir com os quatro elementos, explicados anteriormente, e a percepção visual e concepção linguística (o que nos interessa) dada a essas expressões, representadas logo após o Quadro 2.

Quadro 2: Elementos do construto com os produtos *mãe solteira* e *mãe solo*

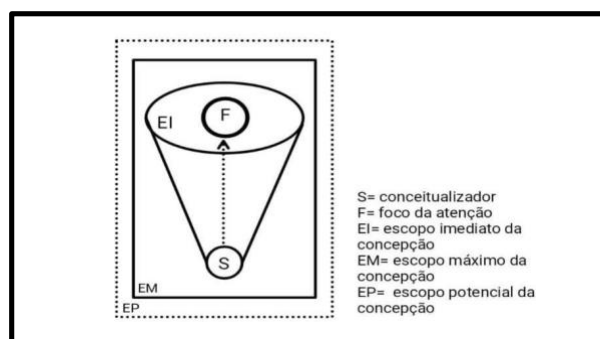
Crítérios de Langacker	Mãe solteira	Mãe solo
Especificidade	remete ao estado civil (solteira vs casada).	ligado ao papel monoparental e à maternidade.
Focalização	Foco recai sobre a condição conjugal da mulher.	Foco recai sobre a atuação como mãe independente e seu papel na criação.
Proeminência	O marido ausente (ou a ausência de um homem) é conceitualmente proeminente.	A figura da mãe e sua agência aparecem como mais salientes na cena mental.
Perspectivação	Externa e julgadora pelo tradicionalismo: define a mulher pela ausência de um parceiro e por ter sido mãe fora da instituição casamento.	Interna e empática: define a mulher pela presença materna, afetiva e autônoma.

Fonte: elaborado pela autora.

Com base no Quadro 2, ao ativar a unidade lexical *mãe solteira*, a palavra relacionada ao *status* civil evoca um modelo mental baseado na norma tradicional, com julgamento implícito, pois a ausência do pai é destacada como fora do comum. Diferentemente, *mãe solo* ativa um modelo mais moderno, centrado na experiência e no protagonismo da mulher na maternidade, independente da presença de um parceiro.

Lima, Silva e Souza (2024) explicam que determinada cena envolve a relação da percepção visual com a concepção linguística. Com base nesses autores, a Figura 9 a seguir representa o modo como o sujeito conceptualiza uma dada cena.

Figura 9: Concepção Linguística

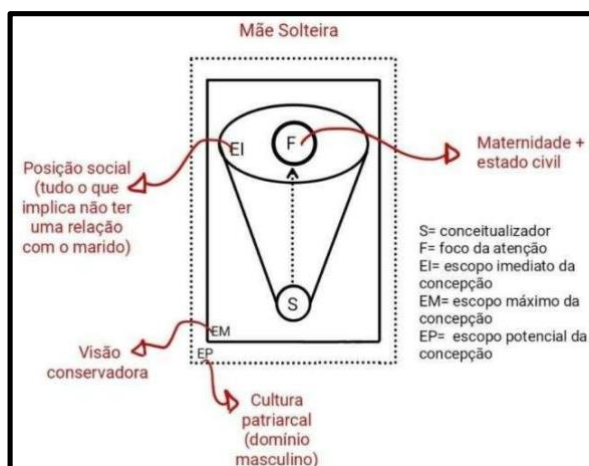


Fonte: elaborado pela autora com base em Langacker (2017, p. 6).

A figura retrata, em termos de concepção linguística, quais elementos são ativados a partir de que dada palavra é acionada. O conceitualizador (S) consiste no falante ou intérprete que capta o conceito destacado no símbolo linguístico conhecido como o foco da

atenção (F). O escopo imediato da concepção (EI) é baseado no conhecimento imediato necessário que se tem sobre dada palavra para compreendê-la que, em seguida, é acessada por um escopo máximo de concepção (EM). O EM é caracterizado pelo conhecimento cultural e experiencial mais amplo e atinge o escopo potencial da concepção (EP), em que os sentidos ou experiências latentes podem ser ativados a depender do contexto. A partir desse modelo, nós o ressignificamos e analisamos o exemplo de *mãe solteira* e *mãe solo*, dados anteriormente. Vejamos a Figura 10, a seguir:

Figura 10: Concepção Linguística de *mãe solteira*



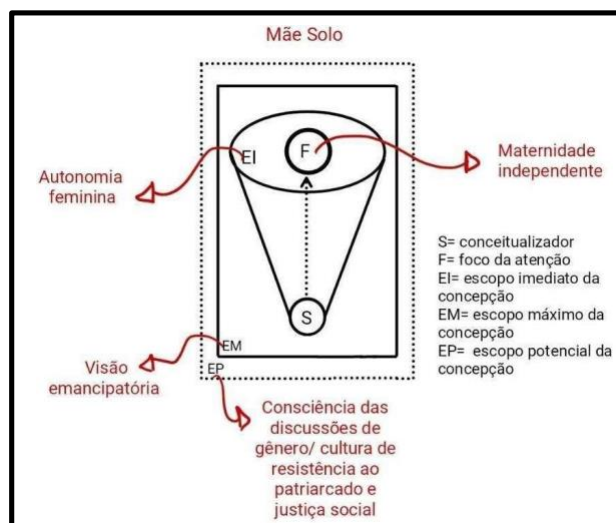
Fonte: elaborado pela autora com base em Langacker (2017, p. 6).

A Figura 10 ilustra como a conceitualização dessa estrutura linguística ativa domínios e perspectivas distintas em relação à expressão *mãe solo*. Aqui, o foco da atenção (F) está na junção entre maternidade e estado civil, revelando que a expressão carrega não apenas a condição de mãe, mas também a marca social do estado civil, frequentemente interpretada por algo fora do comum e do padrão, o que ativa o escopo imediato (EI) da composição social, tudo o que implica não ter uma relação com o marido e que a maternidade fora de um vínculo conjugal é muitas vezes vista como desvio de uma norma estruturada pelo casamento heterossexual. O escopo máximo (EM) amplia esse entendimento para a visão conservadora em que a palavra solteira ainda se ancora em uma lógica em que o masculino é referência, seja pela ausência presumida do pai, seja pela centralidade do casamento como legitimação. O escopo potencial (EP), embora acessível, permanece à margem: é evocado por uma cultura patriarcal (domínio masculino), que direciona e julga a mulher pelo seu estado civil. Sendo assim a expressão *mãe solteira*, embora pareça

descritiva, mobiliza um construto ideológico mais conservador, no qual o julgamento e a normatividade pesam mais do que a agência feminina.

A Figura 11, a seguir, diferentemente, analisa a expressão *mãe solo* a partir dos elementos de conceitualização propostos por Langacker (2008). Vejamos:

Figura 11: Conceção Linguística de *mãe solo*



Fonte: elaborado pela autora com base em Langacker (2017, p. 6).

Na Figura 11, o conceitualizador (S) direciona sua atenção para o foco (F), que, neste caso, é o papel monoparental (maternidade independente), visto como elemento central do perfilamento linguístico. Esse foco está inserido em um escopo imediato (EI), associado à ideia de matriarcado, o que já carrega uma concepção social estruturada na autonomia feminina. No EI, a expressão ativa autonomia feminina, reanalisando a mulher como sujeito central da experiência da maternidade e rompendo com a lógica patriarcal que associa a constituição familiar à dependência do homem. Em seu EM, *mãe solo* projeta uma visão emancipatória, ao questionar modelos normativos de família e legitimar arranjos familiares diversos. Já em seu EP, a circulação desse léxico contribui para a consciência crítica das discussões de gênero, articulando-se uma cultura de resistência ao patriarcado e às lutas por justiça social, ao desnaturalizar desigualdades e enfrentar estigmas historicamente atribuídos às mulheres mães.

A partir dos fundamentos de Langacker (2008), das considerações de Lima, Silva e Souza (2024) e os exemplos, analisamos como um significado é construído para além do conhecimento de mundo, como a percepção de dado sujeito e a concepção linguística são

construídos e quais são as etapas para a construção de dado significado. Com esse aprendizado, passamos à noção dos estudos da semântica de *frames*.

3.4 A semântica de *frames*

A análise cognitiva parte do princípio de que toda comunicação pode ser vista como uma cena ou uma espécie de representação dramática. Isso significa que cada interação entre os falantes envolve diferentes momentos ou quadros, que se sucedem e constroem significados à medida que a conversa se desenvolve. Esses significados não surgem isoladamente, mas estão sempre ligados à interação entre os participantes.

Além disso, a comunicação é uma experiência social que as pessoas acumulam ao longo da vida. Com o tempo, os falantes armazenam essas experiências na memória e as associam aos eventos vividos. Formam-se estruturas de conhecimento complexas, compostas por diferentes tipos de signos e significados (semioses). Essas estruturas permitem que os indivíduos compreendam e interpretem novas situações comunicativas com base em suas vivências anteriores (Chiavegatto, 2009).

Os *frames* fazem parte de uma abordagem da linguagem que contém um sistema de comunicação derivado da interação humana. Apesar de o conceito ter sido usado em outras áreas como a psicologia e a inteligência artificial, ressaltamos a sua função na LC com o trabalho iniciado por Charles Fillmore que deu início aos estudos do *frame* a partir da descrição linguística com a noção de papéis temáticos e, posteriormente, ampliou os estudos para incluir a caracterização de estruturas de conhecimento, ligando a análise da linguagem ao estudo dos fenômenos cognitivos (Cienki *apud* Geeraerts e Cuyckens, 2007).

Numa breve explicação sobre este estudo, Silva (1997), com base nas obras publicadas em 1975, 1977 e 1978 de Fillmore, define *frame* como um conjunto de recursos lexicais e sintáticos disponíveis para descrever uma determinada cena ou situação. Para a LC, os *frames* representam estruturas de conhecimento associados a contextos de interação específicos, refletindo-se na linguagem especialmente nas relações entre verbos e na construção sintática das frases.

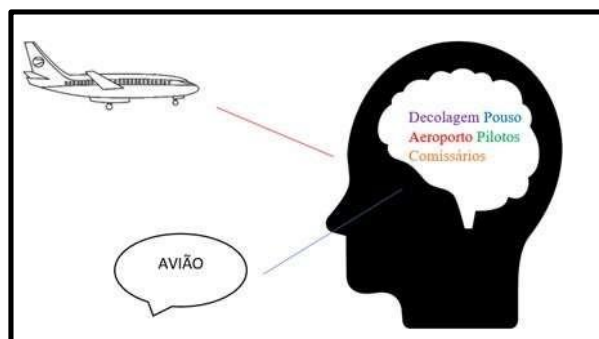
Nos estudos de Fillmore (2009), o autor define *frames* como um sistema de conceitos altamente integrados de modo que, para acessar determinada palavra, acessa toda a estrutura na qual ela se enquadra. Quando uma palavra dessa estrutura é introduzida em uma conversa ou um texto, automaticamente, todos os outros elementos referentes a ela serão acionados. Os *frames* representam uma categorização que está associada à nossa visão e

experiência de mundo.

Para Duque (2015), *frame* é definido como estruturas mentais utilizadas para organizar os pensamentos, conceitos e perspectivas sobre o mundo. A compreensão de novas informações só ocorre quando elas se encaixam nos *frames* que são construídos por meio da interação e da comunicação. Esses padrões cognitivos são ativados e aplicados de forma inconsciente, sendo papel das ciências cognitivas torná-los explícitos.

Abreu (2010), com base nos estudos de Kövecses, define *frames* como construtos da nossa imaginação. Para elucidar o conceito, o autor apresenta como exemplo a palavra *avião* que aciona de imediato ideias relacionadas à palavra. Vejamos no exemplo a seguir da Figura 12:

Figura 12: Exemplo do acionamento da palavra *avião*



Fonte: Elaborado pela autora com ilustrações pesquisadas no Google imagens.

Como mostra a figura, o indivíduo, ao visualizar o meio de transporte ou ouvir a palavra *avião*, de imediato aciona elementos (*decolagem, pouso, aeroporto, pilotos, comissários*) relacionados. Segundo Lakoff (2006), quando se ouve uma palavra ou se visualiza uma cena, o *frame* ou conjunto de elementos relacionados é ativado. Os *frames* circulam nos arredores da mente, estruturando o modo como pensamos e organizamos conceitos e concepções sobre o mundo. Retornando à Figura 12, o indivíduo, ao olhar ou ouvir a palavra *avião*, de forma inconsciente, relaciona o *frame* avião com outras palavras de modo automático. Abreu (2010) explica que a palavra acionada e as outras relacionadas e pertencentes ao conjunto fazem parte de um *núcleo duro*, que seria a coleção de elementos prototípicos vinculados a partir de uma determinada palavra, como a essa do exemplo. O autor ainda afirma que a palavra acionada pode evocar outros *frames* como: *medo de voar, de perder a bagagem, desconforto em viagens longas, acidentes aéreos* que fazem parte de uma memória.

Retornando aos estudos de Fillmore (2009), no desenvolvimento de seu texto sobre *Semântica de frames*, o autor afirma que os falantes têm à sua disposição dois tipos de estruturas comunicativas que podem ser utilizadas: os *frames* cognitivos e os *frames* interacionais. Os *frames* cognitivos ocorrem independentemente do contexto real de comunicação e são formados pelos domínios cognitivos envolvidos na construção de significados. Já os *frames* interacionais estão relacionados à maneira como conceituamos o que está ocorrendo durante a interação comunicativa entre falante e ouvinte, ou autor e leitor. Baldo (2015), baseada em Fillmore (2009), explica que, para termos uma melhor compreensão sobre a estrutura comunicativa, é necessário termos conhecimento dos domínios cognitivos subjacentes e compartilhar o mesmo *frame* com os interlocutores. A autora explica que o segundo tipo de *frame*, ao contrário do *frame* cognitivo, é construído somente a partir de interações linguísticas significativas em que essas interações fazem emergir molduras elaboradas a partir da compreensão da situação comunicativa, com base na capacidade dos falantes de organizar e esquematizar os elementos do mundo.

Duque (2015), ao apresentar os estudos sobre discurso e cognição, em um dos tópicos, trata da categorização dos *frames*. O autor afirma que

muitos critérios podem ser considerados na categorização dos *frames*, como grau de complexidade, domínio a que pertence (p. ex.: sociedade, política, religião etc.), tipo de expressão linguística a que está associado (categoria gramatical, estrutura gramatical etc.) ou grau de especificidade (ou de universalidade) cultural. [...] (Duque, 2015, p. 33).

Com o intuito de aprofundar a compreensão sobre essa categorização, o autor apresenta a conceitualização dos tipos de *frames* e exemplos de cada um. Vejamos o Quadro 3, com explicação de cada modelo e exemplos dados pelo autor.

Quadro 3: Tipos de frames e exemplos

Tipos de frames	Exemplo
Frames conceptuais básicos: estruturas mentais ligadas a palavras específicas, que ajudam a entender o significado dessas palavras em um contexto maior. Cada palavra ativa um <i>frame</i> completo com o conjunto, ações e cenários relacionados.	Um exemplo clássico, ao tratar deste estudo, é o explicado, de início, por Fillmore e mencionado por Duque (2015). O <i>frame</i> TRANSAÇÃO COMERCIAL que integra na cena <i>mercadoria, comprador, vendedor e dinheiro</i> . O verbo <i>comprar</i> foca nas ações do <i>comprador</i> em relação às mercadorias enquanto que o <i>vendedor</i> e o <i>dinheiro</i> aparecem como elementos secundários. Já o verbo <i>vender</i> destaca as ações do <i>vendedor</i> com a <i>mercadoria</i> , tornando o <i>comprador</i> e o <i>dinheiro</i> em segundo plano. Embora todos estejam relacionados à cena, cada um enfatiza um lado diferente da transação.
Frames interacionais: são estruturas que orientam comportamentos, intenções e expectativas em interações sociais e conversas.	<i>Frame</i> DEBATE POLÍTICO em que é criado a cena com: Debatedores com opiniões divergentes; Defesa do ponto de vista de cada um e argumentos criados para contrapor o oponente; Moderador que organiza e controla o tempo de fala dos debatedores; Ordem de assuntos guiados pelo moderador.
Esquema imagético (esquema-I): representam relações espaciais simples, muitas vezes associadas a proposições e experiências sensoriais, vistas como <i>Gestalts</i> .	O esquema de CONTÊINER ajuda a entender a ideia de algo estar dentro ou fora de um espaço; o esquema de CAMINHO representa o movimento de um ponto a outro, com início, percurso e destino, exemplo: <i>João vai ao banheiro</i> representa deslocamento de um ponto a outro.
Frames de domínio-específico: ligado a áreas específicas como <i>justiça, religião, política</i> ou <i>economia</i>	Duque (2015) baseado em Fillmore (2009) cita como exemplo <i>assassino e inocente</i> que constroem o sentido de domínio de justiça. Nesse domínio há diferença entre homicídio doloso (com intenção de matar) e homicídio culposo (sem intenção de matar). Alguém pode ser considerado inocente mesmo tendo matado.
Frames sociais (cenários e categorização social): estruturas que orientam o comportamento e expectativas sociais. Podem ser simples (ex: FAMÍLIA) ou complexos (ex: ESCOLA, GOVERNO, IGREJA)	O papel do padre na igreja é metaforicamente mapeado a partir do papel do pai na família: autoridade, proteção, disciplina (<i>O padre é o pai da comunidade</i>).
Frames descritores de eventos: estruturas que descrevem eventos, estados e mudanças de estado, com papéis específicos para participantes, tempo, espaço e ações.	QUEBRAR, MORRER, VENDER: na frase dada por Duque (2015) <i>Maria vendeu todas as rifas</i> , na sentença há o VENDEDOR (Maria), MERCADORIA (rifas) e o COMPRADOR (implícito).
Frames-roteiro: quadros complexos que organizam eventos em uma sequência cronológica, moldando expectativas sobre como as situações se desenrolam no cotidiano.	IR AO RESTAURANTE: inclui ações como entrar, sentar, pedir, comer e pagar. DEBATE POLÍTICO: Dois debatedores com opiniões opostas, moderador guiando a troca de argumentos.
Frames culturais: moldado por influências culturais, que podem afetar a forma como eventos, interações e comportamentos são compreendidos em diferentes sociedades.	Eventos e interações: O que é considerado educado ou rude em uma interação pode variar de cultura para cultura. A organização de um casamento, por exemplo, pode seguir diferentes roteiros em cada cultura.

Fonte: elaborado pela autora com base em Duque (2015, p. 33-39).

Além das categorizações dos *frames*, Duque (2015, p. 40-41) identifica quatro mecanismos fundamentais na conexão de *frames* para a construção de sentido. São eles:

1. **Constituição** – *Frames* complexos são formados por *frames* mais simples, estruturados

hierarquicamente até os esquemas-I mais básicos. Por exemplo, no enunciado *Haddad entrou no gabinete do presidente Lula*, identificam-se esquemas como TRAJETÓRIA, CONTÊINER, e TRAJETOR-MARCO, que organizam a relação entre os elementos da cena. A ligação entre os *frames* segue o esquema TODO-PARTE, onde partes interconectadas formam um todo coerente.

2. **Subcategorização** – *Frames* se organizam em hierarquias, com níveis de inclusão definidos por relações de subcaso. No exemplo, *Gabinete do presidente Lula* pertence à categoria GABINETE, que por sua vez pertence a CÔMODO, CENÁRIO e, por fim, ao esquema-I CONTÊINER. Com a especificação progressiva, elementos como portal, limites e interior são preenchidos com detalhes concretos, como porta, paredes e ocupantes.
3. **Evocação** – *Frames* podem acionar outros *frames* sem relação direta de herança ou estruturação. Isso permite flexibilidade na construção do sentido, destacando certos *frames* enquanto outros permanecem no pano de fundo e podem ser ativados conforme necessário. Essa evocação é essencial em narrativas que exploram surpresas ou revelações.
4. **Unificação** – Na fase discursiva da interpretação, os papéis dos *frames* são preenchidos com informações do contexto situacional ou do discurso anterior, consolidando o sentido.

Esses mecanismos garantem a coerência e a complexidade na construção do significado em um texto ou discurso.

Recapitulando os estudos da semântica de *frames*, podemos entender os *frames* como cadeias de palavras que, com base em nosso conhecimento de mundo, são ativadas ao ouvirmos ou vermos uma determinada palavra, estabelecendo associações imediatas. Fillmore (2009) não apenas conceitua os *frames* e apresenta diversos exemplos, como também destaca, em suas formulações de semântica de *frames* baseadas em observações empíricas (p. 39), alguns aspectos relevantes para este trabalho: enquadramentos alternativos de uma mesma situação, reenquadramento de um conjunto lexical e relexicalização de *frames* inalterados, fundamentais para os objetivos deste trabalho de pesquisa. Esses três aspectos serão explorados em conjunto na próxima seção.

3.5 A relexicalização e o *reframe*

Como apresentado anteriormente, a língua é um sistema vivo em constante transformação, no qual novas palavras e conceitos surgem, enquanto outras existentes são ressignificadas e reenquadradas para se adequarem a novos contextos, por meio da interação e da comunicação entre os indivíduos. Conforme aponta Rodrigues (2022), não apenas reproduzimos a linguagem, mas também a reconstruímos, refletimos sobre seu uso, e a criticamos, reelaborando as formas como interpretamos e ressignificamos o mundo ao nosso redor. Esse processo de ressignificação revela como nos apropriamos de palavras, conceitos e discursos, adaptando-os a diferentes contextos socioculturais.

Paveau, Lourenço e Baronas (2021), no campo da Análise do Discurso, ao tratarem

sobre a ressignificação, definem o processo em quatro etapas: *ferida linguística*, *reapropriação*, *inversão* e *produção de ação*. Os autores, com base em Butler (2004), explicam que esse processo é dinâmico e ocorre quando um indivíduo se reapropria de uma palavra, frase ou expressão dada como uma ferida linguística e o devolve contra a fonte enunciativa ofensiva, num ato de linguagem que produz um poder de ação linguística (p. 25). Os autores comparam essas quatro etapas com um anfíbio, a salamandra que, ao se ferir ou perder algum membro, se regenera. Além disso, os autores, com base em Butler (1997), explicam que a ressignificação se trata de um processo linguístico, discursivo e político:

linguístico porque essa noção está fundamentada na concepção do sentido contextualizado e dependente dos ambientes do sujeito, e não inscrita num conjunto de características semânticas intrínsecas, em que, segundo a autora “as palavras podem [...] ser descoladas no seu poder de ferir”; discursivo porque é uma forma de reenunciação de um termo ofensivo que abre possibilidades de modo inédito; e enfim, político, no sentido de que o sujeito, em vez de deixar-se de ser designado, incorpora a ofensa que lhe foi desferida e produz uma resposta discursiva e ideologicamente inovadora (Paveau, Lourenço, Baronas, 2021, p.26).

Com isso, a ressignificação não é apenas a mudança das palavras, há um processo além do linguístico, como a renúncia de uma palavra ofensiva de maneira inovadora, ressignificando e abrindo novas possibilidades de uso no discurso e a transformação da ofensa em um posicionamento ativo do sujeito, que não apenas recusa ser reduzido pela designação pejorativa, mas a incorpora e a ressignifica, criando uma resposta ideológica e discursiva que desafia a estrutura de poder que originalmente a utilizava como forma de opressão.

Os autores ainda destacam que a ressignificação não é apenas um processo semântico-pragmático. Trata-se de um dispositivo discursivo que envolve formas discursivas e plurissemióticas. Com isso, eles apresentam sete critérios linguístico-(tecno) discursivos necessários para que uma resposta à agressão seja considerada uma ressignificação:

1. Critério pragmático: envolve insulto, estigmatização ou ataque à identidade de um grupo ou indivíduo.
2. Critério interacional: a resposta ao enunciado ofensivo gera uma interação significativa.
3. Critério enunciativo: o sujeito agredido assume a origem da resposta, seja por autocategorização ou recontextualização do enunciado ofensivo.
4. Critério semântico-axiológico: há uma inversão ou mudança de sentido e valor do enunciado.
5. Critério discursivo: a resposta é produzida em um contexto diferente, recontextualizando o ataque.
6. Critério sociossemântico: a nova forma do enunciado é reconhecida e aceita por um coletivo.
7. Critério pragmático-político: a ressignificação tem um impacto revolucionário,

promovendo resistência e reparação social. (Paveau, Lourenço, Baronas, 2021, p.38-39)

Para a AD, a resignificação pode ser definida como uma prática linguageira, linguística e material de resposta a uma ofensa enviada ao sujeito agredido pela autocategorização ou recontextualização simples, que estabelece um retorno do enunciado ofensivo em um contexto alternativo, ganhando um novo significado coletivo que fortalece a resistência e a coesão social (Paveau, Lourenço e Baronas, 2021, p. 39). Para a Linguística Cognitiva, a resignificação e também a troca de uma unidade lexical por outra contribuem para alterar *frames* construídos sócio-historicamente ao longo da experiência do usuário da língua. Corresponde ao que comumente se conhece como *desconstrução*, neste caso, é uma desconstrução tanto externa (no nível da enunciação da palavra) quanto interna (no nível mental subjacente).

O léxico, como aponta Abreu (2022), está ligado à vida social, à cultura e à história dos falantes, além de estar relacionado aos procedimentos cognitivos conectados ao conhecimento de mundo. O autor explica que as palavras não são uma cópia exata da realidade que buscamos compreender, e sim uma interpretação que fazemos ao criá-las. O léxico não é estático, trata-se de um sistema mutável, no qual a conexão entre uma palavra e a realidade que ela nomeia pode ser modificada. Abreu (2022) ilustra essa consideração com o exemplo da palavra *formidável*. Inicialmente, essa unidade lexical tinha o sentido de algo horroroso e descomunal, capaz de causar medo. Contudo, com o tempo, a associação com o medo, que também implica respeito e admiração, fez com que o sentido de horror e perigo desaparecesse. Atualmente, *formidável* é usado para descrever algo admirável, bom ou excelente.

Para explicar a mudança de sentido, Oliveira (2017) apresenta o processo de relexicalização, no campo midiático. De modo introdutório, conceitua esse fenômeno como um processo em que determinado termo é alterado, adquirindo uma nova semântica de acordo com o contexto em que se encontra, não havendo qualquer alteração morfológica. A autora, com base em Correia e Lemos (2005), apresenta argumentos relacionados ao que considera como inovação semântica e pragmática. A inovação semântica ocorre quando uma palavra já conhecida adquire um novo significado e a inovação pragmática acontece quando um termo previamente empregado em um contexto passa a ser utilizado em outro na mesma língua, o que geralmente resulta em uma nova interpretação semântica. Essas transformações, conforme apontam os linguistas, podem ser realizadas de maneira

consciente ou inconsciente, a fim de acompanhar as mudanças socioeconômicas e culturais da língua. Correia e Lemos (2012) *apud* Oliveira (2017, p. 5) destacam os processos responsáveis pela inovação lexical, indicando que o léxico da língua opera com três principais mecanismos para a criação de novas palavras: a construção de palavras, recorrendo a regras próprias da língua; a atribuição de novos significados a palavras já existentes e a importação de palavras de outras línguas.

Fairclough (2001) pontua que a relexicalização faz parte dos domínios da experiência como parte de lutas sociais e políticas e cita como exemplo a mudança de *terroristas* para *lutadores pela liberdade*. Fairclough defende que a relação das palavras com os significados é de *muitos-para-um e não de um-para-um*, em termos mais claros, a relação entre palavras e significados não ocorre de forma unívoca, mas de maneira dinâmica e múltipla. As palavras costumam carregar diversos significados, da mesma forma como um mesmo significado pode ser lexicalizado de diferentes formas, no entanto, essa diversidade de lexicalizações pode implicar variações no próprio sentido. Dessa forma, ao produzir enunciados, fazemos escolhas tanto na seleção das palavras quanto na expressão dos significados. Do mesmo modo, ao interpretar um enunciado linguístico, lidamos com decisões sobre como compreender as opções feitas pelo falante e quais valores atribuir a elas. Essas escolhas e interpretações não são meramente individuais, pois os significados e suas formas de expressão são socialmente variáveis, disputados e interligados a processos culturais e sociais mais amplos.

Fillmore (2009), nas seções do texto sobre Semântica de *frames* intituladas enquadramentos alternativos de uma mesma situação, reenquadramento de um conjunto lexical e relexicalização de *frames* inalterados explica que a análise de mudanças semânticas em termos da semântica de *frames* pode ajudar a compreender diferentes tipos de fenômenos.

No subtópico Enquadramentos alternativos de uma mesma situação, Fillmore (2009) explica como diferentes formas podem representar a mesma situação com base em *frames* semânticos distintos, o que se alinha ao conceito de construto, de Langacker (2008). Isso significa que a maneira como um fato é descrito pode influenciar sua interpretação. Dependendo do enquadramento utilizado, uma mesma atitude ou ação no mundo pode ser vista de maneira positiva ou negativa. No exemplo dado pelo autor, uma pessoa que evita gastar dinheiro pode ser vista como *mesquinha (stingy)* ou *econômica (thrifty)*, dependendo do contraste usado. Se a comparação for entre *stingy* (mesquinho) *x* *generous* (generoso), o foco está na relação da pessoa com os outros, ela não compartilha seus recursos e, por isso,

é vista negativamente. Se a comparação for entre *thrifty* (econômico) x *wasteful* (esbanjador), o foco está na gestão dos recursos, aqui evitar gastar pode ser visto como algo positivo, indicando sabedoria financeira. Quais seriam, então, os enquadramentos alternativos para a mesma situação? De um lado teríamos, *econômico* e *mesquinho* e, de outro, *generoso* e *esbanjador*, nos dois casos, respectivamente, uma visão positiva e negativa sobre a pessoa que recebe esses atributos.

Um tipo significativo de mudança envolve a reconstrução das circunstâncias que motivam o uso da língua, isso é, manter o item lexical e sua relação com a cena associada. Para explicar sobre Reenquadramento de um conjunto lexical um exemplo que Fillmore (2009) apresenta é o uso das palavras na proporção *boy::man; girl::woman*. Ele notou que, no inglês estadunidense, pessoas do sexo masculino são chamadas de *man* numa idade antecipada em relação às pessoas do sexo feminino, que passam a ser chamadas *woman* mais tarde. Os ativistas de gênero, percebendo isso, sentiram-se incomodados com esse padrão de uso, posto que revelava atitudes sexistas e patriarcais por meio do uso da palavra em determinado momento, e não em outro. Com isso, houve demanda social para modificar o uso dessas palavras, estabelecendo uma equidade das idades de transição de *boy* para *man* e de *girl* para *woman*.

Ainda sobre mudança semântica, Fillmore (2009), ao abordar o tema da Relexicalização de *frames* inalterados, explica mudanças superficiais no uso de palavras, sem, contudo, alterar a estrutura subjacente. O que muda é a ligação entre as palavras e seus *frames*. Nesse caso, há uma mudança na forma de usar determinadas palavras (como exemplo anterior *boy x man; girl x woman*) para evitar preconceitos ou estereótipos, mas sem alterar os *frames* construídos e estabelecidos na cognição. Dado o exemplo anterior de mudança de *girl* para *woman*, Fillmore (2009) explica que, embora possa haver a troca de uma palavra por outra no uso da língua por uma busca de equidade e respeito à mulher, um indivíduo vai alterando os *frames* estáveis aos poucos, dizendo para si mesmo: ‘quando estiver inclinado a dizer *girl* eu devo, em vez disso, dizer *woman*’. No meio do processo, pode-se ter erros, como usar *woman* para se referir a uma menina muito jovem. Outro exemplo dado pelo autor é o uso da palavra *suspeito*, que no jornalismo é mais indicada no lugar de palavras como *ladrão*, *assassino* ou *culpado*. O objetivo é evitar a difamação e tratar a pessoa como suspeita, sem acusá-la diretamente, visto que há, no Direito, o princípio da presunção de inocência, em que a pessoa só é considerada culpada depois de passar por julgamento. Essas mudanças, segundo o autor, são superficiais, isto é, visam ajustar o uso

das palavras para se adequar às novas normas sociais ou jurídicas, não modificam a estrutura cognitiva subjacente do *frame* que guia o uso da palavra.

Ao definirem *reframe*, Robson e Troutman (2014) afirmam que essa noção se refere à alteração da perspectiva conceitual a partir da qual uma determinada situação é interpretada. Ao reformular a maneira como essa experiência é percebida, sem modificar os fatos concretos, seu significado pode ser transformado. Reavaliar e ressignificar uma vivência possibilita a construção de um novo entendimento, frequentemente mais positivo, na mente do indivíduo (Jonas, 2005 *apud* Robson e Troutman, 2014). De maneira específica, esse processo envolve a modificação do modo como as pessoas interpretam eventos, ideias ou circunstâncias, explorando diferentes maneiras de compreendê-los.

Lakoff (2004) explica que o *reframe* é definido como uma reconceitualização ou reinterpretação, normalmente oposta à ideia anterior, de uma ideia ou uma cena a partir de um novo conjunto de valores. O autor afirma que *reenquadrar* implica deslocar uma causa ou conceito de um *frame* para outro, com implicações morais e políticas distintas. Lakoff ainda enfatiza que o *reframe* é uma ação que está mudando a maneira como o público vê o mundo, mudando aquilo que se pensa que é o senso comum. Além de que, como a partir da linguagem são ativados os *frames*, é preciso de novos enquadramentos ou *reframes* para o uso de uma nova linguagem.

O *reframe* refere-se, de maneira geral, à mudança na perspectiva sobre uma determinada situação, conceito ou discurso, resultando em uma nova interpretação. Essa mudança pode ocorrer por diversos motivos, como transformações culturais, sociais, históricas ou até individuais.

Segundo Abreu (2010, p. 38), os *frames* fazem parte da construção cultural de uma sociedade e, por isso, podem sofrer alterações ao longo do tempo. Um exemplo clássico, dado pelo autor, é o símbolo da cruz. Na Roma Antiga, a cruz era apenas um instrumento de tortura e execução, utilizado para punir criminosos e opositores do Império, no entanto, com a crucificação de Jesus Cristo, narrada na Bíblia, a cruz passou por uma ressignificação no cristianismo. Para os cristãos, ela deixou de ser apenas um objeto de punição e passou a simbolizar a salvação, o sacrifício e a fé. Esse processo é um exemplo claro de *reframe*, pois um mesmo objeto adquiriu um novo significado ao longo da história.

Os estudos relacionados a mudanças semânticas e lexicais oferecem importantes ferramentas para analisar como os discursos são moldados e como as mudanças linguísticas podem influenciar a percepção de um tema, como é o caso da palavra *mulher*, que é o foco

de pesquisa deste trabalho. Além disso, esses conceitos ajudam a entender que os significados não são fixos, mas múltiplos, sendo atribuídos de acordo com o conhecimento de mundo e as interações sociais.

As reflexões de Fillmore (2009) sobre mudanças semânticas na perspectiva da Semântica de *Frames* demonstram como a linguagem está em constante adaptação, seja por influências culturais, sociais ou históricas. Os conceitos de enquadramentos alternativos, reenquadramento de um conjunto lexical e relexicalização de *frames* inalterados evidenciam que a maneira como as palavras são usadas, podem impactar diretamente a interpretação dos fatos e a percepção social de determinados conceitos.

No caso dos enquadramentos alternativos, Fillmore (2009) mostra que um mesmo comportamento pode ser avaliado de maneiras diferentes, dependendo do *frame* adotado, como no exemplo da pessoa que evita gastar dinheiro. No reenquadramento de um conjunto lexical, percebe-se que a linguagem pode ser ajustada para refletir novas demandas sociais, como a tentativa de equilibrar a transição entre os termos *boy x man* e *girl x woman*. Apesar disso, a relexicalização de *frames* inalterados sugere que essas mudanças, muitas vezes, são superficiais e não alteram completamente a estrutura cognitiva subjacente, podendo gerar usos inadequados, como a aplicação ampla e indevida do termo *suspect* no jornalismo. Dessa forma, a análise das mudanças semânticas no estudo da semântica de *frames* permite compreender melhor os processos pelos quais a linguagem muda, ao mesmo tempo em que evidencia as limitações de certas transformações lexicais, especialmente quando não há uma mudança efetiva no modo de pensar que sustenta esses usos.

Feitas essas considerações teóricas sobre LC, a próxima seção trata dos procedimentos metodológicos desta pesquisa.

SEÇÃO IV

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentamos a metodologia baseada em Gil (2010) e Kozinets (2014), escolhidos para mostrar ao leitor o *design* da pesquisa. Será apresentado também o tipo de pesquisa e *corpus*, os procedimentos metodológicos e critérios de análise dos dados coletados.

4.1 Tipo de pesquisa

Este trabalho se insere no campo das investigações com abordagem qualitativa (Gil, 2010), uma vez que buscamos compreender os fenômenos linguístico, social e cultural que vêm sendo debatidos na sociedade, principalmente nas redes sociais por internautas e não linguistas, em relação a palavras, frases e expressões direcionadas à mulher, o que implica a função metalinguística da linguagem.

Em relação ao procedimento de coleta de dados, esta pesquisa consiste em uma investigação de caráter documental e netnográfica. A pesquisa documental se fundamenta em Gil (2010) e envolve a apresentação de documentos institucionais, como Cartilhas, que contribuem para a construção do trabalho. A netnografia, conforme definida por Kozinets (2014), é uma adaptação da etnografia voltada ao estudo das interações sociais em ambientes virtuais. Nesse sentido, utiliza-se a rede social *X* como fonte de dados, como forma de investigar e compreender dinâmicas culturais, comportamentos e práticas em contextos digitais por meio de *posts* de internautas.

4.2 O *corpus* da pesquisa

Para a realização deste trabalho e como fonte de dados, foi utilizada a rede social atualmente denominada *X* (antigo *Twitter*). A escolha dessa plataforma se deve ao fato de ela funcionar como um fórum digital, no qual internautas expressam opiniões, constroem debates e discutem temas que estão em evidência. Além de sua ampla circulação, o *X* é reconhecido pela velocidade na disseminação de informações e pela diversidade de conteúdos produzidos em tempo real, características que favorecem a observação de práticas discursivas contemporâneas.

Mendes (2017) conceitua essa rede social como um formato de *microblogging*, em que os internautas recebem ou enviam informações textuais para outros usuários. Esses textos, dentro da plataforma, são denominados *tweets* e geralmente, com base em Java *et al.*

(2007) *apud* Mendes (2017), os conteúdos são informar acontecimentos do dia-a-dia, comentários e respostas, em determinado *post*, compartilhar informações e divulgar notícias. Segundo o autor, uma das características que torna o *X* uma ferramenta bastante utilizada para a realização de pesquisas é a forma como as informações são propagadas pela rede. Com o uso de *hashtags* (#), o internauta identifica os assuntos mais discutidos na plataforma, é possível compreender temas em alta, verificar opiniões e sentimentos dos usuários sobre determinados tópicos, o que é útil em diversos contextos de pesquisa, como para este trabalho.

A interface da plataforma é dividida em colunas que organizam a navegação, a *timeline* e as tendências, permitindo uma experiência dinâmica e adaptável ao perfil de cada usuário. A rede social oferece modos claro e escuro, como também opções de acessibilidade visual, refletindo uma boa experiência para o usuário. Além disso, o algoritmo do *X* analisa o comportamento dos internautas, como curtidas, interações e buscas, para sugerir conteúdos alinhados aos seus interesses, o que influencia diretamente tanto os *tweets* exibidos na *timeline* quanto os resultados nas pesquisas.

Para a realização de buscas através dessa rede social, foi utilizado o perfil pessoal da pesquisadora. Reconhecemos que o funcionamento do algoritmo é em diálogo com o histórico de interações e preferências associadas ao perfil. No entanto, a coleta dos dados não se orientou pelas sugestões algorítmicas em si, mas seguiu critérios previamente definidos, organizados em categorias analíticas, as quais serão detalhadas mais adiante. Dessa forma, buscamos garantir maior sistematização e controle metodológico na seleção do corpus, minimizando possíveis interferências do algoritmo na constituição dos dados.

Para mais, as imagens que compõem o corpus foram obtidas por meio de capturas de tela realizadas tanto em computador quanto em dispositivo móvel, em razão da dinâmica de acesso à plataforma *X*. Destacamos que eventuais diferenças de *layout* decorrem da interface dos dispositivos utilizados e não interferem na análise dos dados, que se concentra nos aspectos discursivos e lexicais das postagens.

A Figura 13 a seguir apresenta como é o *layout* da rede social.

Figura 13- *Fac-símile* retirado da página inicial da plataforma X



Fonte: elaborado pela autora com base em dados retirados na rede social X.

A Figura 13 indica a página inicial da plataforma em que está selecionado a aba *para você*, que são *posts* indicados pela rede com base em algoritmo e perfil do internauta, neste caso da pesquisadora. Ao lado da aba *para você*, tem a aba *seguindo* que indica *posts* de perfis que o internauta acompanha. Em seguida, à direita, há a indicação da aba *o que está acontecendo*, que são os assuntos mais comentados na rede e assuntos filtrados com base no perfil do usuário. Ao clicar em *explorar* (localizado à esquerda), o internauta tem acesso ao que está acontecendo no país e no mundo e aos assuntos que estão sendo mais comentados:

Figura 14: *Fac-símile* aba explorar do X



Fonte: elaborado pela autora com dados retirados da rede social X.

Essa seção é dividida em categorias, são elas: 1- Para você (são determinados por um algoritmo e, por padrão, são personalizados com base em quem você segue, em seus interesses e em sua localização); 2- Assuntos do Momento (identifica os tópicos populares da atualidade, que estão em discussão no momento); 3- Notícias (principais informações que estão acontecendo no momento); 4- Esportes (notícias, resultados, análises e discussões sobre diversas modalidades esportivas) e 5- Entretenimento (conteúdos relacionados a filmes, séries, música, humor e outras formas de entretenimento).²²

Para a composição do *corpus* deste trabalho, inicialmente, foi realizada uma busca na rede social, utilizando o mecanismo de pesquisa da plataforma. O objetivo era identificar postagens e discussões que envolvessem a substituição lexical ou processos de ressignificação relacionados à temática mulher. Para as buscas, foram utilizadas palavras-chave genéricas, como *mudança-mulher-palavra*, a fim de localizar conteúdos relevantes relacionados à proposta de mudança de palavra ou de significado. A Figura 15 mostra os resultados encontrados.

²² Informações retiradas dos sites X <<https://help.x.com/pt/using-x/x-trending-faqs>> e B9 <<https://www.b9.com.br/70342/twitter-deixa-moments-de-lado-para-dar-lugar-aba-explorar/>>. Acesso em: 14 de maio de 2025.

Figura 15: *Fac-símile* de geração de dados a partir da busca *mudança-mulher-palavra*



Fonte: elaborado pela autora com base na rede social X.

Os dados encontrados geraram algumas discussões linguísticas na rede social, porém de forma bastante limitada. Como ilustração, o post (1) promove uma interação entre os internautas sobre o uso das palavras garota, moça e mulher. O (2), por sua vez, não apresenta um foco linguístico, estando mais relacionado a uma questão social, especificamente sobre a importância de respeitar o ‘não’ da mulher. De modo semelhante ao primeiro, o (3) revela a preocupação de um internauta quanto ao possível apagamento da figura feminina tanto na linguagem quanto no espaço social, diante do uso de expressões como *peessoas que geram*, em uma tentativa de incluir pessoas trans.

Devido à limitação de dados encontrados por meio da busca de palavras-chave

genéricas e a não interferência da autora em apontar que tal palavra apresenta *frame* relacionado à cultura patriarcal, apesar do algoritmo apresentar resultados com base no perfil da pesquisadora, e como forma de investir em estratégias de busca de dados, em um segundo momento, fizemos uma consulta ao ChatGPT²³ sobre expressões que são usadas cotidianamente e de sua possível ressignificação. A partir disso, foi possível gerar uma lista de palavras, frases e expressões apontadas por essa Inteligência Artificial (IA) como depreciativas, além de sugestões de relexicalização dadas pelo recurso tecnológico.

A IA foi utilizada apenas como instrumento de apoio, visto que acreditamos que as novas tecnologias constituem ferramentas para auxiliar diferentes tipos de trabalhos, sem necessariamente ser substituta do/a pesquisador/a. Ao realizar uma pesquisa, foram utilizados diversos recursos, como livros, artigos científicos, dicionários, textos acadêmicos, acervos entre outras ferramentas, para auxiliar tanto na busca quanto na análise de dados. Com o avanço tecnológico, vivemos atualmente uma etapa em que a Inteligência Artificial se apresenta como uma ferramenta aliada dos pesquisadores e pesquisadoras, com suas inúmeras funções avançadas que podem auxiliar significativamente as pesquisas. Nesse sentido, por escolha consciente e autorizada pelo orientador para este fim específico, decidimos fazer uso deste instrumental. Depois da geração da lista pela Inteligência Artificial, buscamos usos reais das mesmas expressões no *Google*, *Corpus do Português* e rede social *X*. A consulta a esses instrumentos não comprometeu a autonomia analítica e a validade dos dados desta pesquisa. Ao inserir o comando: *faça uma lista de expressões que dizem respeito a mulheres que, na atualidade, demandam substituição por expressões não preconceituosas. Exemplo: no lugar de 'mãe solteira' deve-se usar 'mãe solo'*, o ChatGPT apresentou uma categorização das expressões, conforme se verifica no Quadro 4, a seguir:

²³ Modelo de *software* desenvolvido pela empresa OpenAI, publicado em novembro de 2022. A denominação “ChatGPT” está relacionada à sua função principal de interação conversacional (“chat”, em inglês), enquanto o acrônimo “GPT” corresponde a *Generative Pre-trained Transformer* (Transformador Pré-treinado Generativo), nome atribuído ao modelo de linguagem que o fundamenta. Seu funcionamento baseia-se em técnicas de *deep learning*, utilizando a arquitetura Transformer, projetada para o processamento e a geração de textos de maneira semelhante à linguagem humana. Para produzir respostas e interagir com o usuário, o modelo é treinado a partir de um amplo conjunto de dados textuais provenientes da internet (Fox, 2024).

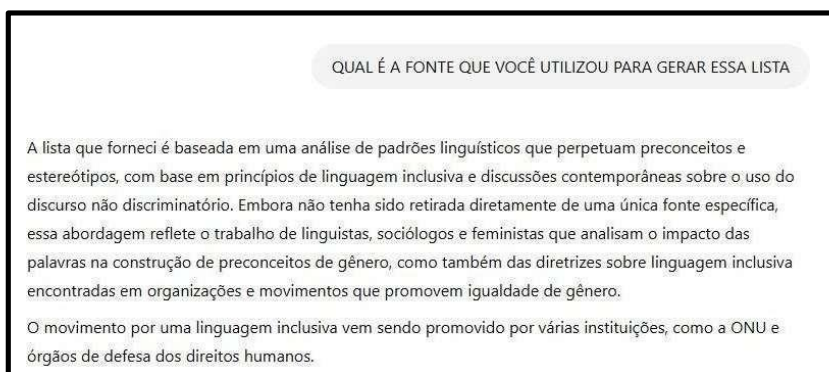
Quadro 4: Lista de palavras, frases e expressões e sugestão de mudança feitas pelo ChatGPT num experimento-teste

EXPRESSÃO CONSIDERADA PRECONCEITUOSA	SUGESTÃO DE SUBSTITUIÇÃO OU ABANDONO DA EXPRESSÃO TRADICIONAL
Mãe solteira	Mãe solo
Mulher fácil	Mulher com liberdade sexual ou mulher autônoma
Amélia	Mulher resiliente ou mulher cuidadora
Esposa do fulano	[Nome da mulher] ou parceira de fulano
Mulher de atitude (com tom pejorativo)	Mulher determinada ou mulher assertiva
Dondoca	Mulher de classe alta ou mulher com outro estilo de vida
Mulher recatada e do lar	Mulher que optou por cuidar do lar
Histórica	Mulher emocionalmente sobrecarregada ou reagindo a uma situação difícil
Vagabunda / Piriguete	Evitar qualquer rotulação – usar nomes próprios ou nenhuma qualificação
Barriga de aluguel	Gestante por substituição ou mãe por gestação compartilhada
[...]	[...]

Fonte: *ChatGPT*. Acesso em: 29 maio de 2025.

Segundo o ChatGPT o critério de seleção e a fonte de dadas palavras, frases e expressões fornecidas foi:

Figura 16: *Fac-símile* do ChatGPT explicando sobre a fonte da geração de dados



Fonte: *ChatGPT*. Acesso em 29 de maio de 2025.

Como explicado pela Inteligência Artificial, os dados coletados não surgiram de uma única fonte. O ChatGPT funciona a partir de um processo de treinamento em que é

exposto a uma grande quantidade de textos, como livros, *sites* e outros materiais escritos, aprendendo padrões de uso da linguagem, relações entre palavras e formas comuns de organização das ideias. Durante uma conversa, ele não realiza buscas na internet nem consulta bases de dados em tempo real, em vez disso, gera respostas com base nesses padrões aprendidos, calculando quais palavras e construções são mais prováveis para responder ao que o usuário escreveu. Assim, o sistema não possui consciência nem acesso direto a fontes externas, mas produz textos que se assemelham à linguagem humana a partir do que aprendeu durante o treinamento (ChatGPT, 2026).

Ainda que a IA, como o ChatGPT, não constitua uma fonte primária ou inteiramente confiável por si só, reforçamos, seu uso foi instrumental para levantar exemplos representativos de palavras, frases e expressões que reproduzem estereótipos de gênero. Esses exemplos serviram como ponto de partida para uma investigação empírica de uso real em *sites* diversos do Google, no *Corpus* do Português e no *X*, onde tais palavras, frases e expressões simplesmente ocorrem, ou são discutidas, ou são ressignificadas, ou são contestadas pelos usuários. Portanto, a combinação entre dados potenciais gerados por IA e dados empíricos extraídos de *sites* do Google, do *Corpus* do Português e do *X* permitiu compor o *corpus* de postagens desta dissertação e, por meio desse *corpus*, produzir uma análise linguística situada, respaldada tanto por debates teóricos quanto pela observação de práticas discursivas autênticas no espaço digital.

Além da seleção da ferramenta, foi definido o critério de busca por meio da aba *Principais* resultados, disponibilizada pela plataforma, em detrimento das demais categorias (*Mais recentes*, *Pessoas*, *Mídia* e *Listas*). A escolha pela aba *Principais* se deu pelo fato de ela apresentar as postagens com maior engajamento, isto é, aquelas que geraram mais curtidas, compartilhamentos e comentários, o que favorece a identificação de discursos com maior circulação e discussão.

Dos *tweets* encontrados, foram selecionados apenas os que apresentavam uma proposta explícita de mudança, como a relexicalização de palavras consideradas pejorativas, ou que promoviam debates sobre os usos e sentidos dessas expressões em contextos sociais. Os *posts* identificados como pertinentes foram salvos para posterior análise qualitativa.

Foram coletados 29 *posts*, durante o período de 2025 dos meses de janeiro a julho, os quais foram salvos na própria rede social. Em seguida, foram transferidos para um arquivo à parte. Posteriormente, aqueles que não apresentavam discussões linguísticas foram eliminados e os selecionados, 15 *posts*, foram divididos em categorias para que fossem

estudados e discutidos no trabalho.

Os dados coletados foram divididos em três categorias, com base no *post* e resultado obtido:

1. *Posts* de um único internauta, sem comentários;
2. *Posts* de três internautas que fazem proposta de substituição lexical ou ressignificação com ocorrência de uma mesma unidade linguística, sem comentários;
3. *Posts* de um único internauta, com questionamentos sobre determinadas palavras, com comentários dentro do *post*.

A primeira categoria foi composta por *posts* que faziam sugestões de mudanças linguísticas sobre palavras, frases ou expressões relacionadas à mulher. A figura abaixo mostra uma publicação sem comentários, mas que tem número de curtidas e republicações (□)²⁴, o que indica que essa proposta passou por um número considerável de internautas.

Figura 17: *Fac-símile post* de um único internauta, sem comentários



Fonte: elaborado pela autora com base na rede social X. Acesso em: 31 de maio de 2025.

Essa categoria é composta somente pelo *post*, sem a participação de comentários ou outros textos similares. Para a seleção das publicações, consideramos somente aqueles que faziam propostas e discussões linguísticas.

A segunda categoria é composta por publicações, feitas por diferentes *twitteiros*, (nome dado aos usuários do *Twitter*, atual *X*), que envolvem a mesma palavra, frase ou expressão. É o caso por exemplo da frase *mulher que se dá o respeito*. Quando realizada a busca das discussões sobre determinada frase e sua proposta de substituição, foram

²⁴ Ação de compartilhar um post (tweet) de outra pessoa na rede social X (para que ele apareça na sua própria timeline e na de seus seguidores. É uma forma de republicar o conteúdo original, mantendo a autoria e permitindo que ele alcance um público maior. Ao retweetar, você pode optar por apenas compartilhar o tweet ou adicionar um comentário pessoal antes de publicá-lo (chamado de "retweet com comentário").

encontrados inúmeros *tweets*, como o mostrado na Figura 18, a seguir, o qual repete a mesma frase ou comentários rotineiros, de não interesse para este trabalho.

Figura 18: Fac-símile post que faz proposta de substituição lexical ou ressignificação de uma mesma unidade linguística, sem comentários



Fonte: elaborado pela autora com base na rede social x. Acesso em 31 de maio de 2025.

Como explicado anteriormente, o objetivo do trabalho é analisar principalmente dados de internautas que fazem discussões sobre determinados usos e substituições ou ressignificações de unidades lexicais reforçadoras da cultura patriarcal. Procuramos por *tweets* que tratavam dessas discussões. *Posts* como os da Figura 18 acima, que só continham a frase, sem questionamentos ou propostas foram excluídos.

Na terceira categoria, foram selecionados *posts* indagando sobre determinados usos e que continham comentários discutindo sobre. Para cada *post* coletado, foram considerados os três primeiros comentários apresentados, desde que atendessem aos critérios de relevância, ou seja, comentários que apresentassem algum tipo de justificativa linguístico-social, e não apenas respostas breves, como *sim* ou *não*. A escolha dessas três categorias se deve ao fato de que elas vão da menos interativa para a mais interativa. A interação é um fator importante para tratarmos da discussão sobre leixias e enunciados nas redes sociais. Destacamos que o X realiza uma filtragem automática, exibindo inicialmente os comentários considerados mais relevantes com base no engajamento e na interação dos usuários. Durante a coleta, não foi feita qualquer alteração manual nas opções de filtragem da plataforma

(como organizar por mais recentes, curtidas ou relevância), mantendo-se os crtrês primeiros comentários exibidos de forma padrão.

Na Figura 19, há um *post*, feito em 2019, por um internauta questionando se é errado dizer *mãe solteira* e se o correto é *mãe solo*.

Figura 19: Fac-símile posts com questionamento sobre determinada palavra, com comentários



Fonte: elaborado pela autora com base na rede social X. Acesso em: 31 de maio de 2025.

Na Figura 19 apresentada, observamos o texto (*tweet*) principal, em que um internauta questiona o uso das expressões *mãe solteira* e *mãe solo*. Abaixo desse texto, constam informações sobre a quantidade de comentários, republicações, curtidas e salvamentos feitos por outros usuários, seguidas pelos comentários de internautas que responderam ao questionamento sobre o uso dessas expressões.

Considerando a Figura 19, foram selecionados, para compor o *corpus* desta pesquisa, apenas os três primeiros comentários dos *posts* que continham questionamentos semelhantes sobre o uso de palavras, frases ou expressões direcionadas à mulher, acompanhados de interações que discutiam essas questões. Optamos por não realizar uma análise sistemática de todos os comentários, priorizando aqueles que apresentavam indagações e justificativas linguísticas sobre o porquê de se ressignificar ou manter o significado original da expressão em questão e os comentários que abordavam outros assuntos foram descartados.

Para preservar o perfil dos usuários do X e o anonimato na análise dos dados, adotamos um sistema de codificação para identificar os internautas da rede social. Cada

comentário foi associado a um código alfanumérico composto por dois elementos: (1) as iniciais do nome do usuário, (2) a data em que o comentário foi publicado. Por exemplo, *post* feito por um usuário chamado *João Pereira* no dia 27 de julho de 2025, foi identificado pelo código (JP - 27/7/25). Esse procedimento visa manter a rastreabilidade dos dados para fins analíticos sem comprometer a confidencialidade dos internautas.

4.3 As etapas da pesquisa

Conforme foi inicialmente planejado, esta pesquisa está dividida em quatro etapas.

Na **primeira etapa**, foram realizadas leituras e fichamentos de textos teóricos que tratavam sobre o protagonismo da mulher na sociedade contemporânea (Pinto, 2010; Berth, 2019), assim como também a importância da língua no processo de luta contra a sociedade patriarcal (Fontes, 2023), a noção de significação, construtos, semântica de *frames*, relexicalização com alteração de *frames* e ressignificação lexical para a Linguística Cognitiva (Silva, 1997; Langacker, 2008; Chievegatto, 2009; Fillmore, 2009, Ferrari, 2023).

A **segunda etapa** da pesquisa focou na geração dos dados. Inicialmente, como já explicado anteriormente, foram utilizadas palavras-chave gerais na ferramenta de busca da rede social *X* (antigo *Twitter*). Posteriormente, com o auxílio do ChatGPT que gerou uma lista de palavras, frases e expressões consideradas machistas ou sexistas e a sua substituição, foram realizadas as buscas mais específicas na plataforma e também no Google e no *Corpus* do Português como forma de atestar usos efetivos da lista potencial.

A **terceira etapa** da pesquisa diz respeito à análise dos dados relativos às propostas de substituição de uma palavra por outra nos *posts* coletados no *X*.

A **quarta etapa** da pesquisa consistiu na análise dos comentários avaliativos e/ou justificativas dos internautas sobre o uso de uma ou de outra forma linguística. Para essa etapa, foi considerada a coerência da justificativa dos internautas, a sua atualização, a qualidade e a validade dos argumentos usados. Além disso, as perguntas de pesquisa serviram de guia para a análise dos dados. Confrontação dos dados com as noções teóricas estudadas anteriormente.

A partir de então, a dissertação começou a ser escrita, juntamente com a preparação para qualificação e em seguida, a defesa.

4.4 Critérios de análise

Em relação aos critérios de seleção dos *posts*, como dito anteriormente, foram

considerados apenas aqueles que apresentavam propostas linguísticas e discussões sobre o uso de palavras, frases ou expressões relacionadas à cultura patriarcal, bem como suas possíveis substituições. Nos casos em que os *posts* continham comentários, como os que questionam sobre determinados usos, foram selecionados apenas os três primeiros para compor o *corpus* da pesquisa. Comentários que abordavam outros assuntos continham respostas vagas, apresentavam teor político-partidário ou não mantinham relação direta com a discussão sobre mudança ou substituição lexical foram desconsiderados. A seleção priorizou a coerência da justificativa do internauta, a sua atualização, a qualidade e a validade do argumento usado.

No que diz respeito aos critérios de análise dos dados coletados e selecionados e como forma de a pesquisadora não correr o risco de aproximar-se [afetivamente] dos dados foram selecionados três critérios científicos e objetivos:

1. **aspectos linguístico-gramaticais** das palavras/expressões/enunciados tradicionais e das propostas como substitutivas: possível origem etimológica da palavra; presença ou não de pejoratividade nos afixos, bases, nominalizações, especificadores e sintagmas verbais à luz dos estudos linguístico-descritivos; posição da palavra na expressão ou na frase);
2. **aspectos semântico-cognitivos** das palavras/expressões/enunciados tradicionais e daquelas propostas como substitutivas: Modelos Cognitivos Idealizados (MCI) evocados pelas duas propostas de uso vocabular; *frames* cognitivos instaurados por uma e por outra opção; *reframe* e ressignificação;
3. **aspectos pragmático-discursivos** das palavras/expressões/enunciados tradicionais e substitutivos: possíveis efeitos perlocucionários do uso de uma ou de outra forma vocabular em determinados contextos; ideologias subjacentes em cada uma das propostas.

Com base nesses critérios, a análise buscou garantir rigor científico e alinhamento com as perguntas de pesquisa e com os objetivos propostos. A adoção de parâmetros linguísticos, cognitivos e discursivos assegurou uma abordagem sistemática e fundamentada dos dados, contribuindo para a validade da investigação.

Concluída essa etapa metodológica, passamos à apresentação e discussão dos resultados.

SEÇÃO V

ANÁLISE DOS DADOS

Esta seção tem como objetivo apresentar e discutir os resultados obtidos a partir da análise do *corpus* selecionado, conforme os procedimentos metodológicos descritos na seção anterior. A partir da coleta de postagens e comentários da rede social *X*, foram identificados enunciados que evidenciam processos de mudança na forma e nos significados de palavras e de expressões relacionadas à mulher. Os dados analisados são discutidos à luz do referencial teórico adotado.

5.1 A gramática da língua e os usos gerais de expressões representativas da perspectiva patriarcal

É consenso entre os estudiosos (Pawley, 2002) que a língua expressa fatos da cultura, o que é percebido nos usos gerais de palavras e expressões que fazem referência à mulher.

Como explicado anteriormente na metodologia, inserimos no ChatGPT o seguinte *prompt*: *faça uma lista de expressões que dizem respeito a mulheres que, na atualidade, demandam substituição por expressões não preconceituosas. Exemplo: no lugar de 'mãe solteira' deve-se usar 'mãe solo'*, a ferramenta gerou uma lista contendo diferentes expressões (Quadro 4). Separamos tais expressões em categorias, sendo elas: 1) que contêm a palavra *mulher*; 2) que contêm a palavra *fêmea*; 3) que contêm *nomes próprios* de mulheres; 3.1) que contêm o nome próprio *Maria*; 4) que contêm a palavra *mãe*. Os quadros para cada categoria foram produzidos por mim, pesquisadora, com base no quadro maior produzido pela IA.

Para a comprobabilidade dos dados e também para a análise, fizemos a busca de usos reais de expressões e de seus possíveis significados em fontes como o *Google*, *Corpus do Português*²⁵ e o *X*.

O Quadro 5, a seguir, mostra a categoria de expressões contendo a palavra *mulher* e o seu significado. Vejamos:

²⁵ Disponível em: <<https://www.corpusdoportugues.org/>>. Acesso em: 07 de jan. de 2026.

Quadro 5: Lista de expressões compostas pela palavra *mulher*

Expressão	Significado
mulher fácil	disponível para relações sexuais.
mulher macho	características masculinas
mulher histérica	irritabilidade, pânico, estressada
mulher-moça	pura, virgem
mulher fatal	perigosa, sedutora
mulher desnaturada	desumana, cruel
mulher frágil	delicada, sem força
mulher mandona	autoritária
mulher de malandro	referência à suposta existência de “mulheres que aceitam a violência doméstica”
mulher de família	respeitosa
mulher da rua	vista como prostituta
mulher de fases	muda de humor
mulher de fulano	esposa de alguém
mulher de vida fácil	prostituta
mulher para casar	ideal e recatada para o casório
mulher que se dá ao respeito	conservadora
mulherzinha	vulgar, sem valor

Fonte: seleção produzida pela pesquisadora com base na lista do ChatGPT.

Os dados expostos apresentam diferentes configurações sintáticas para as expressões. A maior parte delas inclui a palavra *mulher* e uma especificação, que pode ser **adjetival** (*mulher fácil, mulher frágil, mulher macho, mulher histérica, mulher mandona*), **locucional adjetival** (preposição + adjetivo = *mulher de malandro, mulher de fases, mulher de fulano*), **oracional** (oração adjetiva = *mulher que se dá ao respeito*).

Ao pesquisar alguns usos reais no *Corpus do Português*, foram obtidos os seguintes resultados:

(01) *Mulheres, entenda uma coisa. Homens não gosta de **mulher fácil** para casar, eles gostam de **mulher fácil**, para ficar e deixar para trás com um tempo. Homens inteligentes, gosta de conquistar mulheres inteligente. Winston Churchill, disse: Minha conquista mais brilhante foi a habilidade de persuadir minha mulher a se casar comigo. Viu? Seja inteligente.* Inserida por Cristiane Lima¹⁸. (*Corpus do Português*, in: <https://www.pensador.com/homem_nao_gosta_de_mulher_facil/>. Acesso: 23 jul. 2025).

(02) 'Era chamada de **mulher macho**', lembra técnica de boxe e uma das referências em projeto na Maré. (Corpus do Português, in: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/noticia/2024/09/17/era-chamada-de-mulher-macho-lembra-tecnica-de-boxe-e-uma-das-referencias-em-projeto-na-mare.ghtml>. Acesso: 23 jul. 2025).

(03) Se você não tiver personalidade e aceitar tudo que uma **mulher mandona** diz, será um candidato perfeito a ser corno ou a ser maltratado, já que com o tempo ela perderá o pouco de respeito que tem por você. (Corpus do Português, in: <https://pt.quora.com/Como-lidar-com-uma-mulher-mandona>. Acesso: 25 jul. 2025).

Nos dados de (01) a (03), temos o uso de um nome e de um adjetivo que como se sabe, assume, na língua, dentre outras funções, a finalidade de qualificar e avaliar determinado nome. Em todos os casos, observamos que a qualificação é negativa, pois, em (01), há uma negação da expressão *mulher fácil* em favor daquilo que o homem quer e deseja: uma *mulher inteligente*. Em (02), a técnica de boxe feminino Miriam Parga revela o preconceito enfrentado ao exercer a profissão. Em (03), um enunciador masculino dá dicas para lidar com *mulher mandona*.

Mesmo em expressões disfarçadas de elogio, como *mulher fatal* e *mulher que se dá o respeito* há o valor axiológico negativo, porque, por exemplo, em *mulher fatal* ativa-se o *frame* da natureza sexual da mulher, o que pode objetificá-la. Em *mulher que se dá o respeito* há a restrição contida na oração adjetiva em que se ativa o pressuposto que existem mulheres que não são de respeito, não têm uma postura respeitosa e adequada dentro do esperado pela perspectiva patriarcal.

Em muitos casos, existe assimetria entre a expressão usada para se referir à mulher e a correspondente para se referir ao homem. É o caso de *mulher de fulano* que, convencionalmente, parece ser natural dizer *mulher de José* do que dizer *homem de Maria*. A mesma assimetria ocorre em *mulher de vida fácil* e *homem de vida fácil*. Na expressão que se refere ao homem, não há a ativação do *frame* de prostituição tal como ocorre quando se refere à mulher.

Nessa categoria, houve variação da palavra *mulher* para a palavra *moça* em construções do tipo: *moça de família*, *moça trabalhadeira*, *moça para casar*, etc. Em termos de enquadramento semântico, *moça* diz respeito a pessoas do gênero feminino que ainda não se casaram e que, com base na cultura popular mais remota, há a expectativa de que seja virgem e que possua faixa de idade entre 12 e 25 anos mais ou menos. Já *mulher* diz respeito a pessoas do gênero feminino que se casaram, que não são mais virgens, que se tornaram mãe e que possuem mais de 30 anos mais ou menos. Essa é a rede de conhecimentos ativados respectivamente pelos *frames* de *moça* e *mulher*.

Uma breve consulta ao *Corpus do Português* obteve como resultado a ocorrência da expressão *moça de família*, que pode ser analisada essa distinção de *moça* para *mulher*.

(04)[...]" por o o amor de deus minha gente. que ela era trabalhadora ela era. agora dizer que ela nunca deu preocupação a família è demais.paasou um tempo fora de casa.sò vivia em festas e mais festas. ela já trabalhou ate em casa de masagem..pode ser que a família não saiba,mais ela nunca foi **moça de família**. quero sim que ela apreca,agora rotular ela como uma boa filhar.já è demais..acho sim que ela era boa,amiga,boa amante,boa companheira de farra,boa masagista.agora santinhaaaaaaa kkkkkkkkkk " [...].(Corpus do Português, in: <<http://www.tribunahoje.com/noticia/38396/alagoas/2012/09/02/jovem-esta-desaparecida-desde-a-ultima-sexta-feira-em-maceio.html>>. Acesso em 18 de jan. de 2026).

Uma outra categoria de palavras que identificamos foi a de expressões contendo a palavra **fêmea**:

Quadro 6: Lista de expressões compostas pela palavra *fêmea*

Expressão	Significado
fêmea fácil	mulher disponível sexualmente
fêmea no cio	mulher sexualmente ativa e que demonstra interesse sexual
fêmea reprodutora	mulher vista apenas como reprodutora
fêmea alfa	mulher que possui liderança e independência
fêmea de luta	mulher de personalidade forte, determinada e enfrenta desafios

Fonte: seleção produzida pela pesquisadora com base na lista do ChatGPT.

A palavra apresenta uma carga semântico-discursiva marcada pela biologia e animalização do sexo feminino. Etimologicamente, a palavra deriva do latim *fēmina* que é vinculada à raiz latina *-fē*, presente também em *fecundar*, cujo sentido remete à ideia de *produzir* ou *dar origem*, associando a mulher à função reprodutiva, conforme informações do Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa de Cunha (2010, p. 289). Nos dados apresentados no Quadro 6, essa herança etimológica e ideológica é notada na formação de sintagmas como *fêmea fácil*, *fêmea no cio*, *fêmea reprodutora*, *fêmea alfa* e *fêmea de luta*, os quais acionam *frames* animalescos e instintivos, deslocando a mulher para um domínio semântico ligado ao instinto, à competição e à reprodução. A escolha pela palavra *fêmea* opera como uma estratégia discursiva de desumanização e redução do sujeito feminino a sua dimensão biológica.

A expressão *fêmea fácil*, que combina um nome e um adjetivo, ocorreu em postagens como:

(05) *Quero saber se você vai saber ser homem ou vai procurar a primeira **fêmea fácil** na primeira crise minha* (rede X, H, 23/08/2024).

Em (05), a expressão *fêmea fácil* apresenta pejoratividade dupla, uma vez que *fêmea* ativa o *frame* ANIMAL e a palavra *fácil* ativa o *frame* SEXUAL *lato sensu*, ou seja, em sua ampla gama de significação. Portanto, *fêmea fácil* aproxima a mulher a animais ao mesmo tempo em que reduz sua importância por ser considerada *fácil*.

A expressão permite que relacionamos tais considerações aos postulados do livro “A grande cadeia do ser”, de Lovejoy (2005), que se refere à existência de uma hierarquia entre todos os seres do universo, da matéria bruta até Deus, em que acima está Deus, no meio, está o homem e abaixo do homem estão os animais e as plantas. Na interação, quando uma pessoa se refere a outra pessoa, metaforicamente, fazendo uso de expressões animais, tais como *burro*, *macaco*, *jumento*, *cobra* etc, tal pessoa está fazendo uso dessa hierarquia, que não constitui fato comprovado, um ponto de vista cultural em relação aos seres. O valor pejorativo de *fêmea fácil* recruta essa ideia de hierarquia, em que os animais são vistos como menos evoluídos na escala. Se acrescentamos a informação de que *fêmea fácil* nomeia um objeto, um conector multiuso conectado a um tubo, novamente percebemos a relação hierárquica e a objetificação da expressão por meio da metáfora. A hierarquia seria a seguinte:

mulher fêmea fácil > animal fêmea fácil > conector fêmea fácil

A título de ilustração, a seguir, apresentamos a imagem do conector para mostrar que ele tem esse nome por haver intersemelhança entre o seu formato e o órgão sexual feminino:

Figura 20: Imagem de uma peça chamada *fêmea fácil*



Fonte: Google imagens.

A expressão *fêmea alfa*, no uso corrente, aparece em enunciados como:

(06) [...]De acordo com os autores, a conclusão de a pesquisa é que para se destacarem em o ambiente de trabalho as mulheres tendem a se comportar como a "**fêmea alfa**" e, em consequência, buscarem maneiras de reafirmar seu poder e rebaixar as colegas de o mesmo sexo. [...]. (Corpus do Português, in:

<<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2013/06/19/1031458/mulheres-praticam-mais-bullying-no-trabalho-homens-segundo-pesquisa.html>>. Acesso em: 18 de jan. de 2026).

A expressão é empregada, normalmente, para designar aquela mulher que apresenta características como a de liderança, autonomia e independência. O sintagma estabelece relação com a noção de *macho alfa*, expressão relacionada à hierarquia em grupos de animais e que é transposta no discurso para fazer referência a seres humanos do sexo masculino. Nesse sentido, *a fêmea alfa*, em comparação a *macho alfa*, pode ser compreendida como uma adaptação desse modelo classificatório ao feminino, mantendo a referência. Mesmo quando associada a atributos considerados positivos, a expressão permanece vinculada a um campo semântico biologizante em que a liderança é interpretada a partir de parâmetros originalmente construídos em contextos não humanos.

Uma outra categoria em que usos foram atestados em busca aspeada no *Google*, no *X* e no *Corpus do Português* foi aquela categoria em que há pejoratividade por meio do uso de **nomes próprios**.

O nome próprio diz respeito à identidade intrínseca da entidade referida. Na gramática da língua, o nome próprio é tido como um modo de fazer referência a uma entidade específica e singular. Para Neves (2018), os nomes próprios são nomes específicos que conferem identidade a pessoas (antropônimos e cognomes), lugares geográficos (topônimos), ou logradouros, corpos celestes, livros, revistas, peças, festividades, estabelecimentos, associações, agremiações, órgãos ou repartições, marcas de produtos etc.

Neves (2018) afirma ainda que os nomes próprios podem ser usados como nomes comuns para designar produtos ou funções que têm alguma relação com o inventor ou o fabricante. É o caso do nome *gari*, cuja origem está ligada ao empresário francês Aleixo Gary, que no final do século XIX, removia o lixo das casas e das praias e o transportava para a ilha de Sapucaia, hoje Bairro do Caju. A estudiosa descritivista da gramática considera que casos como esse são exemplos metonímicos, em que há a substituição do nome da pessoa pela função exercida.

A curadoria dos dados possibilitou-nos identificar expressões como as do Quadro 7, a seguir, em que os nomes próprios femininos como *Amélia*, *Geni*, *Jezabel* e *Débora-sexy*, ao longo do tempo, passaram a adquirir significados pejorativos e associados à submissão da mulher. Observa-se ainda que, entre os quatro nomes apresentados, dois possuem origem bíblica:

Quadro 7: Lista de usos de nomes próprios para se referir a mulher

Expressão	Significado
Amélia	mulher submissa, trabalhadora
Geni	mulher marginalizada
Jezabel	mulher maliciosa, sedutora
Débora-sexy	mulher que se veste ou se comporta de forma sexualizada

Fonte: seleção produzida pela pesquisadora com base na lista do ChatGPT.

Os nomes próprios femininos, apresentados no Quadro 7, embora possuam origens etimológicas com significados positivos ou neutros, passaram a adquirir significados pejorativos ao longo do tempo em razão de construções culturais, históricas e discursivas.

O nome Amélia, por exemplo, de origem germânica, significa *trabalhadora* ou *diligente*, de acordo com registros do Dicionário de Nomes Próprios²⁶. No entanto, o nome passou a ser associado à figura da mulher submissa e resignada, sobretudo, a partir da popularização da canção “Ai, que saudades da Amélia” de Ataulfo Alves, lançada em 1942. Segue um trecho:

(07)

Você só pensa em luxo e riqueza
Tudo que você vê você quer
Ai, meu Deus, **que saudade da Amélia**
Aquilo sim é que era mulher

Às vezes passava fome ao meu lado
E achava bonito não ter o que comer
Quando me via contrariado
Dizia: Meu filho, que se há de fazer?

Amélia não tinha a menor vaidade
Amélia é que era mulher de verdade
Amélia não tinha a menor vaidade
Amélia é que era mulher de verdade

(Grifo nosso. ALVES, Ataulfo. Ai que saudade da Amélia. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/ataulfo-alves/165620/>>. Acesso em: 14 de jan. de 2026.)

A letra da canção reforça uma representação idealizada da mulher abnegada e resignada. Na narrativa da música, o eu lírico contrapõe duas figuras femininas: a mulher atual, descrita como exigente e interessada em “luxo e riqueza”, e *Amélia*, apresentada como modelo de “mulher de verdade”. Trechos como “Às vezes passava fome ao meu lado / E

²⁶ Disponível em: <<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/>>. Acesso em: 14 de jan. de 2026.

achava bonito não ter o que comer” evidenciam a naturalização da privação material feminina, tratada como virtude moral. A aceitação da fome e da precariedade não é problematizada, mas exaltada como prova de amor, paciência e consciência social. Essa perspectiva desloca para a mulher a responsabilidade de suportar condições adversas, reforçando uma lógica de submissão e de sacrifício silencioso. Também, versos como “Amélia não tinha a menor vaidade” associam a ausência de desejos, ambições ou cuidados consigo mesma como formas de autenticidade feminina, reforçando um ideal de apagamento da individualidade da mulher.

Embora o nome Amélia contenha significado apreciativo, a canção que leva o seu nome contribuiu para a ressignificação social, transformando a *trabalhadora* e *diligente* em *mulher submissa*.

Similar a *Amélia*, o nome *Geni* passou a ter um outro significado em razão da canção de Chico Buarque, intitulada “Geni e Zepelim”. Tradicionalmente, segundo o dicionário de nomes próprios, *Geni* significa *bem-nascida, aquela que tem origem nobre*. Apesar disso, Chico Buarque, ao longo da narrativa musical, retrata *Geni* como uma figura feminina marginalizada e socialmente desprezada, como forma de fazer crítica social. Analisemos um trecho da canção:

(08)

Joga pedra na Geni!
Joga pedra na Geni!
Ela é feita pra apanhar!
Ela é boa de cuspir!
Ela dá pra qualquer um!
Maldita Geni!

(BUARQUE, Chico. Geni e o Zepelim. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/77259/>>. Acesso em: 14 de jan. de 2026.)

Desde o início da canção, *Geni* é apresentada como uma mulher excluída da sociedade, ligada a espaços e pessoas marginalizadas, como o cais, o mangue, os presos, os pobres e os doentes. A letra mostra que seu corpo não lhe pertence, pois é usado por todos, o que reforça a ideia de que ela não tem escolha nem controle sobre a própria vida. Dessa forma, *Geni* é vista mais como um objeto do que como uma pessoa.

O refrão “Joga pedra na Geni!” deixa claro o desprezo coletivo que a personagem sofre, tratando Geni como alguém que merece apanhar, ser humilhada e rejeitada. Dessa

forma, o nome passa a representar uma mulher considerada indigna de respeito e constantemente culpabilizada por sua própria exclusão.

Quando surge a ameaça do Zepelim, a atitude da cidade muda apenas temporariamente. Geni, que antes era rejeitada, passa a ser vista como a única capaz de salvar a todos. No entanto, essa aceitação acontece apenas porque seu sacrifício é útil. Após cumprir o que lhe foi imposto, ela volta a ser desprezada, mostrando que não há reconhecimento verdadeiro ou mudança de atitude por parte da sociedade.

Desse modo, a canção mostra como Geni é uma mulher usada, silenciada e descartada. Essa representação contribuiu para que o nome Geni passasse a carregar um sentido pejorativo, associado à submissão, à exclusão e à violência.

Dissemelhante a Amélia e a Geni, o nome *Jezebel*, de origem bíblica, está associado a personagem apresentada no livro de Reis, na Bíblia, frequentemente retratada como uma mulher que desafiava as normas religiosas e exercia poder político. Ao longo do tempo, essa narrativa contribuiu para que o nome passasse a carregar um sentido negativo no imaginário cultural. Essa conotação negativa ultrapassa o relato bíblico e foi reforçada em dados como o seguinte:

(09) Se formos falar sobre o tema submissão e reconhecimento do homem como o cabeça, quem me conhece sabe o que penso disso: mulher que manda em homem é JEZABEL = mulher macha e rebelde. Sou totalmente contra a distorção dos papéis de cada um. Cada um tem sua função. Mas isso não faz com que a mulher seja inferior ao homem, ou o homem superior a mulher, é apenas uma questão de diferentes papéis. (Grifo nosso. Corpus do português, in: <https://sarahsheeva.wordpress.com>. Acesso em: 16 de jan. de 2026).

Culturalmente, Jezebel tornou-se sinônimo de uma mulher que exerce influência por meio da sedução e da liderança, sendo muitas vezes vista como imoral ou manipuladora. No contexto contemporâneo, o nome é utilizado para rotular mulheres que fogem aos padrões tradicionais de comportamento feminino, reforçando estigmas sobre o exercício do poder pelas mulheres.

Assim como Jezebel, Débora também é um nome bíblico que significa *abelha* e simboliza liderança e sabedoria. Ao consultar a expressão *Débora-sexy*, presente no Quadro 7, no buscador do Google, um dos resultados obtidos foi relacionado a vestimentas como *lingeries* e camisolas rendadas, com pouco pano e, em sua maioria, na cor vermelha. A expressão é apontada como referência a uma mulher que se veste de forma sexualizada. Isso revela que a sociedade relaciona a expressão com a vestimenta, e, ao buscar seu significado, verificou-se que *Débora-sexy* está associada a uma mulher que se veste de forma erótica.

Para esse significado, as pessoas atribuíram um nome próprio, Débora, que passou a funcionar como um substantivo comum, designando um tipo específico de roupa íntima ou camisola, geralmente sensual, com pouca cobertura e na cor vermelha. Vejamos a Figura 21, a seguir, que mostra a vestimenta:

Figura 21: Resultado da busca no Google por *Débora-sexy*



Fonte: Imagem do Google.

A imagem apresenta um conjunto de *lingerie* vermelha, elemento que, culturalmente, carrega uma forte carga simbólica ligada à sensualidade, erotização e desejo. A associação da cor vermelha com essas peças não é aleatória. O vermelho, culturalmente, está ligado à cor de todas as paixões, da felicidade e do perigo e normalmente associada ao prazer, ao desejo e ao sexo (Heller, 2022). É uma cor marcante, que simboliza a paixão e a sensualidade, reforçando, assim, a ideia de que a mulher que utiliza essas vestimentas é automaticamente sexualizada. Isso revela como a cognição social perfila e conceptualiza mulheres que usam esse tipo de *lingerie* ou camisola.

Além dessas expressões apresentadas (Quadro 7), há outras usadas comumente de maneira depreciativa como: *Madalena*, *Jéssica*, *Karen*, *Creuza*, *Valéria* e *Maria*²⁷, que podem ser encontradas no cotidiano e em uso nas redes sociais. Isso revela que o uso de nomes próprios femininos é uma forma de a cultura patriarcal estereotipar, desqualificar e inferiorizar comportamentos, características e papéis sociais atribuídos ao feminino.

²⁷Os nomes não apresentam, em sua origem etimológica, significados depreciativos. As conotações negativas atribuídas decorrem de construções sociais e culturais específicas. **Madalena** passou a ser associada, de forma equivocada, à ideia de pecado e desvio moral feminino como também a padroeira das prostitutas; **Jéssica**, a estereótipos ligados à juventude e à classe social; **Karen**, em países anglófonos, tornou-se uma gíria pejorativa para designar mulheres brancas de classe média percebidas como autoritárias, excessivamente exigentes ou preconceituosas; **Creuza** foi associada de modo caricatural a mulheres mais velhas ou de classes populares; **Valéria**, apesar de significar *forte* ou *valente*, passou a ser usada de forma irônica em alguns contextos; **Maria**, embora possua forte valor religioso e simbólico, é por vezes empregada de maneira genérica para representar mulheres comuns ou submissas. Disponível em: <<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/>>. Acesso em: 14 de jan. de 2026.

Ainda sobre o uso de nomes próprios como qualificadores, identificamos uma categoria com o nome *Maria*, que é o mais comum conforme os dados do IBGE (2025). Vejamos no Quadro 8:

Quadro 8: Lista de expressões com o uso do nome Maria

Expressão	Significado
Maria gasolina	mulheres que se interessam por homem que tem carro
Maria chuteira	mulheres que se relacionam com jogadores de futebol com interesse no dinheiro
Maria-vai-com-as-outras	pessoa que não tem opinião própria e segue os outros
Maria-tomba-homem	mulher que “controla” o homem
Maria mijona	usa saia ou vestido comprido, com aparência deselegante
Maria-sem-vergonha	mulheres promíscuas; nome dado a uma planta

Fonte: seleção produzida pela pesquisadora com base na lista do ChatGPT.

Vejamos alguns usos reais, neste caso retirados do *corpus do Português*, em que tais expressões ocorrem:

(10) *Você tem medo de quê? Desafiava o nosso Cazuzo afinado com a coragem, show acima, baladas abaixo. Tremer nas bases se a filha mais nova virar **Maria gasolina, Maria chuteira, Maria purpurina e Maria... arrependida.*** (Corpus do Português, in: <https://www.revistabula.com/748-66-tipos-de-medos-dentre-os-666-que-invadem-nossa-vida/>. Acesso: 23 jul. 2025).

A referência à mulher com o nome próprio *Maria*, como mostram o dado (10) e os dados do Quadro 8, revela o uso de um dos nomes próprios mais comuns no Brasil e no mundo associada à figura feminina. Daí, ao ser usado como núcleo sintagmático de algumas expressões, o nome passa a ter uma carga negativa, subvertendo a imagem idealizada de Maria a construções como *Maria gasolina, Maria chuteira, Maria purpurina, Maria arrependida, Maria-vai-com-as-outras*. Essas expressões funcionam como mecanismo de controle simbólico sobre os comportamentos das mulheres, reduzindo a identidade feminina a traços como: interesseira, sexualizada, submissa etc. Dos Santos e Tomaz (2024) explicam que ser chamada de *Maria* é “uma exigência de obediência a um padrão de mulher. É esperado delas as virtudes da pureza, delicadeza, discrição, silêncio, constantes na doutrina cristã” (p. 2).

Maria gasolina, por exemplo, faz referência a mulheres que se interessam por homens que tenham carro. Isso mostra que além de reforçarem uma moralidade seletiva e androcêntrica, tais expressões, como a citada, contribuem para a desvalorização da autonomia e da diversidade de condutas femininas, naturalizando julgamentos sociais que restringem a liberdade das mulheres e cristalizam papéis de gênero rigidamente definidos. Na realidade, existem muitas *Marias* que possuem carro e dão caronas para homens, por vezes interesseiros. Ao criar uma expressão para fazer referência a mulheres que se interessam por homens que tenham carro, a cognição social desconsidera que existem muitas mulheres que possuem carro e que muitos homens se aproveitam disso quando se relacionam com elas. Tal como a expressão *Maria-chuteira*, que designa de forma pejorativa a mulher como interesseira e dependente financeiramente de jogadores de futebol, ignora-se o fato de que ela pode se relacionar com um jogador e, ainda assim, manter sua autonomia e independência financeira.

Outro dado também é o nome *Maria-vai-com-as-outras* usado para designar **qualquer pessoa** que não possui opinião própria. O interessante é que a forma da palavra perfila um nome próprio do sexo feminino, mas que apresenta sentido genérico. Essa expressão dá nome inclusive a um livro infanto-juvenil de Sylvia Orthof, publicado pela primeira vez em 1982, quando ainda não se discutiam ainda tão claramente os efeitos dos usos de determinados nomes.

Ao pesquisar sobre a expressão, o *Corpus do Português* apresentou o seguinte dado, que possui exatamente o significado de que temos tratado:

(11) O antropólogo Gilberto Freyre, em seu *Modos de Homem, Modos de Mulher*, de 1987, já anunciava: "« Pode-se dizer de a mulher que tende a ser, quanto a modas para seus vestidos, seus sapatos, seus penteados, um tanto **maria-vai-com-as-outras** »». Criticava o desejo generalizado de as senhoras de rejuvenescer à custa de cosméticos. (Grifo nosso. Corpus do Português, in: miltonribeiro.sul21.com.br. Acesso em: 16 de jan. de 2026).

Mais um dado encontrado diz respeito à referência à mulher por meio de um de seus papéis sociais, o de ser *mãe*. Normalmente, o que se encontrou foi a palavra **mãe** acompanhada de um especificador adjetival ou locução adjetiva. Vejamos:

Quadro 9: Lista de expressões compostas pela palavra *mãe*

Expressão	Significado
mãe solteira	mães que criam sozinha seus filhos
mãe desnaturada	que não segue padrões tradicionais da maternidade
mãe ausente	não presente na vida do filho
mãe folgada	irresponsável, delega a função a terceiros, negligente
mãe de primeira viagem	usado para diminuir a experiência e conhecimento da maternidade
mãe de família	função exclusiva de dona e cuidadora do lar e da família
mãe de aluguel	atuam como barriga de aluguel, levando a status de mercadoria
mãe coruja	super protetora
mãe ursa	controladora e protetora

Fonte: seleção produzida pela pesquisadora com base na lista do ChatGPT.

Vejam os dados reais com a palavra *mãe* e uma especificação:

(12) [...] Até curtia suas coisas, mas sou **mãe solteira**, sofri para criar meu filho, mas vou te manda a real... O importante é o meu caráter, a taxa de mães solteiras vai aumentar, ninguém fica com ninguém por causa de filho, não. Hoje as mulheres estão livres para saber a hora de ficar a o lado de o homem e a hora de deixar ir, estão mais seguras de si ", defendeu outra.[...] (Corpus do português, in: <https://extra.globo.com/famosos/cantor-de-forro-causa-polemica-ao-criticar-seguidora-mae-solteira-engravidou-foi-deixada-23476494.html>. Acesso: 18 de jan. de 2026).

(13) Tem mãe que é cega, tem **mãe coruja**, **mãe de aluguel**, **mãe canguru**, **mãe solteira**, **supermãe**, **mãe desnaturada**, **mãe liberal**, **mãe guerreira**, **mãe avó**, **mãe moderna**, **mãe natureza**... Cada um tem uma mãe para chamar de sua. É nesse clima que a *Ôxe Mainha Produções* apresenta sua mais nova produção: *MÃEZONA - A COMÉDIA*. (Corpus do Português, in: <https://contabilsind.comunidades.net/artes-cenicas-dezembro-20132>. Acesso: 18 de jan. de 2026)

As expressões do Quadro 9 e as presentes nos dados (12) e (13) revelam como a linguagem codifica e transmite representações sociais da maternidade, muitas vezes, reforçando estereótipos, normas e expectativas culturais. As expressões *mãe solteira*, *mãe desnaturada*, *mãe coruja* e *mãe canguru*, por exemplo, carregam julgamentos que refletem a imposição de um modelo tradicional que se tem sobre a maternidade. Quando se diz *mãe*, o *frame* ativado é o daquela que cuida, zela e protege o seu filho, que faz parte de uma família. Ao se fazer o uso do especificador-qualificador na sequência como em *mãe desnaturada*, o modelo tradicional de mãe é desconstruído e a palavra *desnaturada* aciona um significado negativo e assume a significação de uma entidade (*mãe*) que foge do comum.

Também as expressões *mãe de família* e *mãe de aluguel* têm como significados respectivamente *cuidar exclusivamente da família* e *mercantilização da maternidade*. Assim, essas expressões desvalorizam a identidade feminina denotando que a função da mulher se restringe aos cuidados com o lar e exclui outras formas de realização profissional e pessoal, tal como a *mãe de aluguel*, que remete à ideia de que o corpo da mulher funciona como receptáculo reprodutor, reforçando a ideia de que a mulher é uma mercadoria anulando assim a sua subjetividade.

As expressões *mãe coruja* e *mãe urso* representam casos típicos de metáfora em que se atribui à mãe características associadas a determinados animais. Em *mãe coruja* é comumente vista como alguém que vê os filhos de maneira idealizada comparada a ave que tem como característica olhos grandes voltados para a frente, visão e audição altamente desenvolvidos e que simboliza a vigilância e sabedoria²⁸. Por sua vez, em *mãe urso*, há uma conotação de força, proteção agressiva e controle. A urso, quando com a sua prole, é conhecida por seu comportamento extremamente agressivo e super protetor²⁹. As características deste animal passam a compor, metaforicamente, as de uma mãe zelosa e protetora com seu filho, comparando o comportamento de um animal com seus filhotes para com uma pessoa com seus filhos.

O uso de metáforas com animais ou palavras que reforçam a moral tradicional denota papéis fixos, apagando as experiências plurais da maternidade contemporânea. Em vez de reconhecer a diversidade de vivências maternas, a linguagem, assim como a sociedade, muitas vezes atua como uma agente de controle e julgamento, considerando o que é bom e ruim, neste caso o papel de mãe.

Apesar de nossa cognição nem sempre perceber, determinadas expressões linguísticas patriarcais, ainda que utilizadas de forma não intencional, por estarem enraizadas na cultura, carregam um propósito implícito de objetificação, desqualificação e inferiorização da mulher. A título de curiosidade, ao consultar o dicionário de Locuções e Expressões da Língua Portuguesa, de Rocha e Rocha (2011), foram encontradas algumas expressões com o uso de nome próprio como: *Madalena arrependida* e *Maria vai com as outras*. Outro achado é com expressões com a palavra mulher (*à toa, de César, de faca e calhau, de rua, de sociedade, de vida fácil, do mundo, do piolho, do povo, fatal, objeto,*

²⁸ Informações com base no site Mundo Educação. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/biologia/coruja.htm>>. Acesso em: 14 de junho de 2025.

²⁹ Informações retiradas do site EBC. Disponível em: <<https://radios.ebc.com.br/nossos-bichos/2023/05/voce-sabe-qual-mae-mais-protetora-do-reino-animal>>. Acesso em: 14 de junho de 2025.

perdida e pública). O dicionário destaca ao leitor que “todas essas expressões que envolvem ‘mulher’, assim como muitas que se seguem, têm caráter pejorativo e podem denotar preconceito” (Rocha e Rocha, 2011, p. 293). Ou seja, o próprio dicionário alerta para o fato de que tais expressões são depreciativas.

Assim como o dicionário, existem demandas por diversos grupos sociais para que haja a exclusão ou substituição de algumas expressões. É o caso, por exemplo, de *Amélia* por *mulher zelosa/cuidadora*, *mulher de fulano* pelo nome próprio dela ou *parceira de fulano*, como forma de retirar a ideia de que a mulher é uma posse do homem. Expressões como *mulher de família*, *mulher para casar* e *lugar de mulher é na cozinha*, que remetem à ideia da mulher como pertencente ao lar e exclusiva a essa função, podem ser substituídas simplesmente por *mulheres*. *Mulher macho* ou *sapatão* por lésbica ou homoafetiva, dentre outras.

Nesta dissertação, poderíamos propor formas linguísticas substitutivas para cada uma das palavras presentes nos quadros e seus novos respectivos significados. Por uma questão de foco nos objetivos, porém, deixaremos essa tarefa para uma próxima oportunidade de pesquisa ou atividade extensionista. Seria possível, por exemplo, criar um manual, assim como criaram as instituições legislativas e judiciárias, propondo expressões não depreciativas e inclusivas em relação à mulher e ao seu papel na sociedade.

Com isso, na próxima subseção, serão apresentados dados retirados do *X* em que internautas discutem sobre palavras, frases e expressões convencionais e as suas propostas inovadoras no que diz respeito ao sexo feminino.

5.2 A manifestação de *frames* nas expressões convencionais e nas expressões inovadoras

Com as redes sociais sendo palco para discussões sobre diferentes temáticas, para este trabalho a proposta inicial era encontrar, por meio de buscas mais genéricas no *X*, resultados que mostrassem o que os internautas comentavam e sugeriam sobre a mudança de palavras, frases e expressões consideradas patriarcais. Em um primeiro momento, os dados encontrados revelaram, entretanto, que, em grande parte, as discussões tinham teor político e uma vertente, que não concorda com essas mudanças, acusa outra de querer influenciar a sociedade. Também observamos que ainda há internautas que atacam as mulheres e algumas mulheres atacam outras, revelando que essas discussões ainda encontram resistência por parte de determinados grupos e que discussões de gênero

enfrentam barreiras significativas, sendo muitas vezes vistas como uma imposição política e ideológica.

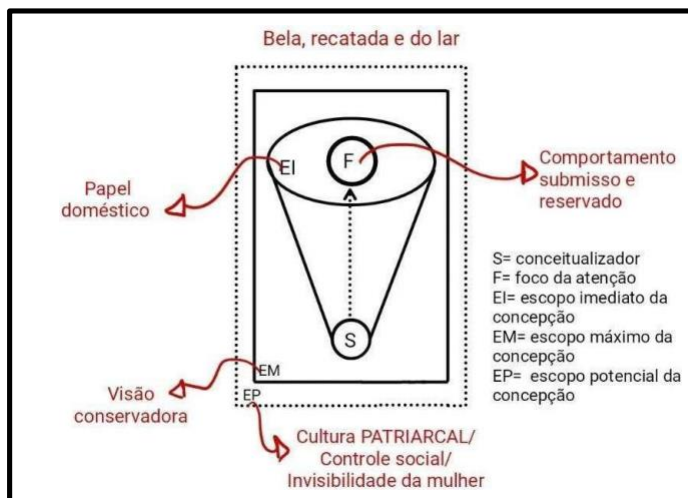
Em um primeiro momento, serão analisados e discutidos, com base na fundamentação teórica, **posts sem comentários**. Essa categoria gerou oito dados coletados. Analisaremos, inicialmente, o seguinte *post*:

(14) *Você pode substituir "bela, recatada e do lar" por bela, empoderada e participante da vida pública.*
(MVÉM - 20/4/16. Grifo do internauta)

A sugestão do internauta é que se faça a substituição de uma expressão por outra. Ao dizer *recatada e do lar*, em referência à mulher, o *frame* evocado é o do modelo tradicional patriarcal, que compartilha a ideia de mulher submissa, privada e dedicada ao espaço doméstico. Ao dizer *empoderada e participante da vida pública*, constatamos o processo de *reframe* que promove uma *reconfiguração* dos papéis sociais da mulher. Tal *reframe* rompe com o modelo patriarcal e conservador e propõe uma moldura nova, a mulher como agente ativa, participante da vida pública e autônoma. A nova expressão aciona um modelo contemporâneo, de empoderamento feminino, de autonomia e de participação na sociedade. Considerando-se o nível pragmático, em muitas situações interativas, a expressão *bela, recatada e do lar* funciona como uma ironia para dizer exatamente o contrário daquilo.

Na concepção linguística de base, tomando como referência a Gramática Cognitiva (Langacker, 2017), a expressão *Bela, recatada e do lar* e sua significação tradicional podem ser vistas da seguinte maneira:

Figura 22: Concepção Linguística da expressão *bela, recatada e do lar*

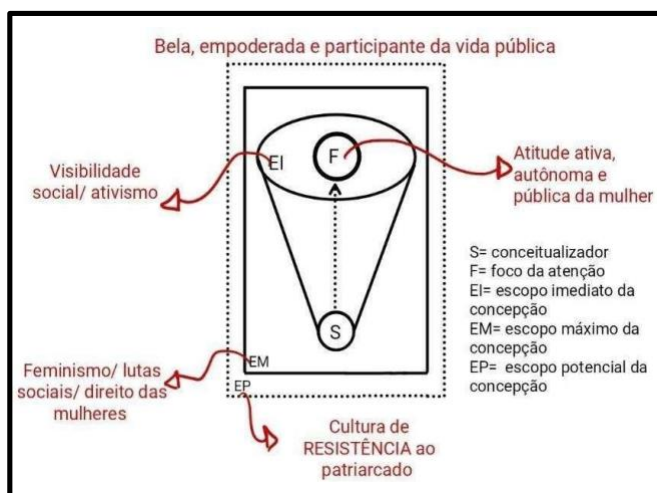


Fonte: elaborado pela autora com base em Langacker (2017, p. 6).

O conceitualizador (S) tem como foco (F) o comportamento submisso e reservado. Como o escopo imediato (EI), predominam os limites do lar, ser dona de casa. Como escopo máximo (EM), percebe-se uma visão conservadora. Já como escopo potencial (EP), a cultura patriarcal. Assim, da menor unidade para a maior unidade, a expressão está relacionada à cultura patriarcal e ao comportamento dócil da mulher.

Já na expressão proposta como substituta, o perfil/o foco demonstra autonomia e ação. Vejamos na Figura 23 a seguir:

Figura 23: Concepção Linguística da expressão *bela, empoderada e participante da vida pública*



Fonte: elaborado pela autora com base em Langacker (2017, p. 6).

O escopo imediato é relacionado à atuação pública da mulher e um escopo máximo está conectada a movimentos sociais e emancipatórios, diferente da outra expressão. Assim, a linguagem e a língua por meio de expressões lexicais não apenas representam uma realidade externa, mas direcionam o foco da atenção e estrutura o modo como diferentes aspectos da experiência são acessados, compreendidos e naturalizados cognitivamente. O *frame* acessado para a expressão *bela, empoderada e participante da vida pública*, a partir da análise do F, EI, EM e EP, é completamente adverso daquele em que se fez uso da expressão *bela, recatada e do lar*.

Os outros dados da categoria *posts* sem comentários são os seguintes:

(15) E meio difícil de acreditar que ainda tem gente que pensa que *lugar de mulher é na cozinha*. *Lugar de mulher é onde ela quiser pega esse seu machismo e enfia no c**Desculpa eu me estresso com isso (R - 28/8/19) (Grifo nosso)

(16) Faz-se urgente ressignificar a palavra *PUTA!* Para além do *sentido pejorativo e sexual* os quais somos submetidas, mulheres livres e em constante luta contra o machismo. *Aqui PUTA é aquela mulher que tem total poder sobre seu corpo e suas vontades. Que faz valer sua voz e sua luta!* (PM - 18/5/18)

(17) Vamos **ressignificar** uma frase **machista**: "atrás de um grande homem há sempre uma grande mulher" para: "ao lado de uma grande mulher há sempre outras grandes mulheres"? Em uma rede de alianças, podemos nos refazer coletivamente para fazer frente à cotidiana opressão patriarcal. (JA -15/8/21)

(18) Gente vamos trocar aquela expressão "eu consigo, eu sou macho" por "eu consigo, eu sou mulher". Bjs (L - 29/12/18)

(19) A frase Lute como uma Garota é uma ressignificação da antiga provocação "você bate como uma garota", em um imaginário sexista de que mulheres são fracas e comparar um homem a uma mulher é uma forma de rebaixá-lo. (P-25/2/22)

(20) "MULHER NASCEU PRA SER DONA DE CASA". que deus te ouça, meu anjo. deus me livre de pagar aluguel. (q - 04/8/14)

(21) a gente podia ressignificar a expressão "tá de chico" que é p é s s i m a pra dizer que uma mulher tá menstruada e usar pra dizer que alguém tá traindo :). "fulano tá de chico com fulana" (v - 20/9/23)

Em (15), a expressão *lugar de mulher é na cozinha*, do ponto de vista lexical, as palavras *lugar*, *mulher* e *cozinha* compõem uma construção fixa/convencionalizada que associa a mulher a um espaço específico, ativando um *frame* de domesticidade obrigatória e da divisão sexual do trabalho, em que o espaço doméstico é concebido diretamente e naturalmente à mulher. A/o internauta faz uma proposta de substituição dentro da mesma moldura sintática em que substitui o item lexical cozinha por uma construção aberta (onde ela quiser), que desloca o significado de lugar de um espaço delimitado para um *frame* de *escolha* e *autonomia*. Ao *frame* da primeira expressão, marcado por um único espaço, pela hierarquia de gênero e pela previsibilidade de papéis é proposta uma reorientação de *frame*, que associa a mulher à agência e à liberdade de circulação entre diferentes espaços. Nesse processo a relexicalização parcial da expressão, ainda que se mude sutilmente a moldura sintática, em termos de significado, aciona-se uma proposta inovadora capaz de alterar uma expressão historicamente construída pela cultura patriarcal, tratando a mulher como sujeito capaz de atuar em diversos espaços. Esses são os aspectos linguístico-gramaticais e semântico-cognitivos observados. No que se refere aos aspectos pragmático-discursivos, é possível que, um interlocutor que ouça *lugar de mulher é em qualquer lugar*, possivelmente já infere que o enunciador é integrante da cultura de resistência ao patriarcado.

No dado (16), em relação aos aspectos linguístico-gramaticais e semânticos, manteve-se a forma (*puta*) e estendeu-se o seu significado. Lexicalmente *puta* ativa, em seu uso convencional, um *frame* de *desvio moral*, *promiscuidade* e *prostituição*, em que a mulher é avaliada negativamente a partir de normas patriarcais e a redução da sua identidade à sexualidade julgada socialmente. Como forma substitutiva, o dado (16) propõe a ampliação semântica da própria palavra, redefinindo *puta* como a mulher que exerce autonomia sobre

seu corpo, suas vontades e sua voz, deslocando o foco da avaliação moral para a agência individual. Dessa forma, a forma herdada evoca *frames* de *agressão* e *inferiorização* e a forma inovadora evoca *liberdade*, *poder*, *resistência* e *protagonismo feminino*. Nessa sugestão do (a) internauta, a mudança do significado atua como uma estratégia de reenquadramento *frâmico*, ao reaproveitar de um rótulo socialmente estabilizado e sugerir novos vínculos conceituais. Seria um caso de extensão de significado para o mesmo item lexical. Não haveria, portanto, substituição lexical, mas ampliação de significado, dado que diverge dos outros encontrados.

Como analisado em (15), o dado (17) apresenta uma expressão recorrente no uso: *atrás de um grande homem há sempre uma grande mulher*. A expressão é questionada e reformulada pelo (a) usuário por meio de uma relexicalização que incide parcialmente na forma e completamente no significado. Lexicalmente a preposição *atrás* desempenha papel central na construção do sentido, porque ativa um esquema de imagem espacial baseado em orientação e perspectiva (nos termos de Langacker (2017), no qual a mulher é posicionada em um plano secundário (*background*) em relação ao homem. A representação pode ser vista na Figura 24 a seguir:

Figura 24: Representação da expressão *atrás de um grande homem há sempre uma grande mulher*



Fonte: elaborado pela autora.

Como podemos observar na imagem, esse arranjo espacial evoca um *frame* de *hierarquia* e *suporte invisível*, em que o protagonismo é atribuído ao homem, enquanto a mulher aparece como elemento de sustentação. O/a usuário(a) ao questionar a expressão

convencional, pragmaticamente, quer expor a naturalização dessa assimetria relacional, que associa a centralidade e grandeza ao homem, enquanto que a mulher fica em uma posição de acessório, sem ganhar o crédito de estar à frente. A forma alternativa proposta substitui *atrás* por *ao lado* e no lugar de *homem* utiliza a expressão *outras grandes mulheres*. Isso altera toda a significação, ao deslocar as posições no esquema de imagem, como mostra a Figura 25 a seguir:

Figura 25: Representação da expressão *ao lado de uma grande mulher há sempre outras grandes mulheres*



Fonte: elaborado pela autora.

Como representado na Figura 25, o *ao lado* ativa um *frame* de simetria, proximidade e igualdade, no qual não há hierarquia espacial nem subordinação. Outra observação é que, ao empregar *outras grandes mulheres*, estende-se o significado da construção deslocando o foco da relação homem-mulher para um *frame* coletivo de mulheres, em que há destaque para o protagonismo feminino. O significado é reorganizado de forma que os modelos mentais destacam a igualdade relacional e o protagonismo conjunto. Importante observar que, em relação aos aspectos pragmático-discursivos, a enunciativa do *post* é uma mulher (JA), o que faz todo o sentido para o contexto da discussão. Possivelmente, é uma mulher que possui letramento de gênero e que, pela força de seu enunciado, pode influenciar outras mulheres, e também homens.

No dado (18), a expressão *eu consigo, eu sou macho* usada para expressar *força, capacidade* ou *êxito*, é questionada por associar competência e eficácia exclusivamente ao sexo masculino, por meio da correlação semântica entre *conseguir* > *ser macho*. A palavra *macho*, presente nessa sentença, evoca o *frame* de *virilidade, força física, poder e*

superioridade, construído historicamente a partir de valores e crenças patriarcais de que sucesso e capacidade advêm do homem. No *post*, é questionada a exclusão do sexo/gênero feminino como fonte legítima de força e competência, posto que normalmente o *frame* acionado eleva a mulher a uma posição de fragilidade ou incapacidade. A expressão de uso corriqueiro pode ser usada até mesmo entre mulheres que dão crédito à capacidade de força e poder aos homens. A proposta de substituição lexical consiste na troca de *macho* por *mulher*, de modo a aproveitar parcialmente a forma da expressão tradicional: *eu consigo, eu sou mulher*. Essa mudança parcial na forma, em termos de significado, é responsável pelo reenquadramento que relaciona a mulher com a *capacidade, potência e autoconfiança*, deslocando o significado que geralmente e tradicionalmente é atribuído ao homem para um outro *frame*. Interessante observar que a expressão *eu consigo, eu sou macho*, em diferentes contextos pragmáticos, pode ser enunciada tanto por homens quanto por mulheres. Em ambos os enunciadore, evidenciam-se marcas do patriarcalismo. Já a expressão *eu consigo, eu sou mulher* desfaz as nuances de significado relacionados ao patriarcalismo, mas dificilmente seria dito por homens, uma vez que a cultura que considera o homem superior está enraizada. No caso de enunciadore homens, não haveria a alteração da palavra nem dos *frames* subjacentes.

A expressão *lute como uma garota*, como explicado no *post* (19), é uma ressignificação da provocação *ocê bate como uma garota*, em que similar ao dado (18) *garota* ativa o *frame* de *fragilidade, incapacidade e inferioridade*. A similaridade dos dados (18) e (19) é observada quando em ambas a força e capacidade de um homem e de uma mulher são equiparados. No dado (19), a designação com reorientação de *frame* mantém a lexia *garota*, mas promove uma inversão avaliativa por meio da mudança do predicador verbal (*bater*), substituído um contexto de desqualificação por um de ação e enfrentamento (*lutar*). Com isso, o reenquadramento deixa de ser o de *fragilidade* e torna-se de *resistência, coragem e potência*.

Além disso, essa frase é comumente usada por ativistas e feministas para representar a força e a potência feminina. Normalmente, a frase estampada em camisetas, *sites*, livros e outros está relacionada à ilustração de Rosie, a rebitadora³⁰.

³⁰ Rosie, a rebitadora, durante a Segunda Guerra Mundial, trabalhava em fábricas americanas fabricando armas, munições, suprimentos em substituição aos homens que partiram para a guerra. Rosie tornou-se símbolo do feminismo desde então. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2017/12/conheca-historia-de-rosie-ilustracao-tida-como-simbolo-do-feminismo.html>>. Acesso em: 18 de jan. de 2026.

Figura 26: Estampa de camiseta com a expressão *lute como uma garota*



Fonte: Google imagens.

No dado (20), a expressão *mulher nasceu para ser dona de casa* é retomada por meio de um processo de relexicalização que mantém a forma, mas promove um deslocamento no significado a partir do humor. No uso convencional, a expressão ativa o *frame* de domesticidade naturalizada, no qual a dona de casa é interpretada como uma mulher destinada ao trabalho doméstico, sem independência econômica. A substitutiva neste caso é a exploração da palavra *dona* que polissemicamente é reinterpretada como *proprietária*, o que desloca o sentido da expressão para um *frame* de posse, autonomia e independência financeira. O humor nesse contexto funciona como o mecanismo cognitivo central que cria um efeito de incongruência:

Figura 27: alteração de *frames* de *dona de casa* e *dona*



Fonte: elaborado pela autora.

O efeito humorístico facilita o reenquadramento *frâmico* ao reduzir a resistência interpretativa e expor o caráter arbitrário no sentido tradicional.

A expressão *tá de chico* (dado 21), usada comumente de forma pejorativa à menstruação feminina, é questionada e submetida a um processo de mudança que envolve deslocamento semântico e uso do humor. Na expressão convencional, a menstruação é tratada como um *tabu* e o *frame* evocado por meio dessa expressão é do descontrole emocional e a justificativa da emoção e da atitude da mulher. A/o internauta, no entanto, como proposta substitutiva mantém a forma, mas altera o significado passando a designar situações de traição, geralmente associadas a comportamentos masculinos (*fulano tá de chico com a fulana*). Essa mudança não altera a forma da expressão, mas desloca o *frame* evocado, produzindo um efeito humorístico baseado na diferença entre o sentido esperado e o novo referente. Neste caso, o humor é analisado como uma estratégia de reenquadramento ao mostrar o caráter arbitrário e estigmatizante do uso original, ao mesmo tempo em que redistribui simbolicamente o alvo da marcação negativa.

A segunda categoria foi da seleção de **três posts que fazem proposta de substituição de uma mesma unidade linguística, sem comentários**. Essa categoria teve três posts. A primeira discussão (dado 22) é de três internautas, em diferentes posts, comentando sobre a expressão *mulher de fulano*. Os internautas relatam o seguinte:

Quadro 10: Dado 22 com posts sobre a expressão *mulher de fulano*

MULHER DE FULANO => ESPOSA, COMPANHEIRA
<p>(POST 22a) Odeio essa expressão "<u>A mulher de fulano</u>" parece até que a mulher é propriedade do homem. Por quê simplesmente não falamos "A esposa ou companheira de fulano"? (G - 25/8/19), (Grifo nosso).</p> <p>(POST 22b) Uma expressão que odeio "<u>mulher de fulano</u>". Sou mulher de ngm não, meu filho, me respeita. Sou esposa, companheira, parceirona do moço mas ngm é meu dono. [Pequenas doses de machismo diário]. (m- 23/1/21), (Grifo nosso).</p> <p>(POST 22c) Só eu que tenho ranço da expressão "<u>mulher de fulano</u>"??? Coloca um esposa aí por favor obrigada de nada (g- 11/9/19).</p>

Fonte: Grifo nosso. Elaborado pela autora. Dados do X.

A expressão é comumente usada em contextos informais, em uma conversa, por exemplo que a mulher é referida como esposa ou companheira de um homem, carregando uma carga semântica significativa de posse e de relações de poder, especialmente pelo uso

de um nome (*mulher* - entidade possuída), por uma preposição indicativa de posse (*de*) e por um nome (*fulano* - entidade possuidora). Ao dizer *mulher de fulano*, portanto, o *frame* ativado é o de POSSE, em que há uma entidade possuída e uma entidade possuidora, reforçando as ideias de submissão e dominação. O uso de expressões linguísticas que usam o *frame* de POSSE tem consequências para além da língua e da linguagem. Similarmente, o uso frequente de expressões linguísticas indicativas de posse, tais como *mulher do João*, *mulher do Pedro*, instalam-se na cognição social e conseqüentemente nas práticas sociais e comportamentais. Não é por acaso que se vê diariamente homens assassinando suas esposas/companheiras por ciúme, por acreditarem que elas são sua propriedade, a ponto de dizerem: *se não pode ser minha não poderá ser de mais ninguém*.³¹

Percebendo que a linguagem pode influenciar as ações e as ações podem influenciar os usos linguísticos e as concepções subjacentes à cognição, os internautas propõem substituições para essa expressão. Em (22a), por exemplo, é sugerida a troca por *esposa* ou *companheira* de fulano, o que, na prática, não muda muito o *frame* porque a preposição indicativa de posse (*de*) e o nome do marido continuam na expressão (*esposa de fulano*). Troca-se somente *mulher* por *esposa* ou *companheira* que, minimamente, evoca a ideia de que a mulher tem um papel reconhecido na relação, mas continua sendo posse de alguém. Em (22b) o internauta discorda da expressão e enfatiza que ela é *esposa*, *companheira* e *parceirona* e até mesmo faz o uso da negação em primeira pessoa dizendo: *sou mulher de ninguém*. Com isso, ela mostra uma reconfiguração do modo como se concebe a identidade feminina entre as relações. Em (22c), pede-se para ‘colocar’ esposa ao invés de mulher. Ao fazer essas sugestões, os internautas propõem (pelo menos em parte) um novo construto simbólico, em que reposicionam a figura feminina. Especialmente a proposta de substituição de (22b) não apenas altera a forma de nomear a mulher nas relações, mas também reconfigura os domínios conceituais envolvidos, promovendo uma visão mais igualitária, autônoma e crítica das relações afetivas e da linguagem que as representa.

É tal como Fillmore (2009) explica sobre o reenquadramento: quando o indivíduo estiver propenso a dizer *mulher de fulano* deve-se dizer, reenquadrar, para *esposa*, *parceira*, *companheira*. Assim, é retirada a ideia de posse e transmite o significado de que é uma parte que compõe o *frame* de RELACIONAMENTO.

³¹Veja-se em: <<https://liabock.blogosfera.uol.com.br/2017/10/09/se-nao-e-minha-nao-vai-ser-de-ninguem-um-pensamento-que-guia-assassinos/>>. Acesso: 22 jul. 2025.

O próximo tema, embora esteja presente em um debate interno à comunidade LGBTQIAPN+, ele também dialoga diretamente com o imaginário feminino construído sob a lógica patriarcal.

Quadro 11: Dado 23 com posts sobre as expressões machorra, maria homem, homenzinho, sapatão, lésbica masculina e machinho

TEMA: MACHORRA, MARIA HOMEM, HOMENZINHO, SAPATÃO, LÉSBICA MASCULINA, MACHINHO => LÉSBICA

(POST 23a) chamar lésbicas de MACHORRA é ofensivo, se você sabe que é lésbica ENTÃO CHAME DE LÉSBICA, não tenha medo de chamar de lésbica, não é um termo OFENSIVO, mas machorra, maria homem, homenzinho sim PQ NÃO SOMOS HOMEM E NEM QUEREMOS SER, sapatão também pode, não é comparativo a HOMEM eu tentei explicar muitas vezes no ambiente de trabalho que sou LÉSBICA, mas todas as vezes ou n conseguem falar ou me chamam de machorra, ou homenzinho perguntar nao ofende, independentemente do seu grau de conhecimento você sabe perguntar, muitos de nós aprendemos a falar bem pequenos e conseqüentemente a perguntar com o intuito de aprender, então leva isso vida adulta e pergunte, evolua, ouça. (C - 16/9/20 - Grifo nosso)

(POST 23b) se tu não eh uma mulher lésbica pra reassignificar o termo "machorra" e o usa pra se referir a elas ta sendo lesbofobico SIM!!! e outra não se brinca com sexualidade alheia ainda mais de forma ofensiva!!!(e - 28/6/19 - Grifo nosso)

(POST 23c) não é mulher masculina, nem lésbica masculina, não é machinho, nem homenzinho, não é machorra. E lésbica, só não somos homens pra ser comparadas a tal por não sermos "femininas" (c-13/7/21 - Grifo nosso)

Fonte: Grifo nosso. Elaborado pela autora. Dados do X.

As palavras *machorra, maria homem, homenzinho, machinho, lésbica masculina e sapatão* revelam um padrão de nomeação que desvia a orientação sexual das mulheres para o domínio masculino, ativando *frames* que associam relações entre mulheres à figura do macho ou do homem como referência normativa. Nas expressões mencionadas, a mulher lésbica é interpretada não por meio de sua orientação afetivo-sexual, mas pela suposta ruptura com padrões de feminilidade, o que evidencia as comparações constantes com o masculino. O falante, ao usar *lésbica* ativa o *frame* identitário que reconhece a mulher como sujeito de desejo e de escolha, sem necessidade de ‘ancoragem’ do masculino.

Além do mais, nos *posts* (23a, 23b e 23c) ao afirmar que é *lésbica* a forma adequada de nomeação constitui, portanto, um processo de relexicalização que dialoga com as demais propostas inovadoras analisadas anteriormente, ao buscar romper com *frames* que associam o valor, o poder e a agência ao masculino.

O próximo tema é da proposta convencional de *mais macho que muito homem para mulherão da porra* ou *mulher é muito forte*.

Quadro 12: Dado 24 com *posts* sobre a expressão *mais macho que muito homem*

MAIS MACHO QUE MUITO HOMEM => MULHER FORTE
<p>(POST 24a) Odeio essa expressão "<u>mais macho que muito homem</u>" Ela não é macho, ela é um <u>mulherão da porra</u>.(FE - 19/1/17)</p> <p>(POST 24b) odeio a frase "<u>essa mulher é mais homem que muito macho</u>" não gente, ela é apenas um <u>mulherão da porra</u>(NT - 17/10/18)</p> <p>(POST 24c) <u>mulher é muito forte</u>. Naturalmente forte. Mulher cria coisas incríveis, passa por cima do machismo, vence preconceitos, constrói carreiras, menstrua, as vezes pari não precisa falar q "<u>é mais macho q homem</u>" nem fortalecer machismo tentando elogiar a força da mulher não, mores(CL - 27/5/18)</p>

Fonte: Grifo nosso. Elaborado pela autora. Dados do X.

Nos *posts* (24a e 24b), observa-se a rejeição da construção *mais macho que muito homem* usada para designar mulheres que demonstram força, autonomia ou destaque social. Isso porque a expressão reforça um *frame patriarcal*, em que atributos positivos como força, coragem e competência permanecem associados ao universo masculino (tal qual o Dado 18 - *eu consigo, eu sou macho*), enquanto a mulher é apenas validada quando comparada ou aproximada desse referencial. A crítica, no entanto, é direcionada à lógica de que a força feminina precisaria ser legitimada pela masculinização simbólica.

Como designação com reorientação de *frame*, os dois *posts* propõem a expressão *mulherão da porra*, que desloca o elogio para um *frame* de valorização da identidade feminina em si, sem recorrer à oposição ou a hierarquia entre gêneros. Apesar do uso da *lexia porra*, tradicionalmente associado ao masculino (sêmen), a palavra também é ressignificada nesses *posts*, passando a funcionar como um intensificador positivo. Neste contexto, *porra* funciona como marcador de ênfase e admiração, integrando um processo mais amplo de reapropriação lexical promovido principalmente por meio das redes sociais. Assim, na nova proposta de substituição, a mulher não é forte *apesar de* ser mulher, nem porque se aproxima do masculino, mas justamente por ser mulher. É claro, porém, que para haver completa desvinculação da âncora masculina, a forma da palavra (*porra*) poderia também ser substituída para não haver nenhuma marca, nem na forma nem no significado, de vinculação ao masculino.

No dado (24c), o questionamento da expressão é acompanhado por uma explicitação dos atributos que fundamentam a força feminina, sem recorrer a comparações com o masculino, talvez até mais adequada para os propósitos dos internautas do que (24b). O *post* desloca o foco avaliativo para a própria mulher, que passa a ativar um *frame* de

resistência, criação, enfrentamento e capacidade corporal e social, destacando referências como: à menstruação, à maternidade e à superação do machismo. Divergente aos *posts* (24a) e (24b), em (24c) não há uma proposta de substituição direta por outra expressão comparativa, mas a afirmação explícita de que a mulher não precisa ser medida pelo masculino para ser reconhecida como forte. O reenquadramento ocorre pela associação direta entre feminino e força.

A terceira e última categoria consiste em ***posts* questionando o uso ou substituição de algumas expressões e comentários de alguns internautas sobre a proposta**. Aqui, há interação direta entre os internautas. Essa categoria obteve quatro *posts* coletados e, em cada postagem, houve a seleção de três comentários justificáveis sobre a mudança ou não de dada palavra ou expressão.

O primeiro *post* é de um internauta questionando sobre o uso de *mãe solteira* ou *mãe solo*, amplamente discutida nas seções teóricas desta dissertação. Vejamos o Quadro 13 a seguir:

Quadro 13: Dado 25 discussões sobre as expressões *mãe solteira* e *mãe solo*

POST:
<i>(25) Gente, me ajuda: é errado falar <u>mãe solteira</u>, né? O correto é <u>mãe solo</u>? Acho que pisei na bola do terma hoje. (D.B - 16/5/19).</i>
COMENTÁRIOS:
<i>(25a) Mãe já é uma palavra forte e poderosa, não precisa ser acompanhada de nenhuma outra palavra! Diga, <u>ela é mãe</u>, e ponto! (NDCH - 17/5/19)</i>
<i>(25b) Óbvio que não, né. Uma <u>mãe solo</u> e uma mãe que tem outra estrutura familiar têm dificuldades distintas na criação dos filhos. O recorte é necessário. (DB - 17/5/19).</i>
<i>(25c) Acho que <u>mãe solo</u> é melhor. Pq <u>solteira é referente à relacionamento</u> e a categoria "mãe" extrapola isso, né? (C - 16/5/19).</i>

Fonte: Grifo nosso. Elaborado pela autora. Dados do X.

A palavra *mãe* aciona o *frame* MATERNIDADE, que relaciona valores culturais, papéis e funções sociais, deveres afetivos e ações maternas. Em (25a), quando o internauta diz que *mãe já é uma palavra forte e poderosa, não precisa ser acompanhada de nenhuma outra palavra*, há uma tentativa de neutralização dos marcadores, sem especificações do tipo 'solteira' ou 'solo'. Isso porque a palavra 'mãe', segundo o construto proposto pelo usuário do X, cobre o sentido pretendido pelo usuário da língua.

Em (25b), há um contra enquadramento, em que se afirma a importância de ter o marcador *solo* para dar visibilidade a uma experiência socialmente distinta. O internauta interpreta que, ao acrescentar a palavra *solo*, ela direciona a uma estrutura não pertencente

ao Modelo Cognitivo Idealizado (MCI)³² que se tem de família, em que a função monoparental e a falta de uma figura paterna não é comum. Assim, quando se diz *mãe solo*, é ativado o *frame* de uma estrutura familiar diferente do padrão e dá visibilidade a desigualdades e se estrutura o enunciado a partir de um recorte social. Além disso, o internauta enfatiza que é importante falar sobre esse recorte.

No comentário (25c), o usuário do *X* sugere uma diferenciação entre os sentidos ativados pelas expressões *mãe solteira* e *mãe solo*. Ao dizer *solteira* se ativa um *frame* associado ao estado civil da mulher, o que vincula a maternidade a uma ausência de relacionamento conjugal. Ao contrário, ao se dizer *mãe solo*, o foco é a função maternal e o *frame* UNIPARENTAL. Quando o enunciador diz que a *categoria mãe extrapola isso*, ele entende que a palavra *mãe* é compreendida de forma mais ampla, sem necessariamente estar condicionada à presença ou à ausência de um parceiro. Nesse sentido, surge uma reorganização do enquadramento: *mãe* é aquela responsável direta pela criação dos filhos independente de vínculos afetivos.

A análise dos comentários sobre o questionamento do uso das expressões evidencia uma disputa de sentidos em torno do *frame* MATERNIDADE. A substituição lexical proposta de *solteira* para *solo* evidencia um movimento de relexicalização que busca deslocar o foco da condição conjugal da mulher para sua estrutura familiar e os desafios que ela enfrenta. Nesse processo, observa-se uma tentativa de ressignificar socialmente a experiência materna, desvinculando-a de julgamentos morais historicamente associados à palavra que *solteira* direciona. Isso porque a expressão *mãe solteira* não ativa somente o *frame* de estado civil da mulher, mas também evoca a ideia de que, por ser *mãe sem marido*, é uma *mulher menos valorizada*, é uma *mulher fácil*, é uma *mulher com a qual homens solteiros não devem se relacionar*. Ao fazer a substituição por *mãe solo*, o enquadramento destaca especificidades sociais e políticas da maternidade exercida de forma independente, conforme apontado por internautas ao afirmarem que *o recorte é necessário* e que *a categoria mãe extrapola o relacionamento*. Em contraponto, outros enunciados propõem um apagamento dessas distinções ao afirmarem que *mãe já é uma palavra forte e poderosa*, *não precisa ser acompanhada de nenhuma outra palavra*, reforçando um *frame* universalizante que desconsidera marcadores sociais. Tais embates revelam que as escolhas lexicais não são

³² Modelo Cognitivo Idealizado é um conceito fundamental em LC. Para Lakoff (2008), MCI é definido como um conjunto complexo de *frames* distintos. Propõe que categorizamos o mundo por meio de modelos mentais simplificados.

neutras, mas carregadas de sentidos que (re)constroem visões de mundo e contribuem para (re)posicionar identidades no espaço discursivo.

O dado a seguir, (26), é o questionamento de um(a) *twitter* (a) sobre as palavras *presidente* no masculino e *presidenta* no feminino. Esse dado difere dos anteriores, porque coloca em questão um aspecto gramatical, e não necessariamente lexical, mas que, igualmente, mobiliza *frames*. O internauta questiona:

Quadro 14: Dado 26 discussão sobre a palavra *presidente* e *presidenta*

POST
<i>(26) Amigos do Brasil, alguém pode explicar o motivo para o termo "<u>presidenta</u>" ter sido tão popularizado aí, quando a palavra "<u>presidente</u>" tem gênero neutro? Vejo isso desde o tempo da Dilma, e nunca entendi o motivo. (PV - 18/1/25)</i>
COMENTÁRIOS
<i>(26a) A palavra <u>presidente</u> é masculina <u>presidenta</u> é feminino. Não é neutra (RR- 18/1/25)</i>
<i>(26b) Foi popularizado através da Dilma, primeira mulher eleita presidente da república. Muita gente acha que trata-se de uma aberração gramatical, mas não é bem assim. "<u>Presidenta</u>" é uma palavra registrada na língua portuguesa há mais de um século. Segue: Na edição de 1913, Cândido Figueiredo já registrava o termo como neologismo, hoje já não há mais razão pra usar o "neo". Em 1939, o Vocabulário Ortográfico da língua portuguesa também registrou a palavra <i>presidenta</i>. Todos os nossos principais dicionários também registram. (VS - 18/1/25) EXPLICAÇÃO CIENTÍFICA QUE ENCONTRA RESPALDO NA LITERATURA SOBRE O TEMA.</i>
<i>(26c) Porque foi a primeira mulher presidente do Brasil e o PT quis enfatizar este feito. Foi um escândalo. Mas quando se tem o aparato governamental a repetir o erro várias vezes, torna-se popular. (LCA - 18/1/25)</i>

Fonte: Grifo nosso. Elaborado pela autora. Dados do X.

No *post* (26), o usuário questiona a popularização do termo *presidenta*, partindo da premissa de que *presidente* é um substantivo de gênero neutro. Inicialmente, a compreensão no senso comum é de que determinados cargos, como o citado, possuem denominações fixas e não flexíveis, sendo o masculino interpretado como forma genérica. Nos comentários, surgem justificativas distintas: enquanto há quem associe o uso de *presidenta* a um suposto *erro* ou a uma imposição política (comentário 26c), outros internautas buscam explicar o fenômeno a partir de critérios linguísticos e históricos (comentário 26b).

A principal forma alternativa discutida é justamente *presidenta*, apresentada não como inovação recente, mas como forma própria da língua portuguesa. O comentário (26a) é direto em apontar a oposição masculino e feminino (*presidente/presidenta*), enquanto o comentário (26b) reforça essa alternativa ao mostrar que a forma feminina possui registro lexical consolidado, citando dicionários e registros históricos. Esse tipo de comentário mostra que, nas redes sociais, o questionamento lexical não se limita a opiniões pessoais,

mas pode ser sustentado por conhecimento especializado, contribuindo para a legitimação do uso de *presidenta*. Em contrapartida com os comentários (26a e 26b), o comentário (26c) rejeita a forma alternativa e defende a manutenção exclusiva de *presidente*.

A forma *presidente*, quando tratada como *neutra*, mantém um sentido historicamente associado ao masculino como padrão. Já *presidenta* passa a carregar o sentido de explicitação da presença feminina em um cargo de poder, o que explica tanto sua defesa quanto a sua rejeição. A relexicalização, nesse caso, não ocorre pela criação de uma nova palavra, mas pela reintrodução de uma forma já existente na língua.

A próxima discussão é sobre a expressão *tomara que caia*, popularmente dado a uma peça feminina de roupa sem alças. No *post*, faz-se a proposta substitutiva para *blusa sem alça* e os comentaristas expõem suas opiniões. Vejamos o Quadro 15:

Quadro 15: Dado 27 discussões sobre a mudança da expressão *tomara que caia* para *blusa sem alça*

POST (27) <i>O que acham da mudança de nome de "tomara que caia" para "blusa sem alça"? (D - 5/3/20)</i>
COMENTÁRIOS (27a) <i>Tem fundamento. Por mais irrelevantes que possam parecer, acho importante ressignificar das coisas mais simples às mais complexas. (DQF - 5/3/20)</i> (27b) <i>Boring (MN - 5/3/20)</i> (27c) <i>Quando falam tomara-que-caia eu nem penso no que o nome representa. Se forma como uma palavra só que até já perdeu o sentido. (GP - 6/3/20)</i>

Fonte: Grifo nosso. Elaborado pela autora. Dados do X.

A expressão convencional carrega, em sua construção sintática, a ideia de desejo ou expectativa (*tomara*) de queda de roupa, remetendo implicitamente à exposição do corpo feminino. Mesmo que esse sentido não seja conscientemente acessado pelos falantes, o questionamento revela uma sensibilidade social quanto à expressão que historicamente se constrói sobre o corpo da mulher. O comentário (27a) defende essa causa ao explicar que a ressignificação deve começar pelas coisas *simples*. A proposta substitutiva é *blusa sem alça*, uma denominação descritiva, objetiva e funcional. Essa forma elimina o componente metafórico e avaliativo presente na expressão anterior, alinhando-se a uma tendência linguística mais neutra e informativa, sem desrespeitar ou ativar um *frame* expectativo associado ao feminino.

Em *tomara que caia*, há um sentido metafórico associado à possibilidade de falha, exposição ou acidente envolvendo o corpo feminino. Em *blusa sem alça*, o sentido

concentra-se apenas na característica material da peça. O comentário (27c) chama a atenção para o fato de que, para muitos usuários da língua, *tomara que caia* já sofreu um *processo de desbotamento semântico (bleaching)*, passando a ser percebido como uma unidade lexical fixa, com perda do sentido original de desejo de queda.

Essa proposta de substituição feita pelo internauta exemplifica como a relexicalização atua na revisão de sentidos historicamente associados à mulher, mesmo quando esses sentidos já se encontram parcialmente apagados pelo uso. Ao propor uma forma substitutiva, os internautas reativam a discussão sobre como a linguagem participa da normalização de certos olhares sobre o corpo feminino. Os comentários revelam diferentes posicionamentos: desde adesão consciente à mudança (27a), passando pela rejeição ou indiferença (27b), até a explicação do processo semântico de perda de significado (27c).

O próximo e último *post* é discussões em torno da palavra *piriguete* (exatamente com essa grafia). O internauta pede para os outros ensinarem o porquê de a palavra ser ofensiva.

Quadro 16: Dado 28 sobre a palavra *piriguete*

POST
<i>(28) gente eu não sabia que <u>piriguete</u> era um termo ofensivo. mim ensina. (L - 25/3/23)</i>
COMENTÁRIOS
<i>(28a) Conheço como <u>mulher bonita</u> (TS - 25/3/23)</i>
<i>(28b) Pois é eu ouvi algumas músicas muito legais do Morro da Conceição, no Recife e várias usam o termo <u>piriguete de uma forma carinhosa</u>. Então não sei. (PDA - 25/3/23)</i>
<i>(28c) Pra mim é carinhoso... chamo minhas amigas de "<u>piri</u>"... Se quero ofender, chamo de <u>put@</u> logo! (IS - 25/3/23)</i>

Fonte: Grifo nosso. Elaborado pela autora. Dados do X.

No *post* em que a internauta questiona se *periguete* é um termo ofensivo, os comentários (28a), (28b) e (28c) evidenciam a coexistência de *frames* distintos associados à mesma palavra. No uso tradicional, *periguete* evoca um *frame* moralizante, que associa a mulher à *promiscuidade*, ao *excesso de exposição do corpo* e à *vigilância de seu comportamento sexual*, elemento recorrente na construção patriarcal do feminino. Nos comentários analisados, porém, observamos a ativação de *frames* alternativos: no comentário (28a), a palavra é reinterpretada por meio de um *frame* estético-positivo, no qual *piriguete* passa a significar *mulher bonita*. No comentário (28b), o uso em músicas populares mobiliza um *frame* lúdico-afetivo, que ressignifica a palavra de modo carinhoso e, ao mesmo tempo, ironiza seu valor pejorativo original. Em (28c) a palavra é inserida em um *frame* de

intimidade e cumplicidade entre mulheres, no qual seu potencial ofensivo é atenuado por laços sociais específicos, enquanto a ofensa é deslocada para outros itens lexicais mais marcadamente agressivos. Apesar dessas tentativas de reenquadramento, há uma limitação à circulação neutra da palavra, pois os novos *frames* só se estabilizam em contextos restritos, não apagando completamente o *frame* moralizante historicamente associado à palavra. Isso mostra que a relexicalização de perigete opera por sobreposição de *frames*, revelando tensões contínuas na disputa pelos sentidos atribuídos à mulher na linguagem cotidiana.

Feitas essas análises dos dados e as discussões, passamos à próxima e última seção.

SEÇÃO VI

CONCLUSÃO

Este trabalho evidencia um amadurecimento teórico-analítico baseado na perspectiva da Linguística Cognitiva, especialmente nas contribuições de Fillmore (2009) e de Langacker (2008). A partir da noção de *frames* proposta por Fillmore, compreendidos como estruturas de conhecimento que organizam e orientam a interpretação dos sentidos, e da perspectiva de Langacker, segundo a qual o significado emerge de processos de conceptualização relacionadas ao uso e à experiência, a análise dos dados demonstrou que escolhas lexicais não são neutras, mas mobilizam modelos cognitivos socialmente compartilhados.

As perguntas de pesquisa desta dissertação giraram em torno dos seguintes questionamentos: 1) que palavras e expressões são questionadas, nas redes sociais, de serem usadas no cotidiano no que se refere à mulher?; 2) que causas são apontadas para justificar o questionamento?; 3) que formas alternativas são propostas no lugar das palavras questionadas?; 4) que *frames* evocam o primeiro e o segundo tipo de palavras?; 5) como a relexicalização e o reenquadramento *frâmico* podem contribuir para a alteração de *frames* cognitivos construídos ao longo da história dos indivíduos?

De maneira mais geral ou mais específica, a análise dos dados procurou responder a tais perguntas, evidenciando como processos de par designativo em competição de *frames*, no contexto das redes sociais, operam como um mecanismo relevante de questionamento e de reorganização de sentidos associados à mulher no discurso cotidiano.

A análise dos dados mostrou, por exemplo, que palavras e expressões convencionais marcadas pela cultura patriarcal passam a ser reavaliadas, dando visibilidade a processos de ressignificação que refletem transformações sociais mais amplas. A língua, como mencionado anteriormente, é um organismo vivo e a linguagem passa por diferentes transformações. Os achados deste trabalho indicam que a linguagem cotidiana constitui um espaço central de disputa simbólica no que se refere à construção dos sentidos associados à mulher. Observamos, por exemplo, que a especificação lexical de mulher em expressões como *mulher de fulano* pode acionar *frames* que a minimizam ou a subordinam ao homem, destacando assimetrias historicamente naturalizadas nas relações de gênero. Em divergência, a substituição dessas expressões por formas alternativas evidencia o potencial de

relexicalização para tensionar e desconstruir estruturas cognitivas formadas ao longo da trajetória do ser humano enquanto sujeito social inserido em uma sociedade patriarcal.

Os dados analisados também revelaram a recorrência de assimetrias linguísticas na forma como mulheres e homens são nomeados e avaliados socialmente. Expressões como *mulher de vida fácil* carregam uma carga negativa e sexual, enquanto construções similares aplicadas aos homens tendem a assumir sentidos positivos ou, ao menos socialmente aceitos. Fenômeno semelhante ocorre na atribuição de nomes próprios que tornam-se pejorativos quando designados a mulher. Enquanto nomes como *Amélia* e *Jezabel* são frequentemente associados à *submissão* e *sedução*, nomes como *Ricardão* e *Don Juan* evocam *frames* associados à virilidade e à admiração social.

Outro achado desta dissertação é com as tendências animais direcionadas ao feminino, em expressões como: *mãe coruja*, *fêmea fácil*, *fêmea alfa*, que associam a mulher à docilidade ou ao instinto, mas que reforçam modelos cognitivos de naturalização e comportamento feminino.

No que diz respeito às expressões convencionais analisadas nos *posts* dos internautas, verificamos que elas acionam, em grande parte, *frames* de submissão, enfraquecimento, dedicação ao espaço doméstico e apagamento da autonomia feminina. Ao contrário, as expressões inovadoras sugeridas pelos internautas tendem a mobilizar *frames* de valorização, empoderamento e simetria em relação ao sexo masculino, sem recorrer à lógica do rebaixamento ou da comparação hierarquizante. Em alguns casos, essa transformação ocorre por meio da **mudança parcial** ou da **extensão do significado (grifo nosso)**, como analisamos em expressões que deslocam relações de localização espacial (*atrás de um grande homem há sempre uma grande mulher* para *ao lado de uma mulher há outras grandes mulheres*) ou que ressignificam por meio do humor, como em *dona de casa*, reinterpretada não como sujeição ao trabalho doméstico e cuidadora do lar, mas como condição de proprietária.

Outro resultado relevante é em relação à convivência de significados díspares em circulação simultânea, como exemplo a palavra *periguete*, que pode acionar tanto sentidos negativos quanto usos afetivos, irônicos ou de reaproveitamento identitário, dependendo do contexto de uso. Esse fator evidencia que a relexicalização não implica necessariamente apagamento imediato de sentidos rotulados socialmente estabilizados, mas sim a sobreposição e negociação contínua de *frames* em disputa.

Nesse processo, as redes sociais configuram-se como relevantes agentes de letramento na contemporaneidade, na medida em que funcionam como espaços de circulação, visibilidade e amplitude de debates metalinguísticos que integram o cotidiano dos usuários. As interações analisadas evidenciam que, ao problematizar palavras e expressões naturalizadas, os sujeitos dialogam com debates já endossados por instituições jurídicas e legislativas, como Ministérios Públicos, Tribunais e o próprio Legislativo. O letramento, nesse contexto, não se restringe ao ambiente escolar ou às práticas formais de ensino, mas se constrói também por meio das interações discursivas mediadas pelas plataformas digitais. O contato com determinados posicionamentos, narrativas e enquadramentos interpretativos, os sujeitos podem ressignificar crenças, adotar novas perspectivas e modificar suas práticas discursivas, o que mostra os processos efetivos de aprendizagem e de letramento. No entanto, tais ambientes também podem favorecer práticas de desletramento, a depender dos discursos consumidos, das ideologias reforçadas e dos modos de engajamento do usuário.

As contribuições deste trabalho estão nos seguintes fatos e possibilidades: 1) o trabalho mostra como a dinamicidade dos fatos sociais influenciam a dinamicidade linguística; 2) a descrição e reflexão sobre os processos de ressignificação lexical a partir do estudo da língua em uso; 3) a colocação em foco da temática da substituição lexical no contexto das lutas das mulheres pode contribuir para que haja maior reflexão sobre alteração de *frames* subjacentes e, com isso, podem surgir novas políticas públicas de reeducação para o respeito, para a tolerância, para a equidade; 4) a dissertação pode subsidiar práticas pedagógicas voltadas para a educação linguística sensível às questões de gênero, uma vez que a educação, desde a mais tenra idade, é o caminho mais natural para que, aos poucos, a cultura de violência contra a mulher possa mudar e os índices de feminicídio também.

Entre os desafios enfrentados para a produção deste trabalho, está, por exemplo, a dosagem adequada entre a manutenção da cientificidade do texto com o engajamento na questão social. Foi também um desafio lidar com conceitos teóricos muito próximos como *frame*, *framing*, *reframe*, *ressignificação*, *modelo cognitivo idealizado* dentre outros. Além disso, pensar sobre de onde parte a proposta de substituição lexical - se das mídias, se das instituições, se dos movimentos sociais, se dos sujeitos individuais - é sempre um desafio, porque se tem a impressão que todos esses agentes atuam em conjunto.

Para finalizar, o estudo demonstrou que a reflexão linguística realizada por não linguistas contribui significativamente para a construção de uma *epilinguagem* e de uma

metalinguagem social coletiva, capaz de problematizar usos naturalizados e propor alternativas simbólicas mais equitativas. Ao questionar quais palavras e expressões são usadas para se referir à mulher, quais causas motivam esses questionamentos, quais formas alternativas são propostas e quais *frames* são mobilizados por cada escolha lexical, este trabalho evidencia que a relexicalização e o reenquadramento frâmico desempenham papel central na possibilidade de alteração de modelos cognitivos historicamente construídos, apontando para caminhos de transformação simbólica nas relações de gênero mediadas pela linguagem.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. **Linguística Cognitiva: uma visão geral e aplicada**. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.
- ABREU, A. S. **Gramática integral da língua portuguesa: uma visão prática e funcional**, 2 ed. Cotia, São Paulo: Ateliê & Chan Ed, 2022.
- AZEVEDO, M. A.; DE SOUSA, L. D. Empoderamento como representatividade das mulheres na sociedade. **Coisas do gênero**. Revista de estudos feministas em teologia e religião, v. 5, n. 1. 2019. p. 170-178.
- ARISTÓTELES. **A política**. 2. ed. Bauru, São Paulo: Edipro, 2009.
- BAKHTIN-VOLOSHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BALDO, A. Frames cognitivos e interacionais na compreensão de expressões idiomáticas em L2: um estudo de caso. **Signótica**. Goiânia, Goiás, v. 27, n. 2. 2015. p. 325–350.
- BARONAS, R. L.; COSTA, J. L.; CONTI, Tamires. CB Resignificação discursiva em diferentes contextos:: linguística popular e ludolinguistas. **Revista da Anpoll, Florianópolis**, v. 52, n. 1, p. 15-33, 2021.
- BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- BERTH, J. **Empoderamento: feminismos plurais**. Coordenação de Djamila Ribeiro. São Paulo: Pólen, 2019.
- BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. **Filologia e linguística portuguesa**, v. 2, n. 1. 1998. p. 81-118,
- BIDERMAN, M. T. C. Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 47, n. 1, 2003. P. 53-69.
- CHIAVEGATTO, V. C. Introdução à Linguística Cognitiva. **Matraga** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, [S. l.], v. 16, n. 24, 2009. p. 77-96.
- CONNEL, R. **La organización social de la masculinidad**. [S.l.]: [s.n.], 1995. Disponível em:
<https://www.psi.uba.ar/academica/carrerasdegrado/psicologia/sitios_catedras/electivas/105_estudios_genero/material/archivos/la_organizacion_socia_de_la_masculinidad.pdf>
Acesso em: 01 de julho de 2025.
- CORALINA, C. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: José Olympio, 2012.
- COTTA, D.; FREITAS, R. F. Narrativas e políticas corporativas sobre diversidade, equidade

e inclusão. In: **XIX CONGRESSO ABRAPCORP**. 2025. p. 1-23.

CUNHA, A. G da. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.

DOS SANTOS, M. de J.; TOMAZ, L. S. do N. M. Nomes e Sobrenomes das Mulheres no Brasil: Marcas da Violência Patriarcal. **Cadernos Cajuína**, v. 9, n. 6, p. e249622-e249622, 2024.

DUQUE, P. H. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em frames. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 39, 31 dez. 2015. p. 25–48.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2023.

FILLMORE, C, J. **Semântica de Frames**. Trad. Galeno Fae da Silva. Cadernos de tradução. n.25. jul/dez. 2009.

FONTES, A. A. M. **Lexias sexistas e violência política de gênero no twitter**. 2023. Dissertação de mestrado. Fortaleza, Ceará.

FRAZÃO, M. C. P. **A imagem das mulheres nas propagandas da cerveja skol entre a objetificação e o empoderamento**. Trabalho de Conclusão de Curso. 2017.

GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford Handbooks 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

GONÇALVES, C. A. Uma análise construcional das (de) formações lexicais com os nomes do atual chefe do executivo. **Gragoatá, Niterói**, v. 25, n. 52, p. 648-687, 2020.

HELLER, E. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. Editora Olhares, 2022.

HINTZE, H. Como a mulher está na língua do povo? Estudo crítico dos significados de ‘mulher’. In: LAZIER, A.; DINIS, E, C. **Mulheres em contexto**. 1. ed., Piracicaba, São Paulo: GM Editorial, 2024. p. 108. 2024.

KOZINETS, R. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

LAKOFF, G. **Don't Think of an Elephant: Know Your Values and Frame and Debate**. Hartford: Chelsea Green Publishing. 2004

- LAKOFF, G. **Thinking points**: communicating our American values and vision. Macmillan, 2006.
- LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things**: what categories reveal about the mind. University of Chicago press, 2008.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Coordenação de tradução Mara Sophia Zanotto. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2002.
- LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar**: A basic introduction. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- LANGACKER, R. W. **Ten Lectures on the elaboration of cognitive grammar**. Leiden/Boston: Brill, 2017.
- LIMA, M. C.; SILVA, L. A da.; SOUZA, C. N de. Funcionalismo e Cognição. In: NOGUEIRA, M. T.; PRATA, N. P. P. (Org.). **Funcionalismo Linguístico**: domínios de investigação. 1. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2024. p. 51-70.
- LOVEJOY, A. O. **A grande cadeia do ser**: um estudo da história de uma ideia. Tradução de Aldo Fernando Barbieri. São Paulo: Palíndromo, 2005.
- LUCENA, J. R. de L. **“Não se nasce mulher, torna-se mulher”**: a (re) construção do conceito de gênero e a superação de limitações teóricas. 2008.
- MASCARELLO, L. J. Gramática, Significado e Cognição: relação entre linguagem e mente. **Caminhos em linguística aplicada**, v. 7, n. 2. 2012. p. 140-154.
- MENDES, R. S.; VAZ, B. J. de O.; CARVALHO, A. F.. O movimento feminista e a luta pelo empoderamento da mulher. **Gênero & Direito**, v. 4, n. 3. 2015. p. 88-99.
- MENDES, D. S. **Modelagem automática de perfis de usuários do Twitter utilizando diferentes técnicas de enriquecimento semântico**. 2017. Dissertação de mestrado. Lavras, Minas Gerais.
- NEVES, M. H de M. **A gramática do português revelado em textos**. São Paulo: Editora Unesp. 2018.
- OLIVEIRA, L. R. M de. **A relexicalização na esfera midiática**: análise das inovações lexicais segundo a análise de discurso crítica. 24 f. 2017. Monografia (Especialização em Revisão de Texto) – Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento, Centro Universitário de Brasília, Brasília.
- PALMA, A. C. G.; DOS SANTOS SÁ, M. A. Á. A construção do feminino e as mudanças na sociedade moderna. **Revista Ciências Humanas**, v. 4, n. 1, 2011. p. 82-97.
- PAVEAU, M. A.; BARONAS, R. L.; LOURENÇO, J. C. **Ressignificação em contexto digital**. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

PAWLEY, A. Using He and she for inanimate referents in English: questions of grammar and world view. In: ENFIELD, N. J. **Ethosyntax: explorations in grammar and culture**. Oxford University Press, 2002. p.110-137.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Revista de sociologia e política**, v. 18. 2010. p. 15-23.

RIBEIRO, N. M. M.; SILVA, L. A. da. Substituição lexical nos usos linguísticos: discussão de internautas sobre unidades lexicais relativas à raça. **Entrepalavras**, v. 14, n. 2. 2024. p. 24-46.

ROBSON Jr. P.; TROUTMAN-J. M. A Concept Analysis of Cognitive Reframing **Journal of Theory Construction & Testing**; Lisle Vol. 18, Ed. 2, 2014. p. 55-59.

ROCHA, D. et al. Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, de Olympe de Gouges. **Translatio**. Revista do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. n. 17 (jun. 2020), 2020. p. 182-189.

ROCHA, C. A. de M.; ROCHA, C. E. P. de M. **Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

RODRIGUES, E. P. **Conceptualizações de professor/a em memes: estudo à luz da semântica cognitiva sócio-histórica**. 2022. Tese de Doutorado. Salvador, Bahia.

SILVA, A. S. da. A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades: Estudos Linguísticos**, 1997.

SILVA, L. A. C. da. **Feminismos de primeira onda no Ceará: paradoxos e possibilidades a partir das disputas pelo voto feminino na imprensa (1900-1933)**. 2019. 153f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza, 2019.

ZENHA, L. Redes sociais online: o que são as redes sociais e como se organizam? **Caderno de Educação**, n. 49. 2018. p. 19-42